



DEFESA DO CONSUMIDOR

Procon-PB elevará fiscalização sobre comércio de combustíveis

Órgão prepara-se para intensificar ações em postos e distribuidoras visando coibir práticas abusivas. **Página 4**

Foto: Evandro Pereira



Período chuvoso prejudica moradores de áreas ribeirinhas

Alagamentos constantes provocados por intensas precipitações geram perda de bens materiais, causam prejuízos à saúde e ameaçam a permanência de famílias que residem em 11 dessas comunidades em João Pessoa. Trabalho preventivo e serviços de limpeza ajudam a minimizar os impactos nesses locais.

Página 5

Botafogo enfrenta o Paysandu, hoje, em busca da reabilitação na Série C

Primeira partida do Belo sob o comando de Marcelo Fernandes acontece, às 19h, no Estádio Curuzu, em Belém (PA).

Página 24

Dia do Sertanejo celebra a cultura e a resiliência do povo nordestino

Data exalta a culinária, os festejos, o folclore, a ancestralidade e o orgulho de uma identidade marcada pela resistência.

Página 6

Foto: Roberto Guedes



Fortaleza de Santa Catarina resiste ao desgaste do tempo e preserva a história

Construção de 1589, situada em Cabedelo, é um dos principais cartões-postais do estado, recebendo mais de 70 mil visitantes por ano.

Página 8

■ “Com a velhice, passei a sonhar em demasia, não daqueles sonhos passageiros que largamos na cama ou na rede tão logo acordemos”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Não adianta pensar na poesia como realidade social, capaz de incidir no gosto e no modo de ver e pensar coletivo”.

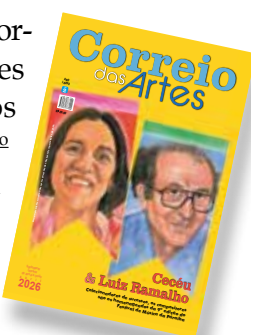
Kubitschek Pinheiro

Página 10

Correio dos Artes

Luiz Ramalho e Cecéu elevaram a música da PB

Edição destaca a importância dos compositores paraibanos, que são os homenageados no 9º Festival de Música da Paraíba, cujas canções romperam as fronteiras do estado.



■ “Naquele mundo infantil, em que a imaginação se misturava às imagens dos filmes de dinossauros da época, tudo parecia gigantesco”.

Claudio Furtado

Página 19

Editorial

Trabalhar para viver

O acaso reservou para esta semana que passou uma daquelas coincidências que parecem desenhadas pela história: às vésperas do 1º de maio, o Senado infligiu ao governo Lula a primeira rejeição de um indicado ao Supremo Tribunal Federal em 132 anos. Enquanto as ruas se preparam para as manifestações do Dia do Trabalhador, os corredores do Congresso expuseram, com nitidez, as tensões que atravessam a relação entre o Executivo e o Legislativo.

A dimensão desse revés revela-se pelo ineditismo. Desde 1894, quando Floriano Peixoto governava um país recém-saído da monarquia, o Senado não barrava a escolha de um presidente para a mais alta corte do país. A votação secreta que sepultou a indicação de Jorge Messias é o desfecho de um distanciamento progressivo entre o Planalto e o presidente da Casa, Davi Alcolumbre.

O governo interpretou a aprovação anterior de Cristiano Zanin e Flávio Dino como um sinal de força que o tempo tratou de relativizar, subestimando o desgaste acumulado pela paralisia decisória e pela dificuldade de construir uma base parlamentar resiliente.

Se a rejeição do indicado expõe a face mais imediata do conflito entre os poderes, a agenda que mobilizou as centrais sindicais neste 1º de maio revela outra camada do mesmo fenômeno. A redução da jornada de trabalho sem corte salarial — bandeira que unificou os atos do Dia do Trabalhador em todo o país — ecoa o gesto simbólico do Palácio do Planalto, que enviou ao Congresso um projeto de lei com urgência constitucional para instituir a semana de 40 horas e extinguir a escala 6x1.

A data, cuja origem remonta à greve de Chicago de 1886 pela jornada de oito horas, converte-se assim num espelho: o mesmo Congresso que rejeitou a indicação a ministro do STF é chamado a votar uma pauta que atualiza, século e meio depois, o núcleo da luta operária.

A tramitação paralela de projetos de lei e propostas de emenda constitucional na Câmara e no Senado demonstra que o tema ganhou musculatura própria, para além da iniciativa governamental. Enquanto o PL do Executivo propõe 40 horas semanais com implantação imediata, as PECs de Erika Hilton e Reginaldo Lopes preveem modelos que vão da escala 4x3 à redução gradual para 36 horas ao longo de uma década.

A comissão especial instalada em 29 de abril promete entregar um texto até o fim de maio, mas as divergências sobre prazos de adaptação e eventuais compensações ao setor produtivo indicam que a negociação será tão tensa quanto a que se travou nos bastidores da sabatina de Messias.

A ironia é que o movimento sindical chega ao 1º de maio fortalecido por indicadores históricos do mercado de trabalho — menor desemprego em décadas e aumento da massa salarial —, enquanto o governo que reivindica esses números como conquista sofre a mais eloquente derrota legislativa do terceiro mandato de Lula.

As centrais entregaram ao Planalto uma pauta com 68 reivindicações; o Planalto, por sua vez, depende do mesmo Parlamento que acaba de lhe negar a prerrogativa de compor a Suprema Corte para aprovar qualquer uma dessas medidas.

O que une esses dois episódios — a rejeição de um jurista ao STF e a marcha pela redução da jornada — é a demonstração clara de que o centro gravitacional da política brasileira migrou para o Legislativo, num momento em que a sociedade exige respostas concretas para dilemas que atravessam séculos.

O Dia do Trabalhador de 2026 será lembrado por ser o dia seguinte a uma votação que redefiniu os limites da autoridade presidencial. Resta saber se o Congresso, que soube dizer “não” ao nome de Messias, terá a mesma disposição para dizer “sim” a milhões de brasileiros que esperam, desde 1886, trabalhar para viver, e não viver para trabalhar.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

O conservadorismo moral

Nos últimos dez anos, passamos a conviver com uma batalha moral no ringue da política brasileira. O conservadorismo moral está no cerne das lutas por narrativas que têm garantido o fortalecimento da direita nacional-populista pós-moderna, ao despertar múltiplos alicerces morais em seus seguidores. Considerando que o Brasil tem uma população majoritariamente conservadora em relação aos costumes, à moral e à cultura, esse discurso utilizado tem um forte apelo emocional.

O conservadorismo é um pensamento político que se diz defender a manutenção das instituições sociais tradicionais, como a família, a comunidade local e a religião, opondo-se a qualquer tipo de movimentos revolucionários e de políticas progressistas. Os ideólogos da extrema direita atuam como se estivessem em defesa da ordem, da justiça e da liberdade. Por conta disso, tentam censurar escolas e manifestações artísticas, como se fazia durante o período da ditadura militar. Estabelece-se uma guerra contra o que chamam de “marxismo cultural”, conforme denominou Olavo de Carvalho, elaborando uma retórica que possa exprimir medo e ódio em grande parcela da população, que se sente insegura, manipulando mentes no convencimento de que corremos o risco da implantação do comunismo.

Seus seguidores sucumbem a apelos tecnicamente bem planejados, por lideranças que buscam o atendimento dos seus interesses pessoais e políticos pela dominação. Incitam a crença cega para promover a submissão a autoridades com vocação despótica. A questão religiosa consiste em um pano de fundo para desestimular indagações sobre valores cristalizados e assim provocar uma subordinação a interesses alheios à própria religião, alinhados a perspectivas políticas antidemocráticas.

O conservadorismo autoritário que ressurgiu no Brasil recente se apoia na visão fundamentalista de que o mundo deve ser concebido binariamente, dividido em dois grupos: um supostamente do bem e o outro representando o mal. Aí se afirma a grande contradição com

a democracia, uma vez que suscita um nacionalismo beligerante, adotando uma postura de guerra contra o inimigo, baseada na obediência irrestrita à hierarquia verticalizada e autoritária. Expõe, então, o sistema democrático à predominância do anti-intelectualismo, subestimando a nossa capacidade de pensar. Nas pautas da extrema direita, se evidenciam propostas políticas que se opõem aos movimentos LGBTQIA+, negros e feministas. Percebe-se, todavia, que o discurso falso moralista esbarra, muitas vezes, no comportamento em contrário do que pregam.

O conservadorismo moral se coloca contra o mundo moderno, com o objetivo de se tornar uma referência social, ética e política. A nossa formação sócio-histórica, advinda da estrutura escravista colonial da sociedade brasileira, dificulta que as ideias revolucionárias se afirmem. O pensamento conservador, como expressão ideológica, ganhou ascensão no campo político contemporâneo, alimentando o sistema capitalista. Esse contexto exige que se intensifique a defesa da democracia, livrando-a das constantes ameaças que vem sofrendo. É preciso enfrentar essa ideologia política reacionária, avessa à democracia, às minorias e à ciência.

“

O pensamento conservador, como expressão ideológica, ganhou ascensão no campo político contemporâneo, alimentando o sistema capitalista

Foto Legenda

João Pedrosa



À mão

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Dominique – nique – nique

Com a velhice, passei a sonhar em demasia, não daqueles sonhos passageiros que largamos na cama ou na rede tão logo acordemos, mas nesse declínio de dias ansiosamente contados que os pesadelos da vida ativa parecem transferir-se para o nosso travesseiro. E haja situações absurdas. Uma torre de igreja que desabou com a obra em construção, num pôr de sol de minha infância em Alagoa Nova, ainda hoje acontece nas noites do menino velho.

Mas há momentos de exceção benfazeja que, de muito longe, vêm nos restituir a vida que havíamos deixado, no meu caso particular, à entrada do hospital sem muita esperança de retomá-la.

Sim, havíamos deixado lá fora uma atividade que, em doze anos de vivência entre os pessoenses e de estágio em estágio, vinha sendo ansiosamente construída. Já tínhamos um nome, uma referência quando o pneumologista Marcos Pedro da Silva, companheiro antigo da Casa do Estudante, viu decretada numa radiografia levantada de seu birô, entre nossos olhos, a alternativa do internamento.

“Você já tem filhos, uma mulher e, descuidado como sempre foi, tem de ser internado no Clementino Fraga. Eu cuido disso”.

E eis-me vestido de mescla azul, número 32, pavilhão 3, tendo de fazer novos amigos e usar máscara enquanto não me livrar do bacilo.

Oitenta leitos, um próximo do outro, em oitenta mundos diferentes. A noite perdera a fala, era proibido conversar, cada um a se contentar com suas lembranças e apreensões. Perto de mim, um magro que era o comprimento da cama, os dois braços atrás da nuca e a imaginação de olhos no teto. Virei-me para o outro lado, a atenção dispersa no vazio mais nebuloso de todas as vigílias, mas tentando evitar a autocomiseração.

Vem o golpe de 64 e puxa a escada que já havia me levado a serviço da Universidade. Era fim de março ou 1º de abril, eu com quatro meses de

“

Vem o golpe de 64 e puxa a escada que já havia me levado a serviço da Universidade. Era fim de março ou 1º de abril

sanatório, mas ainda não liberado para voltar à luta, a novas oportunidades de trabalho. Restara-me o fixo do jornal oficial, um terço dos meus ganhos. A mulher, nas visitas do domingo, tentava me tranquilizar: “Os meninos estão bem (já eram três) e o que pude guardar até agora dá para o gasto”. Persignava-se.

É neste cenário que os democratas de hoje hasteiam a mesma bandeira dos democratas de 64, numa madrugada invernal deste fim de abril, que me vejo acordar de um sonho aberto naquele 1964 da vida real com a música mais que alegre entoada por uma freira dominicana da Bélgica, a Irmã Sorriso, para todos os infelizes do mundo. Não fala nisto, a isto não se propõe, mas é o que consegue, numa voz bem clara, emanada do céu, das nuvens, sei lá de onde: Dominique – nique – nique, a povoar todas as solidões do mundo, particularmente a daquela manhã de sol a me pertencer com exclusividade para receber a notícia de alta.

“Vista-se, seu Gonzaga, sua roupa saiu do armário, assinaram sua alta” — veio avisar a auxiliar de enfermagem, Mercês, um sorriso discreto com a máscara a ocultar a expressão dos lábios. Mas, no sonho de agora, só a música da Irmã Sorriso ressurgiu viva, a mesma mensageira superior ao tempo.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA-PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, nº 451 — CEP 58.082-010 — Distrito Industrial — João Pessoa (PB)

Gisa Veiga
GERENTE-EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (83) 3218-6500

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (assinaturas)

ASSINATURAS IMPRESSAS: anual R\$ 404,25 / semestral R\$ 202,12 / número atrasado R\$ 4

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor, exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.



Foto: Evandro Pereira

Unidade anexa ao hospital da rede estadual de saúde é a primeira em atendimento especializado à população trans no Nordeste

NO CLEMENTINO FRAGA

Ambulatório oferece cuidado a pessoas trans

Unidade de saúde já realizou 2,6 mil atendimentos de janeiro a abril deste ano

Iris Machado
 irismchdo@gmail.com

A primeira unidade de atendimento especializado à população trans no Nordeste surgiu na Paraíba, anexa ao Complexo de Doenças Infecciosas Dr. Clementino Fraga, em João Pessoa. Ativo há 13 anos, o Ambulatório de Saúde Integral para Travestis e Transexuais Fernanda Benvenutty hoje acompanha 1,6 mil usuários. Em 2026, de janeiro a abril, a equipe hospitalar já realizou 2,6 mil atendimentos e 24 cirurgias de mastectomia.

Também foi lá onde a professora Daffny Mendes, de 31 anos, teve o primeiro acesso aos serviços do Sistema Único de Saúde (SUS). Moradora de Pitimbu, no Litoral Sul do estado, ela realiza consultas a cada dois meses na unidade para o monitoramento do processo de terapia hormonal, que iniciou em 2018. “Com o passar do tempo, o atendimento melhorou muito. As coisas eram mais difíceis. E eu moro em área rural, aí é mais dificuldade ainda. Dói, mas a pessoa entrega na mão de Deus e vai. Vida que segue. Aqui, eu vou

ao psiquiatra, endocrinologista, psicólogo”, revela.

Sem oportunidades de emprego onde mora, Daffny trabalha como garçonete em um restaurante. Começar a hormonização, para ela, simbolizou uma transformação na autoestima e no bem-estar, uma representação concreta da cidadania. Agora, a possibilidade de ser quem é, por meio dos procedimentos de afirmação de gênero, desperta a esperança de dias melhores: um futuro no qual a felicidade é uma certeza, em que ela atua na área que deseja e vive como sonha.

“Eu queria que abrissem mais portas para as pessoas trans, todo tipo de pessoas trans. Lá onde eu moro mesmo, eu não vejo nenhuma assim, como eu, trabalhando. Não vejo no mercado, não vejo em uma escola, não vejo em uma recepção pública, não vejo em canto nenhum. Eu não vejo. Quero que as pessoas trans procurem os seus direitos, tomem seus hormônios direitinho e, no futuro, aqui, no Clementino, a gente consiga fazer nossas cirurgias”, frisou.

Daffny não é a única que expressa esse sentimento,

como avalia o gerente da unidade, Sérgio Araújo. Manter um ambiente confortável e seguro à população trans consiste em uma preocupação da própria equipe profissional. Tanto o núcleo central, de tratamento de doenças infectocontagiosas, quanto o Ambulatório TT, possuem pessoas trans no quadro de funcionários.

“Desde a entrada do usuário aqui, a gente já chama e o trata pelo nome social. A gente esquece o nome civil, mesmo que as pessoas não tenham retificado ainda, até para facilitar a identificação para todos os profissionais. Se as pessoas procuram um ambiente que seja delas, um ambulatório de saúde integral para travestis e trans, e ainda existir preconceito, de que vale esse ambulatório? Para trabalhar conosco, a equipe precisa ser muito coeso. Tem que ter uma visão para além do que você faz. Além de ser profissional, você tem que amar o que você faz e quem você vai atender. A equipe toda fala a mesma língua”, pontuou.

Multiprofissional, o atendimento envolve assistentes sociais, enfermeiros, técnicos

de enfermagem, psicólogos e psiquiatras, além de endocrinologistas, dermatologistas, ginecologistas, fisioterapeutas e mastologistas. Esse acompanhamento estende-se a todo o processo cirúrgico, do pré ao pós-operatório. “Em outros estados, não tinha ainda ambulatório. Nós fomos o primeiro do Nordeste. A gente acolheu pessoas de Aracaju, pessoas de Natal, mas agora, como todos os estados já têm, a demanda é só estadual. Mas não reprimimos nenhuma por conta disso. Todos os nossos usuários estão sendo atendidos, acompanhados e recebendo os hormônios da hormonioterapia”, afirmou.

Todos os exames laboratoriais para a distribuição de medicamentos hormonais pelo SUS ocorrem no hospital. Pessoas que já iniciaram esse tratamento por conta própria podem continuar o processo após passarem por uma avaliação individual, com o intuito de analisar os efeitos da automedicação e definir as doses necessárias. O complexo também oferta cirurgias de mastectomia, histerectomia e tireoplastia, em conjunto com o programa Opera Paraíba.

Atuação também no sistema prisional

No ano passado, em parceria com a Secretaria de Estado da Administração Penitenciária da Paraíba (Seap-PB), o Ambulatório TT expandiu o campo de atuação para o sistema prisional. Hoje, 12 mulheres trans reclusas no presídio Desembargador Sílvio Porto e na Penitenciária de Segurança Máxima Doutor Romeu Gonçalves de Abrantes, conhecida como “PB1”, recebem a medicação para a terapia hormonal. “Nós já tivemos várias usuárias, do tempo do início do ambulatório, que desapareceram. Nosso assistente social fez uma pesquisa e soube que uma ou duas já estavam no sistema prisional. Nós fizemos essa ponte para dar continuidade à hormonioterapia, tudo do mesmo jeito”, ressaltou Sérgio.

Como ele lembra, embora a unidade hospitalar seja refe-

rência no tratamento de doenças infecciosas, não há relação entre esse tipo de enfermidade e o suporte a pessoas trans. A decisão de implantar o ambulatório no complexo levou em consideração a proximidade com a farmácia responsável pela dispensação dos medicamentos prescritos. A estrutura do Clementino Fra-

ga permite a realização dos exames recomendados.

“Problemas a gente tem, em todas as situações, principalmente a negação para a população LGBT é muito maior. Lutamos 11 anos para conseguir a hormonioterapia. Estamos lutando há 13 anos para conseguir as cirurgias das mulheres trans. É sempre

luta. Claro que, quando vem uma vitória dessa, a gente comemora, mas continua lutando. Eu creio que, quando a gente conseguir as cirurgias de redesignação das mulheres trans, a gente fecha com chave de ouro. João Pessoa estará no melhor patamar de ambulatório no Norte e Sul do país”, espera.

Saiba Mais

Atendimento

- Para ter acesso aos serviços do Ambulatório TT, é preciso ter 18 anos de idade ou mais, comparecer ao Centro Estadual de Referência dos Direitos LGBTQIA+, apresentar RG, comprovante de residência, documento oficial com foto e cartão do SUS. A partir disso, deve-se solicitar o encaminhamento para o atendimento. Será feita uma ficha com os dados cadastrais do paciente, que será encaminhado ao serviço social e, posteriormente, a consultas especializadas de acordo com o perfil e a necessidade.
- O ambulatório está localizado dentro do Complexo Hospitalar Clementino Fraga, na Rua Ester Borges Bairros, no bairro Jaguaribe, em João Pessoa. A unidade funciona de segunda a sexta-feira, das 7h às 16h. Já os centros de referência possuem sede na capital, na rua Rodrigues de Aquino, nº 390; em Campina Grande, na Rua Dom Pedro I, nº 558; e em Cajazeiras, na Praça Major Galdino Pires, nº 15.
- Quem mora no interior do estado também pode ser atendido no Ambulatório de Saúde Integral para Travestis e Transexuais Marcela Prado, anexo ao Hospital de Emergência e Trauma Dom Luiz Gonzaga Fernandes, no município de Campina Grande. O serviço acompanha os horários da unidade da capital, de segunda a sexta-feira, das 7h às 16h. Ele fica na Avenida Mal. Floriano Peixoto, nº 4.700, no bairro Malvinas.

Eduardo Augusto

eduardomelosocial@gmail.com

A chatice de gente feliz

Odeio gente feliz. Não aquela felicidade comedida, que dura o tempo de um gole de café ou de encontrar um amigo na esquina. Odeio a felicidade industrial, a que vem com brilho nos dentes e manual de instruções. O sujeito que acorda às cinco da manhã para agradecer ao universo, posta uma frase motivacional no story e ainda tem paciência para sorrir para o porteiro. Esse cara é um problema. Ou melhor: ele não tem problemas — e isso, sim, é o maior dos problemas.

A psicanálise nos ensina, com aquele ranço elegante de Freud, que o sujeito é constituído por faltas. O desejo nasce do vazio, pulsa na ausência, alimenta-se do que não temos. Uma pessoa sem problemas é uma monstruosidade clínica. É um ser sem fenda, sem inconsciente, sem recalque. Um robô de paletó que decorou frases de autoajuda e repete “tudo é aprendizado” enquanto o vizinho perde o emprego. Esse ser não chora, não duvida, não sente o peso de existir. Ele flutua. E flutuar é profundamente chato.

A felicidade tóxica é o opioide do século XXI. Ela não aceita tristeza, não negocia com o luto, não tolera o silêncio. É uma ditadura do bom humor. Você não pode estar mal porque “a culpa é da sua vibração”. O depressivo vira preguiçoso. O ansioso, fraco. O melancólico, um chato de galocha. E é aí que mora o detalhe: o chato mesmo é o cara que sorri o tempo inteiro. Pois a alegria sem sombra é insuportável. É como passar o domingo inteiro ao lado de um papagaio de shopping que repete “você consegue”. Não, não consigo. E nem quero.

A pessoa permanentemente feliz anula a tragicidade da existência. Ela não sabe que o sofrimento estrutura o psiquismo. Não entende que o ódio, a inveja e o tédio também nos constituem. Para a psicanálise, a saúde não é ausência de mal-estar, mas a capacidade de sustentá-lo. O sujeito sem problemas, na verdade, é alguém que engoliu seus próprios conflitos e agora regurgita frases como “a vida é linda” enquanto boceja por dentro. É um zumbi da positividade. Um morto-vivo do Instagram.

E que chatice, meus Deus. Conversar com uma pessoa assim é como tomar leite morno numa sala acarpetada. Não há arestas, não há surpresa, não há fresta por onde entre um pouco de escuro. O sujeito nunca está irritado, nunca duvida da própria felicidade, nunca diz “hoje estou péssimo”. Ele performa a alegria como um funcionário exemplar do sistema. E o sistema, claro, adora. Pois gente triste pensa. Gente triste faz greve. Gente triste escreve crônicas ácidas. Gente feliz o tempo todo só compra curso on-line e perfume de algodão.

E o que revela essa pessoa sem problemas? Revela um sujeito dissociado de si mesmo. Alguém que matou o inconsciente a pauladas de positivismo. Um infeliz que jura ser feliz. E que, no fundo, nos dá uma tristeza danada. Mas essa tristeza, ao menos, é verdadeira. Já ele... ele só é chato.

E o pior: essa gente feliz 24 horas por dia não cansa? Porque eu canso só de olhar. Cansa a monodia da alegria, o tom sempre uniforme, a paciência de monge budista que nunca perde a serenidade nem quando o avião atrasa ou o cachorro morre. Há nisso algo de profundamente desumano. A psicanálise chamaria de “defesa maníaca”: aquele mecanismo cruel que transforma o luto em festa, a perda em lição, o desastre em “oportunidade de crescimento”. O maníaco, dizia Freud, não consegue elaborar a dor; ele a varre para debaixo do tapete e coloca um vaso de flores em cima. Só que o tapete, uma hora, fede. E fede, sim. Porque negar o negativo não o elimina, apenas o transfere para os poros, para os sonhos, para o estômago. A pessoa que não tem problemas, no fundo, é um caldeirão de pressão com sorriso de pastilha. Ela não chora, mas desenvolve enxaqueca. Não reclama, mas tem insônia. Não se queixa do trabalho, mas acorda com o punho cerrado. O corpo, fiel escravo do recalco, fala quando a boca só sabe sorrir. E aí o sujeito vai para o coach, que recomenda mais gratidão. E o ciclo recomeça. É o suplício de Sísifo com aplausos.

Há ainda um aspecto moral, porque não poderia faltar. Essa alegria compulsória é uma tirana silenciosa. Ela impõe culpa em quem sofre. Quantas vezes você já ouviu “tem gente pior do que você” ou “poderia ser pior”? Pois é. A frase mais triste do mundo disfarçada de consolo. Ela diz: sua dor é ilegítima. Seu desespero é frescura. Seu tédio é ingratidão. O happycratas, como chamava o filósofo coreano Byung-Chul Han (que nunca sorri, coitado, e por isso mesmo escreveu coisas brilhantes), nos transforma em fiscais da própria tristeza. Não podemos estar mal porque o contrato social da positividade nos obriga ao bom humor como quem usa máscara de oxigênio.

E no fim, pasme, o grande paradoxo: a pessoa verdadeiramente sem problemas é insuportavelmente solitária. Porque foi justamente a dificuldade, a aresta, o fracasso anunciado que nos une. Nós, humanos, não nos conectamos pelo sorriso perfeito, nos conectamos pela queixa compartilhada no elevador, pela noite maldormida, pela taça de vinho depois do dia de merda. A amizade nasce do “você também?”. O amor, do “eu também tenho medo”. A crônica, do “que mundo chato este”. Portanto, caro leitor, desconfie do feliz permanente. Ele pode não ter problemas ainda, mas o problema, o verdadeiro, é ele.

Félix Araújo Neto

Superintendente do Procon-PB

“Vamos buscar parceiros para ampliação dos braços do Procon”



Foto: Carlos Rodrigo

Em entrevista, gestor ressalta o uso estratégico dos recursos digitais e o diálogo direto com consumidores e o setor empresarial

Carolina Marques de Oliveira
marquesdeoliveira.carolina@gmail.com

Com uma carreira dedicada à prática do direito e também à gestão pública, o advogado criminalista e professor Félix Araújo Neto assumiu a superintendência da Autarquia de Proteção e Defesa do Consumidor da Paraíba (Procon-PB), desde a nomeação feita pelo governador Lucas Ribeiro, publicada no Diário Oficial do Estado (DOE) do dia 8 de abril. Doutor em Direito Penal e Política Criminal e especialista em Direito do Consumidor pela Universidade de Granada, na Espanha, ele é também pós-doutor em Direito pela Universidade de Brasília (UnB). O novo superintendente, que afirma encontrar um Procon bem gerido e estruturado, além de dar continuidade aos serviços prestados ao público paraibano pela autarquia, planeja conduzir o órgão a uma interiorização ainda mais efetiva, apostando em uma nova fase, marcada por parcerias, uso estratégico de recursos digitais e diálogo direto com os consumidores e o setor empresarial. Em entrevista ao jornal **A União**, o gestor ressalta ainda a importância da atenção redobrada e do monitoramento por parte do órgão de defesa do consumidor frente às oscilações dos preços de produtos essenciais para a população, como o gás de cozinha, e sensíveis ao mercado internacional, como os combustíveis, em especial a gasolina.

Entrevista

■ *Começando a assumir a superintendência do Procon-PB, qual a sua avaliação da imagem e do papel desempenhado pelo Procon no estado atualmente? E, frente a isso, quais são as prioridades imediatas nessa nova gestão?*

O Procon tem um papel fundamental na vida dos consumidores, e da sociedade de uma forma geral, e vinha sendo gerido durante o governo de João Azevêdo — e sob a superintendência de Késia Liliana, que esteve à frente do Procon durante aproximadamente 11 anos — de uma forma extremamente eficiente, com bons resultados. Encontrei uma estrutura organizada, uma equipe preparada, experiente, o que vai nos auxiliar bastante no grande desafio requerido pelo governador Lucas, de dar um passo a mais com relação às atividades da autarquia, fortalecendo as atividades no processo de interiorização. Fazer com que as pessoas sintam a presença do Procon como parceiro de primeira hora, e estimular a busca ativa, para que este consumidor se veja efetivamente protegido lá na ponta, onde, por exemplo, não tem as estruturas municipais. Se a gente observar, João Pessoa tem Procon estadual e municipal; Campina Grande, Esperança e Patos também; mas outras cidades, como Marizópolis, por exemplo, aquelas mais distantes da capital, têm os mesmos problemas das cidades grandes, do ponto de vista de relação de consumo, seja com telefonia, com problemas bancários, com superendividamento ou com combustível, e precisam que o Procon esteja presente. Então esse é o grande desafio: intensificar esse processo de interiorização, buscando parcerias para que a gente possa avançar nesse sentido.

■ *Quais são os principais desafios que o Procon enfrenta hoje em dia e quais são os planos de médio e longo prazo para dar conta dessas demandas?*

A gente tem um problema inadiável, talvez o principal hoje, do ponto de vista da necessidade da atuação urgente e constante do Procon, que é a questão dos combustíveis. Passamos no Brasil, e também na Paraíba, por um momento delicado com relação à fiscalização dos

combustíveis, considerando o processo que o mundo está vivendo, por causa da guerra e das intervenções que existem nesse setor. Por exemplo, agora o Governo Federal se prepara, provavelmente, para subsidiar a gasolina, e é preciso que o Procon atue para verificar que haja realmente uma transferência desse benefício em favor do consumidor. Vamos acompanhar não só dando continuidade à fiscalização dos postos de combustíveis, como também junto às distribuidoras. Então temos hoje esse problema. Lidamos também com outros problemas relativamente menores, mas não menos importantes, como situações ligadas ao sistema financeiro, aos golpes de *internet* e às questões relacionadas ao superendividamento. Então, a médio e longo prazo, a gente observa que campanhas educativas são necessárias e devem ser fortalecidas. A gente precisa preparar essa nova geração para o enfrentamento do mundo, tendo planejamento financeiro para evitar o endividamento— que é vivido por uma grande parcela da população brasileira — e, ainda mais, que haja o passo seguinte, que é o superendividamento. O endividamento pode ser até bom em determinados casos, como na compra de um veículo, de uma casa financiada: se endividar para isso, podendo pagar, pode ser até positivo. O grande problema é quando se perde o controle e entra numa perspectiva de superendividamento, e aí o exemplo de pessoas que usam o cartão de crédito, pagam o mínimo da fatura, e posteriormente são aplicadas taxas de juros que tendem a ser muito altas, e que, nesses casos, o Procon deve atuar. Quando as pessoas têm consignados, por exemplo, cai no banco o salário e já cai no cheque especial e o mínimo existencial dessas pessoas vem a ser totalmente comprometido. Então o Procon precisa estar perto das pessoas. E a gente entende que a ferramenta educativa e as ações de mutirão, como já planejamos, tudo isso vem a ajudar para que se tenha um planejamento estratégico em defesa do consumidor.

■ *A volatilidade do preço dos combustíveis*

é um ponto de atenção atualmente. Como o consumidor pode diferenciar o aumento legítimo de uma prática abusiva, e como se portar diante dessa situação? De que maneira o Procon tem atuado frente a isso?

O Procon tem tomado a iniciativa de visitar os postos de combustíveis. Recentemente, foi feita uma pesquisa que mostrava uma variação de preço, por exemplo, em Bayeux, de aproximadamente 4% de posto a posto. Observando mais barato até o que se cobra mais caro. Em Santa Rita, chegou a verificar 9%; em Cabedelo, 1,88% de variação. Então o papel do Procon é esse, de fiscalizar, informar e ser transparente sobre suas atividades e sobre as informações existentes. Esse é o trabalho que pretendemos fazer. E o consumidor, uma vez detectando abusos, preços abusivos, subida de preço de forma irregular, deve procurar o Procon e a nossa estrutura espalhada no estado da Paraíba, ou pelos contatos, através do 151, nós podemos atuar em defesa do consumidor.

■ *Uma outra variação de preços que chama atenção é a do gás de cozinha, que é algo fundamental para os consumidores e para as famílias. Frente a essas oscilações, como o Procon atua na fiscalização e monitoramento dos valores para proteger o consumidor?*

Primeiramente, mantendo esse monitoramento, mas também observando, por exemplo, notas fiscais, a composição do preço, a identificação da margem de lucro, se houve ou não subida repentina [de preço], se há estoque na aquisição do produto anterior aos novos que foram adquiridos. E aí, sim, com preços repassados, esse acompanhamento o Procon faz para coibir práticas abusivas e garantir uma proteção efetiva do consumidor.

■ *Como o Procon atua para garantir transparência na formação dos preços e dar mais segurança ao consumidor local?*

Observando exatamente essa composição [do preço]. O Procon é tido, normalmente, como um órgão que vem a punir o setor produtivo. E a ideia não é essa, porque o papel essencial é de defesa efetiva do consumidor. Nós temos aqui no órgão informações, dados estatísticos que mostram quais são as principais reclamações que o consumidor mais reclama de ser lesado: em algumas situações da relação de consumo, como, por exemplo, junto ao sistema financeiro e determinadas situações relacionadas às empresas de fornecimento de energia. Para evitar abusos, a gente vai atuar de forma reversa. Antes mesmo de se chegar a aplicação de uma multa, levar o conhecimento desses dados à população, ao consumidor. Também, por meio das associações comerciais, das classes representativas, para que a informação chegue ao comerciante, ao setor produtivo. Temos a noção de que aqueles bons comerciantes são as pessoas que mais respeitam os consumidores, e a gente observa, também pe-

los dados existentes no órgão, que muitas vezes, quando há a facilidade do encontro entre fornecedor e consumidor, os problemas se resolvem. Então nós queremos ser essa ponte de diálogo entre fornecedor e consumidor como primeira ferramenta. Não sendo possível, aplicando, evidentemente, as medidas que a lei estabelece.

■ *A atuação em bares e restaurantes também exige atenção. Quais são as irregularidades mais encontradas nesses estabelecimentos hoje em dia?*

Principalmente questões de cardápio, apresentação de preços e oscilações. A gente tem aqui uma fiscalização também voltada para saber se condiz aquilo que está sendo oferecido em relação à precificação. Em alguns locais, foi detectada a existência de dois cardápios ou de contas acertadas fora daquele cardápio do preço ali existente, divulgado. Então nós informamos os consumidores para que se sintam à vontade para convidar, chamar o Procon para interceder em seu favor também nesses casos.

■ *Diante de todas essas situações, como conciliar justamente, equilibrar a atuação fiscalizatória e o diálogo com os empresários, especialmente em setores que também enfrentam desafios econômicos?*

Nós compreendemos o papel fundamental que o setor produtivo, de uma forma geral, tem. A gente entende que o Procon tem que ser o primeiro aliado do consumidor, mas ele também tem esse papel de ser um orientador e trazer informação também para o setor produtivo. E é o que nós vamos fazer, procurar cada um desses representantes, de cada setor, informando quais são as reclamações do consumidor, porque a gente acredita que o diálogo pode resolver muitas situações. Não sendo possível, então, a aplicação de multa e outras ferramentas em defesa do consumidor serão as medidas adotadas. Hoje a gente verifica muito, e temos dados que apontam reclamações relacionadas, sobretudo, ao sistema bancário, aos postos de combustíveis e às empresas telefônicas.

■ *Que ações estão sendo planejadas para reduzir conflitos entre consumidores e empresas?*

O mutirão é uma das ferramentas que já estão sendo implementadas. Tivemos um grande mutirão na cidade de Cuité, em seguida será em Patos, e depois teremos também Campina Grande, na época d'O Maior São João do Mundo, na primeira semana de junho. Isso é o que tá no planejamento, mas a educação é sempre o maior braço de prevenção. A gente acredita fielmente nisso, que é possível levar informação para as pessoas. Eu sou professor de Direito; muitas vezes, em sala de aula, levo informações para os meus alunos, que às vezes eles desconhecem. Imagina a sociedade de forma geral. Então, sabendo disso, o Procon deve ser exatamente esse mediador, fazendo com que a informação sobre o direito do consumidor che-

gue à todos. Ao mesmo tempo, levar as reclamações para os vendedores, para que eles possam se organizar e receber melhor os consumidores. Quem sabe até a gente não cria um selo de comerciante amigo do consumidor.

■ *De que maneira o órgão pode ampliar a orientação e também a participação e procura por parte do público?*

Não é uma boa estratégia encher a máquina, mas é muito importante ampliar os braços do Procon, buscando parcerias. As prefeituras podem ser um ponto de apoio fundamental, espalhando essa possibilidade de acesso direto com o Procon, assim como as instituições, as associações, os sindicatos são locais onde a gente pode levar pontos de apoio para que o consumidor se sinta próximo e que faça chegar também essas denúncias que existem dentro das relações de consumo. As operadoras de telefonia, por exemplo, são muito reclamadas aqui no Procon. Antigamente a gente tinha um escritório que resolvia problemas dos consumidores. Hoje, praticamente, não existem mais pontos de atendimento direto entre o prestador de serviço e o consumidor. E, muitas vezes, se tenta resolver através daquelas centrais telefônicas e não se consegue obter a resolução do problema. Então o Procon é essa porta aberta para o consumidor, para ajudar diante dos problemas que ocorrem nas relações de consumo. Então vamos buscar parceiros para ampliação dos braços do Procon: a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), a Defensoria Pública, e demais instituições.

■ *Desenvolver soluções para lidar com as demandas de maneira mais otimizada é uma necessidade hoje em dia. Há iniciativas previstas para modernizar o atendimento e tornar o acesso mais ágil?*

Estamos em contato com o Núcleo de Tecnologias Estratégicas em Saúde [Nutes], da Universidade Estadual da Paraíba [UEPB], que é extremamente importante para o estado, para criar o atendimento digital do Procon e facilitar que as pessoas que estão no interior, distantes dos pontos de atendimento, possam, através de um aplicativo, não só trazer sua demanda, mas instruir os processos e, quem sabe, até mesmo resolver virtualmente os conflitos entre consumidor e fornecedor. É o ponto do uso da tecnologia. Já está no planejamento. Temos uma reunião na próxima semana com o professor Misael Moraes e a equipe, já para discutir essa ideia.

■ *Qual é a marca que o senhor pretende deixar à frente do Procon da Paraíba?*

A primeira é a do acesso fácil ao Procon, principalmente aos que estão mais distantes da capital e das maiores cidades do estado, e isso quer dizer tecnologia e parceria. Então as marcas da parceria, tecnologia e diálogo são os pilares do que estamos buscando alcançar para a autarquia. É essa marca de gestão que foi determinada junto ao governador Lucas Ribeiro.

PERÍODO CHUVOSO

Ribeirinhos enfrentam transtornos

Em João Pessoa, há 11 comunidades nas margens de rios, que entram em estado de alerta após precipitações intensas

Samantha Pimentel
samanthahuniao@gmail.com

Com a chegada do inverno, as chuvas intensificam-se no Litoral da Paraíba. Nesse período, quem mora em áreas de risco, como as comunidades ribeirinhas, sofre com alagamentos, perda de bens materiais, exposição a doenças, além de outros transtornos — uma rotina marcada pela preocupação, que afeta a saúde mental e a qualidade de vida. Segundo a Coordenadoria Municipal de Proteção e Defesa Civil de João Pessoa (Compdec-JP), o município possui, hoje, 11 comunidades ribeirinhas principais, que entram em estado de alerta crítico a cada época de precipitações intensas.

Um desses locais é a comunidade São Rafael, localizada às margens do Rio Jaguaribe e próxima ao Jardim Botânico Benjamin Maranhão (JBBM) e à Mata do Buraquinho, a maior reserva de Mata Atlântica em área urbana do Brasil. No local, é comum que, após chuvas intensas, o nível do rio suba e a água chegue às ruas, entrando em algumas casas. Na semana passada, a jovem Rayane Ferreira dos Santos, que está grá-



Foto: Evandro Pereira

Água costuma invadir residências, dificultando a locomoção e levando à perda de móveis

vida e reside perto da margem do rio, acordou com sua casa alagada. “A sorte foi o meu sobrinho que levantou as coisas lá, porque, sempre que chove, é assim. A casa da minha mãe e a do meu irmão também estão alagadas”, relata.

Segundo Rayane, os alagamentos já danificaram seus móveis e eletrodomésticos várias vezes, assim como ocorreu com outros vizinhos. E a tendência de aumento nas precipitações torna constante a apreensão de quem pode

perder tudo a qualquer momento. Muitos moradores relatam que já passaram várias noites rezando, pedindo que a água não invada suas residências. Reclamam, também, que o conjunto habitacional para onde serão deslocados — ligado ao Programa João Pessoa Sustentável — ainda não foi entregue. “Disseram que nós íamos sair daqui primeiro, mas infelizmente, até agora, nada”, lamenta Rayane. A população também cita que já

houve problemas com a coleta de lixo, contribuindo para a sujeira e atraindo insetos e outros animais.

“A gente mesmo se ajuda, porque não vem ninguém aqui nos ajudar. A gente perde máquina, televisão, perde tudo aqui. Esses alagamentos não são de hoje, e a gente mora aqui não é porque a gente quer, é porque a gente precisa”, comenta outra moradora, Rayane Santiago de Sousa.

Residindo no local há mais de 70 anos, José Marcos de Souza Vieira conta que sua

casa não costuma alagar, mas, por estar próximo do rio, também será remanejado para um apartamento, no âmbito do Programa João Pessoa Sustentável. Ele reconhece os motivos que justificam esse cenário, mas se preocupa com a mudança na dinâmica de vida, já que, na comunidade, ele está próximo de sua irmã — distância que aumentará após o novo endereço.

Além disso, José terá que sair de uma casa com espaço mais amplo para um apartamento, além de se acostumar com as regras de um condomínio. “Não sei como vai ser a minha vida e a de muitos idosos que dependem da família e que precisam da ajuda dos familiares”, pondera.

Outra moradora, Maria Leite Ferraz Marinho, aponta que, diferentemente de anos anteriores, a prefeitura não realizou, em 2026, os serviços de limpeza e dragagem do rio para evitar transtornos e alagamentos. Maria também não se mostra satisfeita com a mudança, que a separará das árvores frutíferas cultivadas em seu quintal. “Na minha casa, a água, no máximo, entra no quintal, não chega den-

tro dos cômodos. E minha casa tem três quartos, sala, cozinha, terraço e terreno à vontade para as crianças correrem. Lá, a gente vai ficar em uma gaiola, praticamente”, lamenta.

São José

Ter a água adentrando as casas e alagando as ruas também é uma rotina na comunidade ribeirinha São José, igualmente localizada no curso do Rio Jaguaribe. Marcos Antônio da Silva, que reside na área há mais de 50 anos, conta que a situação já foi até pior, tendo melhorado após limpezas no rio. “Sempre que chove, alaga tudo, e, na minha casa, já entrou água várias vezes. Teve uma vez que perdi tudo. A gente estava dormindo, quando acordamos a água estava pela altura do joelho. Agora, quando chove, a gente se previne logo e bota tudo em cima dos tijolos, porque, quando começa a alagar, é ligeiro demais para a água entrar”, declara. Apesar das dificuldades, ele não pensa em sair do local. “Para mim, é o melhor bairro de João Pessoa para morar. Mesmo com esse sofrimento todo, eu gosto daqui”, afirma.

Políticas habitacionais devem ser intersetoriais, defende especialista

O presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil — Departamento da Paraíba (IAB-PB), Fabiano Melo, explica que as desigualdades sociais se refletem no território. “Esses espaços, como as favelas e as áreas ribeirinhas, são muito frágeis, muito vulneráveis. Muitas famílias ocupam essas áreas por falta de opção”, observa. Segundo ele, o acesso à moradia é um direito constitucional. “É importante não criminalizar, mas entender essas pessoas como vítimas de um processo de produção do espaço urbano que não conseguiu dar conta dos direitos básicos da sociedade e fornecer uma opção viável para eles morarem”, destaca.

O arquiteto comenta, ainda, que, por muito tempo, os moradores desses locais foram tratados como problema e que se falava apenas da solução de conjuntos habitacionais, cujo objetivo é retirar as pessoas dessas áreas. Após a criação do Ministério das Cidades, porém, tornou-

se mais recorrente o entendimento de que as políticas habitacionais devem ser articuladas com políticas de outros setores.

“É importante salientar também que as vítimas não são apenas as que estão nessas áreas; elas são as [pessoas] mais afetadas, mas, quando há esses episódios da natureza, a cidade toda sofre, com ruas alagadas, engarrafamentos. É preciso entender isso como um problema sistêmico, além das áreas ribeirinhas e de encostas”, argumenta Melo. Ainda de acordo com ele, esses problemas refletem a formação histórica das cidades brasileiras, cuja ocupação e urbanização se deu de forma muito abrupta e sem o devido planejamento.

Sobre os programas habitacionais realizados pelos poderes públicos, o presidente do IAB-PB reforça que eles não deram conta do problema. Além disso, frisa que, para retirar uma pessoa de uma casa para um apartamento, é necessário ser feito,

antes, um trabalho educativo e de assistência social sobre as regras e a dinâmica de um condomínio — algo que vem ocorrendo, conforme relatos de alguns moradores da São Rafael.

“Muitas vezes, até as atividades profissionais [são afetadas], como no caso de quem trabalha com reciclagem e precisa de um espaço mais amplo, e as pessoas acabam sendo transferidas para apartamentos muito pequenos. Esse é um problema de desenho desses espaços”, ressalta. Para Melo, as experiências mais bem-sucedidas são as que tratam a transferência dos moradores para outros locais como última alternativa, e, quando isso acontece, busca-se mantê-las em uma região próxima. Ele defende ainda a necessidade de investimentos em drenagem e melhor estruturação dessas áreas periféricas, para que não sofram riscos e desastres naturais, além da importância de uma assistência técnica para habitações de interesse social.

Prefeitura realiza ações preventivas e planeja entrega de residenciais

Buscando reduzir os impactos causados pelas chuvas nas áreas ribeirinhas, a Compdec-JP intensifica o trabalho preventivo de limpeza e desassoreamento dos rios que cortam João Pessoa. Segundo o órgão, no primeiro trimestre de 2026, houve a limpeza em 9.841,51 m de rios, removendo 1.156,38 toneladas de resíduos sólidos. O coordenador da Defesa Civil, Kelson Chaves, salienta a importância da prevenção. “Nós atuamos nos rios durante todo o ano, realizando a limpeza e o desassoreamento para garantir o escoamento das águas e evitar transtornos para as famílias que residem nessas áreas”, afirma.

O coordenador expõe que, além dos sedimentos que se acumulam no leito dos rios, as máquinas retiram garrafas PET, sacolas plásticas, colchões, pneus, carcaças de geladeiras e fogões, entre outros materiais descartados de forma inadequada, que são levados pelas chuvas para as galerias pluviais e, de lá, para os rios. “Muito material é descartado nas margens dos rios e levado para o leito; da mesma forma acontece com

o lixo colocado nas calçadas e vias. O ideal é que a população adote a lixeira suspensa para evitar esse problema”, pontuou.

O planejamento dos serviços é baseado no mapeamento de áreas consideradas críticas e no histórico de ocorrências registradas em anos anteriores. A limpeza na comunidade São Rafael, por exemplo, ainda ocorrerá neste ano, segundo informou Kelson. No que se refere a risco hidrológico — possíveis transbordamentos causando inundações —, há trechos críticos no curso dos rios Jaguaribe, Timbó, Cuiá e Gramame. Relacionados a movimentos de massa, as barreiras do Cabo Branco, São José, Alto do Mateus, Terra do Nunca e Comunidade do S também são pontos de atenção.

Moradias

Os conjuntos habitacionais a ser entregues pela prefeitura integram as ações do João Pessoa Sustentável e devem beneficiar oito comunidades no complexo Beira Rio: São Rafael, Tito Silva, Santa Clara, Padre Hildon Bandeira, Miramar, Brasília de Palha, Cafofo Li-

berdade e Vila Tambauzinho. Ao todo, a ação fará a entrega de 778 unidades habitacionais de um, dois, e três quartos, destinadas às famílias que hoje residem em áreas de risco. As primeiras unidades devem ser entregues a partir de junho.

Já os moradores que foram removidos pela Defesa Civil, por terem suas casas interditadas, estão no programa de aluguel emergencial até que recebam os imóveis. Outras famílias mais numerosas, que optaram pelo Programa Compra Assistida, receberam suas casas, escolhidas por elas, em diferentes bairros da cidade, as quais são pagas pela prefeitura. Foram 117 compras, com um investimento de R\$ 134 milhões. As comunidades também receberão urbanização e as famílias que ficarem fora da área de risco terão asseguradas a titularidade de seus imóveis, dentro das ações do programa.

Urbanização abrupta e sem planejamento das cidades brasileiras favorece cenário, que é marcado por desigualdades sociais



DIA DO SERTANEJO

Exaltação à luta e à arte do povo forte

Data celebra a cultura de uma região fértil em culinária e religiosidade, e que também se transformou com o tempo

Mirvan Lúcio
mirvanlucio.jornalista@gmail.com

O Dia do Sertanejo, comemorado hoje, tem sua origem ligada à exaltação da cultura retratada no canção popular, a partir da iniciativa de cantores que louvavam, em suas músicas, as riquezas do interior do Brasil. Nascido em Aparecida (SP), o movimento tem os pés na terra: as paisagens, os costumes, as histórias e tradições, que servem de mote para tantos poetas, tornaram-se também inspiração para os compositores. Mas a simbologia da data vai além de um estilo musical. Celebra suor, resistência, sentimento e garra de quem é, “antes de tudo, um forte”, nas palavras de Euclides da Cunha. Nesse cenário, o Sertão nordestino carrega uma fertilidade peculiar de cultura, culinária, festejos, folclore, ancestralidade, crenças, belezas naturais e muitos outros aspectos. É uma terra cheia, acima de tudo, de pessoas, que carregam com orgulho o valor da sua identidade e que têm a resistência no sangue.

“Durante muito tempo, nós fomos associados às ideias de seca e isolamento. Mas, no ethos do povo nordestino, isso começou a se modificar e ter expressão, principalmente artística. Essa mudança de foco do que é ser sertanejo vai deixando de



Joana e Severino moram no interior de Patos e preservam rotina tradicional, com o trabalho no campo e o cafezinho no fim da tarde; espaço já sofreu mudanças, graças ao maior acesso à água e à luz

lado essa visão preconceituosa e dando lugar à memória e identidade”, afirma o cientista social George Ardilles.

Hoje, o Sertão reveste-se de desenvolvimento, sem perder o respeito às suas raízes. O povo aprendeu a conviver com as intempéries do Semiárido e com as mudanças sociais, políticas e tecnológicas, mantendo a essência do interior. Essa realidade tem

fortalecido ainda mais a propriedade da sua herança cultural. “O povo sertanejo mantém de pé tudo aquilo em que acredita que forma a sua singularidade”, pontua Ardilles.

Vida do campo

Dados do Censo de 2022, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontam que 12,2 milhões de pessoas moram na Zona

Rural no Nordeste. Na Paraíba, são 3.974.687 residentes no campo. Joana Maria de Luceña Medeiros, de 56 anos, integra “com muito orgulho” essa estatística. Ela e o esposo, Severino Xavier da Silva, 59 anos, moram na comunidade Mocambo de Baixo, no município de Patos, e mantêm uma relação ancestral com a terra.

“Eu nasci e moro aqui desde então. Minha mãe nasceu

aqui, minha avó e minha família por parte de mãe são todos daqui. A gente vive para tentar manter nossas raízes”, afirma a aposentada.

Joana, como muitas mulheres do campo, preserva a rotina de acordar cedo, preparar o café, ver o marido sair para trabalhar e dedicar-se aos afazeres de casa. Já Severino cuida da plantação de milho e feijão e da criação de ovelhas. Em volta de casa, a criação de galinhas garante o ovo e reforça a alimentação. Mas a vida pacata no sítio já passou por grandes transformações. “Aqui não tinha luz, não tinha água. Nós buscávamos água numa carroça de jumento e hoje a água é na torneira. Eu cozinhava à lenha, agora eu tenho um fogão a gás. A gente assiste televisão, tem internet. Isso é bom, mas tem coisas que são ruins”, avalia a dona de casa.

Para ela, o lado negativo está no loteamento e na comercialização de terras, que aumentou a movimentação de pessoas desconhecidas, gerando certa insegurança.

“Hoje, está cheio de gente de fora, que a gente não sabe nem quem é. Antigamente, nós sabíamos todos que moravam aqui. Era família, era amigo. Sabíamos de cada um pelo nome”, recordou Joana. Mas, mesmo com as transformações tecnológicas e populacionais, a rotina ainda reserva um tempo para um

cafezinho na janela, no fim da tarde.

Joana e Severino têm dois filhos, Ramon e Rafael. A criação da família foi embasada nos valores herdados dos mais antigos. “Meus pais me ensinaram a ser honesta, viver do que é da gente, mesmo que seja pouco, e não pegar em nada de ninguém. Hoje eu sou aposentada, sou satisfeita com o que eu tenho e ensinei isso aos meus filhos”, conta.

Seguindo um movimento natural da nova geração, os filhos trocaram o sítio pela cidade, com o objetivo de avançar nos estudos. Ramon permanece em Patos e compartilha a vida rural quase diariamente com os pais. Rafael, por outro lado, foi buscar seu destino mais longe, mudando-se para Salvador. Enquanto isso, Joana e Severino não pensam em deixar a roça. “Meu plano é viver o resto da vida aqui. Eu só vou embora se for o jeito mesmo, mas meu canto é esse aqui. Por mim e por Severino, a gente não sai nunca”, reforçou.

A vida do casal revisita a trajetória de muitas famílias do Sertão, que têm uma base rural, não só como forma de subsistência, mas como memória afetiva que traz, de forma genuína, o sentimento de ser sertanejo “raiz”. “É fortaleza, é ser resistência para sempre. Não desistir nunca”, finaliza Joana.

Poesia e música enaltecem beleza da simplicidade

“Quer ver o reino encantado, passe um dia no meu Sertão”. O mote é da poesia de Ramon Medeiros, que herdou dos seus pais, Joana e Severino, o amor pelo seu lugar. O poeta, vencedor de concursos e com obras publicadas, observa na vida simples a motivação para escrever seus versos. “O que me encanta e me inspira é a simplicidade que há, por exemplo, no cantar dos pássaros, nas paisagens. Na época chuvosa, é aquele verde lindo e, na seca, onde muitos não veem beleza, eu admiro o cinzento da flora”, declara.

Personagens como o homem e a mulher do campo, o vaqueiro e os cangaceiros, os sentimentos de bravura e fé, a culinária e as formas de celebração estão nas construções poéticas de Ramon. Os mesmos elementos também estão presentes na música popular, descrevendo desde a beleza do “Luar do Sertão”, de Catulo da Paixão Cearense e João Pernambuco, até o romance regado ao som de “um rádio a meio volume”, onde os sapatos se pisam em um forró autêntico, cantado no “Meu cenário” de Flávio José. Arte com representatividade na literatura de cordel, na fotografia, no cinema e nas mãos de artesãos. “É um olhar profundo que enxerga além da seca”, resumiu o poeta.

Para George Ardilles, o povo sertanejo utiliza-se da arte para se defender dos estigmas que a sociedade estabelece. “Se a gente pegar o contexto das redes sociais, vemos muitos ataques ao nor-

destino. Mas isso, em contrapartida, provoca para que o povo revele valorizando ainda mais sua autenticidade. Isso se dá através da música, da pintura, da literatura e outras formas de arte e mostra que nós não somos apenas a parcela da população que vive problemas históricos e geográficos. A gente resiste transformando as lutas em cultura”, explica o cientista social.

Manifestações de fé

O olhar do sertanejo sempre se volta para o céu. A região é rica em personagens que evocam a fé do povo. A Menina Francisca, Padre Rolim, Frei Damião, Padre Cícero, entre outros, são venerados e celebrados pelo credo popular. A religião tem um lugar importante na cultura sertaneja, com símbolos que vêm desde os oratórios comuns nas casas antigas até as manifestações religiosas de maior expressão, como os festejos dedicados a Santo Antônio, São João e São Pedro.

As inovações e os elementos que configuram a cultura moderna não tocam nesse lugar sagrado que é a crença do povo. “O cenário religioso influencia o sertanejo expressando suas questões de fé, principalmente por conta das dificuldades que o povo passou. Isso molda a essência do sertanejo que é reconhecida em todo o país. A tecnologia vem, mas ela jamais vai anular o que fez o sertanejo pedir e acreditar nos seus santos”, argumenta George Ardilles.

Sabores da terra movimentam economia

Tão forte quanto a arte, a culinária alimenta a alma do sertanejo. As comidas têm história e memória e inspiram negócios que prosperam como a Caatinga quando vê a chuva. Em 2002, Geraldo Alves, hoje com 80 anos, mudou-se de São João do Sabugi (RN) para Patos e abriu a Bodega Sertão, especializada em produtos regionais. Itens como queijos de manteiga e coalho, coalhada, fubá de milho, manteiga da terra, bolacha preta, ovo caipira e doces caseiros estavam na lista de mercadoria. Com a qualidade dos produtos, a freguesia aumentou e, em 2016, seu filho, Anifranco Medeiros, agora com 48 anos, também se mudou para Patos. O trabalho em família expandiu os negócios, com a abertura de duas filiais.

Para Anifranco, um dos segredos foi valorizar os pequenos produtores, que ainda mantêm processos artesanais, mantendo o sabor e as características tradicionais dos produtos. “Muitas pessoas crescem vendo o avô, a avó, a mãe ou alguém da família produzindo. Isso cria uma ligação emocional, de afeto e cuidado. Aqui no Sertão, a comida é uma forma de dizer quem somos”, reconheceu.

É o alimento quem carrega os laços afetivos com o passado. Quem deixou o Sertão encontra nesses produtos o conforto para a saudade de casa. “É comum as pessoas provarem e dizerem: ‘tem o cheiro e o gosto da minha terra’. No fundo, o valor não está só no alimento e sim no que ele representa”, afirmou Anifranco.



Maria do Bode tem clientela fiel no mercado patoense

Dos produtos às panelas, quem também evoca as tradições da mesa sertaneja é Maria da Silva Marques, de 76 anos. Em Patos, todavia, ninguém a conhece assim. Para encontrá-la, basta perguntar onde fica Maria do Bode e todos saberão indicar seu tradicional restaurante, no mercado público. Há 36 anos, a culinária é famosa por servir o mais famoso cozido de bode do Sertão da Paraíba.

A receita de sucesso, que a ajudou a criar as quatro filhas e a encaminhar netos e bisnetos, ela ensina facilmente. “Cozinhar com amor e com coragem para dar sabor. E ter a cabeça boa. Se não for as-

sim, nem faça, não dá certo”, confidenciou. O restaurante recebe desde o patoense mais simples até políticos e artistas, todos atraídos pela tradição culinária.

Poesia

“Tá no sangue de todo nordestino
O prazer de prezar pela cultura
Conservando um pouquinho da bravura
Existente no velho Virgulino.
Um chinelo de couro de caprino
Lamparina de gás e lampião
Querosene e paio de algodão
Só conhece quem for ao interior
Eu sou mais um poeta defensor
Da cultura do povo do Sertão”.

(Ramon Medeiros)

CIDADANIA

Ações ampliam papel social da PRF

Em parceria com outras entidades, órgão promove eventos e campanhas de saúde, educação e inclusão no estado

Nalim Tavares
 nalimtavaresrdo@gmail.com

Formação

Junto a prefeituras e unidades de ensino de 41 municípios paraibanos, a instituição implementa o programa Educar PRF, focado em integrar a segurança viária às disciplinas escolares

O trabalho integrado das forças de segurança pública permite que diferentes órgãos — sejam eles federais, estaduais ou municipais — otimizem seus recursos e ampliem sua atuação, estratégica e operacional, de forma humanizada. Associada, principalmente, ao trabalho de fiscalização, patrulhamento ostensivo e segurança viária, a Polícia Rodoviária Federal na Paraíba (PRF-PB) tem desenvolvido, em parceria com outras instituições, ações de conscientização, saúde e proteção, voltadas ao bem-estar físico e psicológico da população e à manutenção da dignidade das pessoas.

De acordo com o inspetor Fábio Ramalho, chefe da 1ª Delegacia da PRF em João Pessoa, o órgão atua com diversos projetos continuados de impacto social, que buscam reforçar o compromisso institucional da polícia com a cidadania, para além da segurança viária. “Nossa atuação passa por todos os vieses da segurança pública — do combate ao crime à redução de acidentes e à promoção do bem-estar geral”, explica. Entre essas iniciativas, está o Comando de Saúde, uma ação preventiva focada em condutores de veículos de carga e transporte de passageiros.

“Em parceria com as secretarias municipais de Saúde, conseguimos ofertar aferições de pressão arterial e avaliações básicas de saúde, além de recomendações para os motoristas. Esse projeto faz parte da Campanha de Combate à Hipertensão Arterial, que é um dos principais problemas que afetam os condutores de veículos de carga”, revela o inspetor. Embora a campanha seja contí-

nua, o projeto têm caráter periódico e costuma atender, a cada intervenção, mais de 30 condutores, fornecendo acesso a uma série de serviços essenciais, que incluem teste de glicemia, atualização de cartões de vacinação e orientações com nutricionistas.

A escolha do grupo prioritário para esse projeto deve-se ao fato de que esses motoristas são comumente submetidos a longas jornadas no trânsito. Para Fábio Ramalho, se, por um lado, cuidar da saúde deles é uma forma de prevenir algum mal súbito na estrada — o que também contribui para a segurança viária —, por outro, o foco da atividade é promover mais qualidade de vida para os trabalhadores da categoria.

De maneira integrada ao Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu), a PRF conta, ainda, com viaturas de resgate, direcionadas, especificamente, para prestar assistência a vítimas de acidentes nas rodovias federais e diminuir o tempo de espera entre a notificação e o atendimento de uma ocorrência. Para serem considerados aptos a conduzir essas viaturas, os agentes do órgão precisam passar por dois cursos — um de primei-



Entre as iniciativas, estão o Cinema Rodoviário, que apresenta palestras e vídeos para conscientização sobre cuidados no trânsito; e o Comando de Saúde, que oferece serviços médicos preventivos para condutores



ros socorros básicos e outro de socorrista de resgate, ministrado em parceria com o Corpo de Bombeiros Militar da Paraíba (CBMPB).

“Esse serviço é muito importante e tem mostrado excelentes resultados no tempo-resposta de socorro das vítimas. Entretanto, trabalhamos, principalmente, com ações preventivas, justamente porque elas ajudam a reduzir acidentes e contribuem, de muitas formas, para o bem-estar geral”, ressalta o policial rodoviário federal. Com esse fim em mente, Fábio conta que, entre as demais iniciativas desenvolvi-

das pela instituição, está o Cinema Rodoviário — em que motoristas e pedestres são convidados a participar de palestras e apresentações de vídeos educativos, tanto nas unidades operacionais da PRF como em escolas e empresas. A proposta, como explana o chefe da 1ª Delegacia da PRF na capital, é evitar acidentes por meio da disseminação da informação e da conscientização para o trânsito.

Olho no futuro

O trabalho preventivo ganha força com o programa Educar PRF, que aposta na

formação dos futuros condutores da Paraíba, enquanto ainda são crianças. Segundo Absalão Neto, inspetor da PRF, a iniciativa já alcança 41 municípios do estado, em parceria com as secretarias de Educação. “O projeto não trata de uma disciplina isolada, mas de integrar a educação para o trânsito em todas as áreas do conhecimento”, esclarece. “A forma como o projeto será implementado fica a cargo das escolas, com elaboração pedagógica, tendo a PRF como indutora”, detalha Absalão. De acordo com o agente, as atividades são adaptadas para a idade

do público-alvo e tendem a ter caráter lúdico — com gincanas e peças de teatro.

Criado em 2012, o projeto já alcançou 200 mil estudantes em todo o país. “O objetivo é incutir, nas crianças e nos adolescentes, a direção defensiva e os cuidados no trânsito. São mais de 100 mortes registradas, diariamente, nas estradas e rodovias federais. Sendo assim, a PRF se preocupa com a mudança de mentalidade dos condutores. Quando as crianças aprendem, esperamos que também perpetuem esse conhecimento”, disserta Absalão.

Projetos fomentam combate ao preconceito e ao abuso infantil

O trabalho educativo da PRF abrange campanhas de conscientização social, organizadas com o objetivo de sensibilizar as pessoas — em especial, profissionais cuja atuação concerne à saúde viária. Como exemplo, o inspetor Fábio Ramalho cita as ações realizadas em alusão ao Dia Mundial de Conscientização do Autismo, celebrado no dia 2 de abril.

“Nesse período, organizamos campanhas de orientação, principalmente nos terminais rodoviários das cidades”, diz. A chamada “PRF Amiga dos Autistas” é uma iniciativa nacional, que busca promover capacitações para um atendimento mais humanizado a pessoas com transtorno do espectro autista (TEA), estimulando o combate ao preconceito nas rodovias e ampliando o alcance do órgão enquanto agente social.

“Também trabalhamos com campanhas preventivas e repressivas contra a exploração sexual de crianças e adolescentes”, Fábio elucida. “A Operação Domíduca



Com a Operação Pista Não é Pasto, agentes recolhem animais encontrados soltos nas estradas

é uma ação contínua, realizada nas rodovias federais. Ela atua em pontos críticos identificados pelo Projeto Mapear, visando proteger menores em áreas de risco e combater a criminalidade”.

A empatia é, de fato, um braço relevante da PRF. Com

frequência, as forças de segurança precisam lidar com pessoas em situação de vulnerabilidade e, para tanto, é importante que os agentes estejam preparados para conduzir diferentes situações de maneira respeitosa e atenta ao indivíduo. Fábio desta-

ca o trabalho de auxílio a pessoas que transitam a pé nas rodovias, comumente perdidas ou desorientadas. “Muitos andarilhos são encontrados às margens das rodovias e nós conseguimos encaminhar vários deles para os serviços sociais. Procura-

mos ajudar a identificar essas pessoas e estabelecer contato com os familiares delas, para viabilizar sua volta para casa”, informa.

O cuidado com a vida também se estende às espécies não humanas. Desde 2020, a Operação Pista Não é Pasto atua de forma permanente na Paraíba, realizando o recolhimento de animais de médio e grande porte, soltos nas pistas, e guiando-os até um local adequado, onde recebem alimentação e atendimento veterinário, até serem recuperados pelos proprietários, após a quitação de multa ou o registro de um termo circunstanciado de ocorrência. Em 2024, foram notificados 51 acidentes relacionados à presença de animais nas vias federais do estado — cinco deles com mortes. Já em 2025, o número subiu para 65, com oito mortes, o que demonstra a gravidade do problema.

Outro eixo importante de atividade da PRF envolve a segurança viária sob uma perspectiva estrutural. Durante o patrulhamento, equipes da polícia identi-

cam falhas na infraestrutura das rodovias — como buracos, problemas em pontes, falhas em passarelas e deficiência de iluminação — e encaminham relatórios ao Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit), ou a outros órgãos competentes, para que a questão seja resolvida. Para Fábio Ramalho, a amplitude da atuação da PRF só é possível em decorrência do trabalho conjunto com as demais forças de segurança, que fortalecem as competências umas das outras e, assim, ampliam os benefícios gerados para a população.

■ Equipes também costumam prestar auxílio a andarilhos identificados às margens das rodovias

CABEDELO

Fortaleza preserva o passado colonial

Candidato ao título de Patrimônio Mundial, o Forte de Santa Catarina recebe mais de 70 mil visitantes por ano

Iris Machado
irmschdo@gmail.com

Centro de memória e cultura, a Fortaleza de Santa Catarina ocupa uma posição de destaque na geografia e na história paraibanas. Localizada próximo à desembocadura do Rio Paraíba, no extremo norte do município de Cabedelo, na Região Metropolitana de João Pessoa, o monumento remonta ao período do Brasil Colônia. Hoje, a estrutura resiste aos desgastes do tempo como um dos principais cartões-postais do estado, uma de 19 fortificações na lista indicativa ao título de Patrimônio Cultural Mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco).

Anualmente, mais de 70 mil pessoas percorrem as muralhas da fortaleza, de acordo com a administração do local. Quem contabiliza essas informações é o gestor Osvaldo Carvalho, membro da Associação Artístico-Cultural de Cabedelo, à frente da Fundação Fortaleza de Santa Catarina há mais de 30 anos. Esse número representa um crescimento de 75% em comparação ao período anterior à pandemia de Covid-19, em 2019 — quando a média chegava, no máximo, a 40 mil visitantes anuais.

“É de importância não só para Cabedelo; a própria visão do forte como um monumento preservado, caracterizado como ruínas, é uma volta no tempo, uma amostra da história viva. Ao vir conhecê-lo, a pessoa aprende história aqui dentro”, observa Osvaldo. “O forte é um representante histórico local, desde sua execução, em 1589.

Isso dá uma visibilidade muito grande, inclusive ao turismo. A fortaleza é, hoje, um ponto de cultura, principalmente pelo indicativo de Patrimônio Mundial”, salienta.

Segundo Osvaldo, a concessão do posto depende de uma readequação da estrutura às exigências de segurança da Unesco — considerando, inclusive, a proximidade da edificação ao Porto de Cabedelo, polo de distribuição de combustíveis. O administrador revela que a Fundação Fortaleza de Santa Catarina já vem executando algumas intervenções para aprimo-

rar a proteção e a manutenção do local, e espera contar com o apoio de entidades governamentais — municipais e estaduais — para novas melhorias no ambiente.

Como observa o titular da Secretaria de Estado da Cultura (Secult), Pedro Santos, o Governo da Paraíba já tem contribuído com investimentos para atividades de zeladoria, preservação estrutural e segurança do forte. “Além disso, fazemos parte de um grupo de trabalho que tem discutido a possibilidade de haver uma gestão efetivamente compartilhada

da fortaleza. Esse é um processo que vem envolvendo debates junto ao Iphan [Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional] e à Secretaria do Patrimônio da União [SPU]”, aponta o secretário. “Não há, ainda, uma definição sobre isso, mas integramos o grupo, justamente, para pensarmos alternativas juntos”, completa.

Tendo, entre outras prioridades, a restauração total das muralhas e o firmamento de um plano de uso e ocupação do forte, a ideia da associação responsável pelo monumento é fortalecer seu papel

como um museu a céu aberto e atrair mais visitantes com programações culturais sediadas no espaço — a exemplo do tradicional espetáculo da Paixão de Cristo, durante o período da Páscoa.

Arte e inclusão

Entre as iniciativas empreendidas no lugar, há um projeto idealizado pela secretária-geral da fundação, Marieta Rezende. Professora, ela desenvolve um trabalho de arte inclusiva com jovens atendidos pela Secretaria Municipal da Pessoa com Deficiência (SPcD) de Cabede-

lo. A ação começou em 2022 e, hoje, incentiva 22 inscitos a descobrir as possibilidades das linguagens artísticas, nos intervalos entre os acompanhamentos de rotina.

“Quando eles estão pintando, quando estão desenhando, eles estudam o traço, as técnicas do desenho, a história da arte e os artistas paraibanos. Isso proporciona reflexão, conhecimento, e combate o capacitismo, o pensamento de que pessoas com deficiência têm de ser escondidas, que elas não têm condições de reflexão. Eles podem, eles aprendem, eles fazem, eles são capazes. A gente sempre faz essa integração. Em um dos estudos, eu incluí a pipa, que é um brinquedo popular e bem brasileiro, e a gente veio empinar pipa”, lembra Marieta.



Além da imersão nas origens do Brasil Colônia, a estrutura, erguida em 1589, vem sendo explorada como sede de projetos culturais e artísticos, a exemplo da apresentação de um espetáculo da Paixão de Cristo



A própria visão do forte como um monumento preservado é uma volta no tempo, uma amostra da história viva

Osvaldo Carvalho

Ambientes abrangem quartel, paióis de pólvora e capela

A construção da Fortaleza de Santa Catarina ocorreu durante a gestão do português Frutuoso Barbosa, capitão-mor da Capitania da Paraíba, no período de 1588 a 1591, sob a supervisão do alemão Cristóvão Linz. A urgência de proteger o território das ameaças externas determinou a escolha do local: a única porta de entrada para um ataque estrangeiro era o estuário do Rio Paraíba, na atual cidade de Cabedelo. As ofensivas que consolidaram a edificação como ponto estratégico, no entanto, vieram dos navios holandeses, no século 17, conforme revela o historiador Rafael Virgínio.

“A fortaleza era usada para fins estratégicos militares. A perda dessa importância aconteceu com o passar dos anos do período colonial, quando as invasões estrangeiras diminuíram no Brasil. Assim como a maioria das regiões e colônias, a Paraíba possui símbolos de resistência e de conflitos internos. A Fortaleza de Santa Catarina guarda, no passado, esses elementos tão decisivos na construção de um patrimônio, e é um forte elemento de memória, que existe até os dias de hoje”, reitera.



O local permanece intacto. Ao caminhar ali, você começa a sentir como se estivesse 500 anos atrás

Adalberto Cardoso

A princípio composta por madeira e taipa de pilão, a estrutura original do local enfrentou uma série de remodelações até adquirir uma versão final. Para substituir os materiais antigos, os portugueses trouxeram pedras de alvenaria e cal da capital Lisboa, segundo o modelo arquitetônico clássico

da época. No século 18, as reformas incluíram a cobertura do corpo da guarda e o desenho do arco do portão.

Ao todo, 20 compartimentos integram o monumento, em uma área total de 12,5 mil m². Lá, espaços simbólicos resgatam a memória do Brasil Colônia, como o quartel da tropa, a casa do comandante, as casamatas, os paióis de pólvora e a Capela de Santa Catarina, da qual a fortaleza recebeu seu nome. O Patrimônio Histórico Nacional tombou a construção em 1938, mas os esforços de restauração só começaram em 1974 — e exigem manutenções constantes.

Contudo, apesar dos percalços burocráticos, a beleza da estrutura perdura, fincada no solo que sustenta essa memória, e atrai admiradores de todo o país. Uma delas é Leandra Tavares, natural de Uberlândia, no interior do estado de Minas Gerais, que escolheu o destino por influência da família. “É a coisa mais linda do mundo. A gente está encantado. Nunca sonhava ver um negócio assim. A gente não conhece muito da história, porque é nossa primeira vez aqui, mas é tudo muito bonito. Meu fi-



Fortificação foi construída próxima ao estuário do Rio Paraíba, para proteção contra invasores

lho trabalha em uma agência de viagens e sempre indica a fortaleza para as pessoas”, confidencia.

Como ela, o turista Adalberto Cardoso, do Rio Grande do Sul, expressa um deslumbramento similar frente à grandza da edificação. Ao lado da esposa, ele adentrou no passado de uma comunidade em construção, rastro concreto de uma ancestralidade nacional. “Essa é uma experiência em que você vê a nossa origem, queira ou não

queira. O forte permanece intacto. É uma história bacana, de como ele foi construído até os dias de hoje. Isso é

maravilhoso, e é a história do Brasil. Ao caminhar ali, você começa a sentir como se estivesse 500 anos atrás”, reflete.

Serviço

A Fortaleza de Santa Catarina está aberta ao público todos os dias, das 8h30 às 17h. Para visitá-la, é preciso pagar uma taxa de R\$ 4 ou meia-entrada de R\$ 2. O monumento fica na Rua Francisco Serafim, no bairro Ponta de Matos, em Cabedelo, a 23 km de distância de João Pessoa. Todas as sextas-feiras, há mais de 20 anos, ocorre no espaço, às 8h, o hasteamento da bandeira nacional.

LITERATURA

A Paraíba no MEC Livros

Ainda é bem pequena a presença das letras paraibanas na nova biblioteca virtual do Governo Federal: só José Lins do Rego tem vários títulos disponíveis

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Nos últimos meses, o Governo Federal lançou na rede mundial de computadores uma biblioteca digital, com obras literárias premiadas, livros clássicos e *best-sellers*, todos gratuitos para leitura. Acessável pelo endereço meclivros.mec.gov.br, a plataforma MEC Livros disponibiliza títulos nacionais e mundiais de domínio público, além de obras contemporâneas licenciadas em formato digital. Ceiliro de autores consagrados e de vul-



Imagem: Divulgação/Autêntica

tosos artistas independentes da atualidade, a Paraíba figura no rol de buscas do portal literário. Mesmo que de forma (ainda) – assim desejamos crer – incipiente.

P o d e - s e acessar o acervo tanto pelo computador (em navegadores convencionais como Mozilla Firefox e Google Chrome) quanto no celular, por meio do aplicativo MEC Livros, disponível para Android e IOS. Por se tratar de um serviço do governo, faz-se necessário o *login* pela conta do gov.br, e funciona como uma biblioteca física: o interessado aluga o livro que quer ler por 14 dias, podendo renová-lo por mais 14.

Entre os paraibanos, José Lins do Rego aparece na busca com 18 resultados, em títulos como *Menino de engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934) e *O moleque Ricardo* (1947). Já Ariano Suassuna, ou mesmo o artífice de *A bagaceira* (1928), o romancista José Américo de Almeida,

da, não possuem sequer uma menção. Isso se explica, em parte, pela recente hospedagem dos volumes às prateleiras virtuais da biblioteca pública digital. Mas nomes contemporâneos, como os do autor André Ricardo Aguiar e Maria Valéria Rezende, nos representam.

Aguiar desponta no MEC Livros com um único livro: o infantil *Chá de sumiço e outros poemas assombrados* (Editora Autêntica, 2014), enquanto Rezende figura com os infanto-juvenis *No risco do caracol* (2008), *Hai-quintal* (2011) e *Ouro dentro da cabeça* (2017), também publicados pela Autêntica. No entanto, outros tantos autores talentosos da nova geração, como os Brunos Ribeiro e Gaudêncio, ou poetas da monta de Hildeberto Barbosa Filho, Sérgio de Castro Pinto e Políbio Alves ainda passam ao largo da empreitada digital.

“Minha avaliação é positiva em primeiro momento”, declara André Ricardo Aguiar, “porque a nossa literatura – rica – e de todo mundo, boa parte dela, não tem os mesmos mecanismos do que se produz com a máquina das grandes mídias, nem em livros que estão nos outros centros maiores e, muitas vezes, acoplados a premiações, etc. Então ver alguns livros paraibanos num plano de acesso ao livro, é algo bom. Claro que tem muito a se aperfeiçoar, como é essa estrutura de empréstimo, pois ainda está em processo”.

Informada somente pelos jornais e amigos, Maria Valéria, tal qual André, foi pega de surpresa. “Meus romances adultos não estão – eu não sei por que, mas enfim”, afirma a escritora, ao mesmo tempo em que menciona a imprecisão quanto ao pagamento de direitos autorais para aqueles selecionados pela curadoria. “É um problema sério no país, porque o direito autoral em geral é 10% do preço de capa, como se fosse gorjeta de garçom. É um problemão e não está claro, ainda, se vai haver alguma remuneração para os autores”.

“Quem escreve quer ser lido”

Leitora contumaz desde a tenra infância, Rezende informa estar muito feliz em saber que seus livros infantis estão à disposição, desejosa da efetiva leitura de seu trabalho pelos usuários, já que, como ela mesma diz, “quem escreve quer ser lido”.

Aguiar corrobora: “É bem-vindo ter mais alcance, mesmo que limitado

a uma duração de tempo e no meio digital”, e mesmo considerando precipitado fechar em opinião mais formada, acrescenta: “Ver um livro meu que chegou no MEC Livros é saber que ele tem visibilidade – que aliás, sei que tem, pois é um livro com selo do PNLD [Programa Nacional do Livro e do Material Didático], e isso, acho que ajuda”.

“Tem tanto livro e tem tanta gente publicando hoje, né? Parece que publicar um livro virou um negócio indispensável na vida de qualquer famoso”, ressalta Valéria. “E isso significa também o quê? Que dependendo de quem você é e onde você mora, os seus livros terão uma repercussão muito maior – inclusive, o mercado escolhe quem vai fazer sucesso. E quem compra os livros que estão na moda, não quer dizer que leiam necessariamente”, alude, cônica daquelas que, como diria Caetano Veloso, devotam aos livros a instrumentalidade de objetos decorativos, cultivados em estantes ou aquários.

Lógica de plataforma

Para o autor de *Chá de sumiço e outros poemas assombrados*, os motivos para uma certa invisibilidade de outros literatos paraibanos diante dos radares da plataforma são muitos e envolvem, no mínimo, questões socioculturais e políticas.

“Toda produção sempre tem lacunas de visibilidade, e não seria diferente aqui”, comenta. “O ato de escrever um livro não é impossível, e talvez publicar por conta própria ou por edital. Mas sinto que tudo ainda se afunila, e deve ter muitos valores escondidos, não estimulados, e claro, que nem sequer consegue furar a bolha até do acesso ao livro, ponto fundamental, pois o escritor ou escritora precisavam antes de tudo ler” enfatiza Aguiar.

André acredita que sempre existirá o risco de que a plataforma reproduza um recorte restrito de vozes da literatura brasileira, justo pela publicação em larga escala em um país continental como o Brasil. “E, talvez, nem saberemos quais vozes po-

dem estar restritas ao seu meio de origem, sem furar a bolha”, pontua ele.

“Funciona como uma biblioteca que tem um espaço e um número de leitores. Uma biblioteca ideal teria tudo, mas não é a realidade. Acredito que a plataforma dê acesso para estimular mais o hábito de ler, pensar, criticar e, quem sabe, criar leitores num meio digital que parece sempre esmagar a leitura aprofundada em troca do que rola na rede, a superficialidade, a velocidade e a fragmentação”.

As escuras em relação ao processo burocrático e administrativo da seleção das obras, e lembrando do serviço de assinatura Tag Livros, Maria Valéria confessa: “O que eu gosto muito e que tenho tido muito prazer são os clubes de leitura que estão se espalhando pelo Brasil todo e que estão lendo os meus livros, sabe?”.

É válido mencionar, ainda, que a versão da plataforma para celulares tem funcionado com certa instabilidade, a exemplo de fechamento abrupto do *app* ao alternar a orientação de leitura (de retrato para paisagem). De acordo com *feedbacks* de vários usuários, as obras em quadrinhos seriam as mais prejudicadas pelo mau funcionamento.



Imagens: Divulgação/Global



Imagens: Divulgação/Autêntica



Autores contemporâneos da literatura paraibana compõem com publicações infantojuvenis, como André Ricardo Aguiar (no alto) e Maria Valéria Rezende (E); já José Lins do Rego tem seus clássicos à disposição

Artigo

Estevam Dedalus

Sociólogo | estevam_dedalus@yahoo.com.br

A coisa proibida

Um tema recorrente em contos folclóricos e em muitas narrativas mitológicas é o da “coisa proibida”. Ele aparece, inclusive, em um dos nossos mais importantes mitos fundadores: o pecado original. Sempre pensei que, se Deus é onisciente, então sabia que Adão e Eva desobedeceriam à ordem de não comer o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. O mitólogo Joseph Campbell diz que Deus certamente sabia disso, mas que essa transgressão era uma condição necessária para que o primeiro casal humano, de fato, começasse a viver.

Na visão de Joseph Campbell, a vida de Adão e Eva se iniciou depois da desobediência. Isso porque a experiência que se segue é a quebra da unidade atemporal, o descortinamento do mundo como uma realidade baseada em pares de opostos: vida e morte, homem e mulher, certo e errado, verdade e mentira, juventude e velhice etc. O que me parece uma interpretação bastante provocadora, porque desloca o pecado original da esfera da culpa para a própria condição da experiência humana.

O tema da “coisa proibida” pode ser visto, por exemplo, no mito da Caixa de Pandora e no conto do Barba Azul — um nobre assassino que, certa vez, viajou e entregou as chaves de sua casa à sua esposa, proibindo-a de entrar em um dos cômodos. Ela, bastante curiosa, desobedeceu e teve uma visão aterrorizante: as esposas do Barba Azul estavam mortas e penduradas na parede.

Qual seria a explicação para que o mesmo tema se replique em histórias diferentes?

Campbell, como estruturalista, argumenta que uma das explicações possíveis para isso é que “[...] a psique humana é essencialmente a mesma, em todo o mundo. A psique é a experiência interior do corpo humano, que é essencialmente o mesmo para todos os seres humanos, com os mesmos órgãos, os mesmos instintos, os mesmos impulsos, os mesmos conflitos, os mesmos medos. A partir desse solo comum, constitui-se, o que Carl Jung chama de ‘arquetipos’, que são as ideias em comum dos mitos”. Esses arquetipos assumiriam roupagens diferentes conforme as variações culturais e as circunstâncias históricas de cada sociedade; porém, seus elementos mais fundamentais, estruturais, seriam os mesmos, porque suas bases são de ordem biológica. Joseph Campbell afirma que “são essas diferenças que o antropólogo se esforça por identificar e comparar. Agora, existe também a contrateoria da difusão, que pretende dar conta da similaridade dos mitos”.

O exemplo que Joseph Campbell dá é bem esclarecedor: “A arte de lavar o solo avança a partir da área em que se desenvolve primeiro, levando consigo uma mitologia que tem a ver com a fertilização da terra, com plantar e cultivar plantas alimentícias — mitos como aquele antes descrito, de matar uma divindade, cortá-la em pedaços, enterrar as partes, e daí o crescimento das plan-

tas alimentícias. Um mito desse tipo acompanhará uma tradição agrária ou lavradora. Mas você não o encontrará numa cultura voltada para a caça. Assim, há aspectos tanto históricos como psicológicos nessa questão da similaridade dos mitos”. Outro argumento curioso é o de que as histórias de criação e outras narrativas mitológicas teriam como finalidade produzir as condições simbólicas e afetivas para nos abirmos à transcendência.

A vida humana é marcada por um mistério primordial, que engloba todas as coisas e é chamado por Joseph Campbell de “vasto chão de silêncio”. Os mitos nos levam a “experimentar a presença divina”. Talvez seja justamente essa a função mais profunda do mito: não explicar o mundo de forma racional, mas nos lembrar de que há nele uma dimensão sagrada que a vida cotidiana tende a ocultar.

A partir dessa ideia, Joseph Campbell recorda uma saudação feita na Índia: “Na Índia existe uma bela saudação, em que as palmas das mãos se juntam e você se inclina na direção da outra pessoa. Sabe o que isso significa?”. A resposta de Joseph Campbell é a seguinte: “A posição das palmas unidas — é o que fazemos quando rezamos, não é mesmo? Segundo essa saudação, o deus que está em você reconhece o deus que está no outro”. Essa gente tem consciência da presença divina em todas as coisas. Quando entra em um lar indiano, como convidado, você é recebido como uma deidade em visita”.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias

Filósofo e físico | klebmaux@gmail.com

Magna arte de Arthur Schopenhauer

O pensamento filosófico do alemão Arthur Schopenhauer (1788–1860) considera a música como a magna arte, conforme exposto no parágrafo 52 da terceira parte de seu livro *O mundo como vontade e representação*, publicado em 1819. A obra propõe o mundo como vontade, isto é, que o mundo é uma força irracional e insaciável que impulsiona tudo — a “coisa em si”. Não se trata apenas da vontade humana, mas de uma força cósmica e irracional que rege a natureza, os seres vivos e os objetos. O mundo como representação é a forma como é percebida essa vontade por meio da cognição, da razão e da projeção da mente, que cria um mundo fenomênico (ilusório), regido pelo tempo, espaço e causalidade, e submetido ao princípio de razão. Dito isso, como a vontade é um desejo infinito e insaciável, a existência humana é definida pelo sofrimento (falta) ou pelo tédio (satisfação momentânea). Diante disso, o pensador defende um pessimismo metafísico, segundo o qual a vida é um ciclo de dor causado pelo desejo ininterrupto, e sugere a vivência da arte como meio de alcançar um aperfeiçoamento espiritual, moral e ético.

Na obra, Schopenhauer desenvolve uma concepção estética fundamentada em sua metafísica da vontade, na qual a música é a máxima arte entre as artes por sua capacidade de expressar a essência do mundo, sem mediação conceitual ou representacional. Diferentemente das demais formas artísticas, que operam por meio de imagens e ideias — isto é, no âmbito da representação —, a música, para ele, representa uma manifestação imediata da própria vontade, princípio metafísico que estrutura toda a realidade e estabelece uma relação direta com a essência do ser. Nesse sentido, sua linguagem torna universalmente inteligível, ainda que não seja traduzível em conceitos. Segundo Schopenhauer, na obra citada, no Livro Terceiro, parágrafo 52, “a música não é, como as outras artes, cópia das ideias, mas cópia da própria vontade”.



Foto: Reprodução

Schopenhauer: vontade e representação

A dimensão metafísica da música também se articula com sua função existencial. Para Schopenhauer, a vida humana é vivenciada pelo sofrimento, decorrente da incessante atividade da vontade, que se manifesta como desejo insaciável e, conseqüentemente, como fonte permanente de frustração e dor. Nesse processo, a experiência estética musical oferece uma via de suspensão momentânea desse ciclo, na qual o indivíduo é capaz de se desvincular temporariamente de sua individualidade empírica e das exigências da vontade, alcançando um estado de serenidade e elevação. Trata-se, portanto, de uma forma de redenção por meio da arte, ainda que provisória, na qual se experimenta um alívio da angústia inerente à existência.

No âmbito da ópera, Schopenhauer sustenta a primazia da música sobre a poesia, criticando qualquer tentativa de subordinar o elemento musical ao texto dramático. Para ele, a música deve constituir o elemento central da obra, sendo capaz de transmitir as emoções representadas de

forma universal. Essa concepção influenciou significativamente a estética musical do século 19, especialmente no debate sobre a autonomia da música instrumental em relação às formas vocais e literárias. Outro aspecto relevante da reflexão schopenhaueriana diz respeito à natureza da criação artística. O filósofo defende que a composição musical surge do subjetivismo do artista, entendida como manifestação intuitiva de uma dimensão mais densa da realidade. O gênio musical, nesse sentido, é aquele que consegue captar diretamente a essência da vontade e traduzi-la em linguagem sonora, sem recorrer à mediação da razão discursiva. Tal processo implica uma dissociação entre o indivíduo empírico e o artista criador, na medida em que o gênio opera em um nível intuitivo e quase inconsciente, distante das limitações do pensamento conceitual.

Apesar de reconhecer a grandeza da música, Schopenhauer admite a impossibilidade de sua perfeição absoluta. Isso se deve, em parte, à natureza irracional dos fundamentos numéricos que estruturam o sistema musical, como as relações harmônicas e rítmicas, que não se deixam reduzir à lógica racional. Ainda assim, essa limitação não compromete seu sentido estético e metafísico; ao contrário, reforça seu caráter enigmático e sua capacidade de expressar o indizível. Essa tensão confere à música uma função vital na existência humana: ela dá acesso à essência do mundo e possibilita a sublimação do sofrimento humano.

Sinta-se convidado à audição do 566º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 3 das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar pelo aplicativo, em <https://radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm>. Durante o programa, comentarei sobre as peças que tratam do transcendente no classicismo e no romantismo dos séculos 18 e 19.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Eu vi uma rosa

O certo é que já ninguém acredita em mais nada. No entanto, existimos. Numa cena plácida, muita gente não gosta de poesia; outros têm esse hábito de acordar e declamar um poema de Drummond nesse universo tão precioso da literatura. Conheço quem sabe de cor os sonetos de Camões, os poemas do Bandeira, Cecília Meireles. Em 1982, em “Cores e nomes”, Caetano Veloso mandou dizer que a crítica não tocasse na poesia.

Não adianta pensar na poesia como realidade social, capaz de incidir no gosto e no modo de ver e pensar coletivo. Claro que não, a poesia não mora nesse espaço vago da promessa, dos gestos, políticos e mentirosos da realidade brasileira.

Comprei na Livraria da Travessa (Rio) a *Antologia poética* de Manuel Bandeira e tenho feito descobertas de belos poemas nesta constatação de perceber que não se trata de um sonhar momentâneo. Não, a poesia não é coisa de críticos oficiosos, que sempre apontam ao pragmatismo e à subserviência — nem sei por que estou dizendo isso.

Em “Belo, belo”, Bandeira diz: “A aurora apaga-se, e eu guardo as mais puras lágrimas da aurora, o dia vem, e dia a dentro continuo a possuir o segredo grande da noite”.

Essa aurora é do poeta e é nossa — nesse ritmo acompanhado, que começa por pôr em evidência algo de muito, no viver em comum: é que não sendo esta indicação a partilha de algo mais comum ainda, que o Bandeira guarda suas lágrimas e o segredo da noite passada.

Como se da poesia vivêssemos longe dessa ressalga de um coletivo e se tratasse assim, e não outra condição da existência, que só assenta na separação das horas. Nada disso, a poesia tem vida própria, namora com a prosa e é lá nos versos se encontram os personagens, por isso não é fácil ser poeta. Não é mesmo.

São quase 400 páginas, passando pela “Aranha” (que ele fez para Graça Aranha) a sanha, no corredor da cinza das horas, a dona branca que eu encontrei e no mundo perdi (o poeta, não) até a “Libertinagem”, a “Lira dos cinquent’anos”, o “Itinerário de Pasárgada”, e as estrelas da tarde e da manhã.

Não há solidão nos poemas do Bandeira, talvez eu descobrirei mais tarde, pela qual cada verso insubstituível do poema. “Eu vi uma rosa — uma rosa branca, sozinha no galho. No galho? Sozinha. No jardim, na rua. Sozinha no mundo”.

Quem não gosta de poesia certamente são os falsos poetas, que não preciso enumerar. E não se pense que os que não gostam de poesias se sustentam nas funções de representação de alguma coisa, talvez gozando com o p do outro.

O poeta se veste da sensibilidade, ao marcar sua poesia, seu espaço leitor do outro, mas isso eu não sei se vem a calhar no meu texto. Sim, tem um pouco de poesia na minha prosa, mas eu não sou poeta, sou leitor do Bandeira.

Em “Cânticos de cânticos”, Bandeira não dá bandeira no poema lírico-erótico que aborda o outro, dialoga com a intensidade do amor físico e a entrega amorosa. E não tem coisa mais bonita do que a entrega.

A vida não imita a poesia, a vida das porradas, a vida severina, a vida como ela é, ao nos retratar o que quiser, utilizando um tom de celebração ou nada, mas a vida nunca foi um mar de rosas.

Kapetadas

1 – Bem-vindo ao Clube dos Sabidos – qual é o seu poder? – Querer – desculpe mas querer não é poder.

2 – Previsão do tempo: não vai dar tempo.

Foto: Divulgação/Global



Manuel Bandeira Antologia poética

global

Bandeira

Capa da Antologia poética de Manuel Bandeira

Colunista colaborador

Coisas de Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor | Colaborador

Síndrome da informação documental no cinema

Longe de conter os elementos formais de dramaturgia que a arte do filme exige para sua construção de início-meio-fim, parâmetros de linguagem de leitura também narrativo-visual, o documentário não deve ser encarado como cinema, não no sentido estrutural, como arte de entretenimento. Erro crasso é continuarmos admitindo ao mero registro audiovisual esse cogente, quando se entende a importância do documentário, sobretudo de longa-metragem, como um produto de interesse da pesquisa social e cultural, jamais destinado à diversão.

Pesquisando mais uma vez sobre o trabalho de Eduardo Coutinho, cujo depoimento antecedeu à exibição de um de seus filmes mais recentes, nossa convicção fica mais clara sobre o documentarismo. E isso nos leva a firmar, ainda mais, a convicção pela justificativa do próprio realizador de *Cabra marcado para morrer* (memorável documento histórico de importante instante político da vida brasileira), de que o documentário não deve ser visto como cinema, tendo em vista o seu significado e formação estrutural.

Isso me faz lembrar de quando filmamos — eu e Jureny Bitencourt — as imagens para o documentário *Paralyha* (o filme). No final, foram duas horas de material a cores, 35 mm, que tivemos de reduzir para 12 minutos, até por exigência e norma da própria Embrafilme, que foi a distribuidora

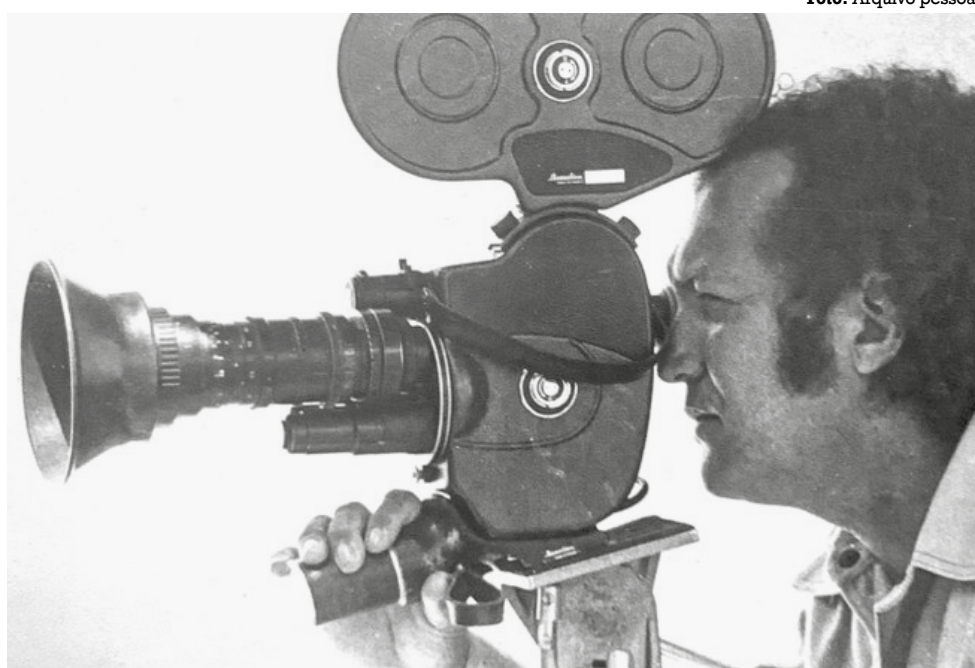


Foto: Arquivo pessoal

O cineasta Machado Bitencourt foi um dos pioneiros da arte do cinema na Paraíba

comercial do filme. E já na moviola, em São Paulo, com o montador João Ramiro Melo, foi um extenuante exercício de garimpagem de imagens...

Em verdade, no que diz respeito aos aspectos ficcional e documental do cinema, e oriundo que sou da atividade cinematográfica, eminentemente exibidora e de entretenimento, não me foi fácil digerir algumas mudanças e compreensões impostas pelos novos tempos e formas de comunicação. Não obstante isso, acabei por entender a verdadeira função do cinema, a de hoje especialmente, que

é tão somente a da reconstituição dos fatos; jamais por meio de uma simples documentação. Entenda-se, lógico, a “reconstituição” como a representação, recriação ficcional dos fatos históricos de seus atores e de uma realidade.

O que se deve entender, repito, é que o documentário tem uma outra função social, por tratar de uma realidade como ela se encontra quando foi filmada ou gravada, jamais como forma de entretenimento. — *Mais “Coisas de Cinema”, em nosso blog: www.alexantost.com.br*



APC: programa de interiorização no estado

A Academia Paraibana de Cinema, sob a presidência do professor João de Lima Gomes, vem desenvolvendo seu programa de interiorização e de apoio ao cinema em diversas regiões do estado.

Neste mês de maio, será a vez de a Academia se fazer presente no município de Sumé, debatendo com Artur Lins e Ana Célia a obra que resgata o papel da caravana Mostra Sumé de Cinema no Nordeste. O evento acontecerá no próximo dia 14, organizado pela própria Ana Célia, sendo mais uma ação com a participação da APC no movimento de interiorização do cinema.

EDITAL

Arte na Bagagem abre novo edital amanhã

Daniel Abath
 abathjornalista@gmail.com

Realizado há quatro anos consecutivos pelo Governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado da Cultura (Secult), o programa de circulação artística Arte na Bagagem firma, em 2026, um investimento total de R\$ 1 milhão, estruturado em duas chamadas públicas de R\$ 500 mil cada uma, com o objetivo de fomentar a circulação artística em âmbito regional, nacional e internacional. O mesmo montante foi destinado ao programa nos anos anteriores, totalizando recursos da ordem de R\$ 4 milhões no período de 2023 a 2026.

Na primeira etapa, foram contemplados 34 projetos, envolvendo 91 participantes entre artistas individuais, grupos e coletivos. As ações selecionadas serão realizadas de 1º de maio a 31 de agosto de 2026, alcançando quatro países — Portugal, França, Colômbia e Paraguai

— e sete estados brasileiros: São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Amapá, Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte e o Distrito Federal. O edital contemplou oito linguagens artísticas, incluindo música, dança, teatro, audiovisual, literatura e artes visuais, reafirmando seu caráter multidisciplinar. Os valores de incentivo foram distribuídos conforme a abrangência dos projetos: R\$ 3 mil para circulação regional, R\$ 5 mil para nacional e R\$ 10 mil para internacional.

A segunda chamada, também no valor de R\$ 500 mil, abrirá inscrições na próxima segunda-feira (4) e segue até 2 de junho, preven-

do a realização das viagens no período de 1º de setembro a 30 de dezembro do corrente ano. Mantendo os mesmos critérios de financiamento, os artistas selecionados receberão R\$ 3 mil para projetos regionais, R\$ 5 mil para nacionais e R\$ 10 mil para internacionais. O edital completo está disponível na página do Arte na Bagagem no [site cultura.pb.gov.br](http://site.cultura.pb.gov.br).

Com especial atenção à valorização da produção literária paraibana, o Edital Arte na Bagagem 2025 contou com a parceria da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC). A iniciativa selecionou obras de autores paraibanos ou re-

sidentes no estado para lançamentos durante a 15ª Bienal Internacional do Livro de Pernambuco, ocorrida de 3 a 12 de outubro do ano passado, no Centro de Convenções de Olinda. Ao todo, 26 obras foram contempladas, distribuídas em diferentes gêneros: poesia (8), conto (4), biografia (4), romance (4), cordel (2), literatura infantojuvenil (3) e crônica (1). Cada proponente recebeu um prêmio de R\$ 3 mil, fortalecendo a difusão da literatura paraibana em um dos principais eventos do setor no país.

Justo na edição de 2025, o programa obteve sua circulação nacional e internacional mais ampla — na primeira chamada daquele ano, chegou a alcançar 12 estados brasileiros (Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, Paraná, Acre, Pará, Bahia, Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Norte) e 10 países (Chile, Holanda, Colômbia, Portugal, Bulgária, França, Polônia, Itália, Bélgica e Irlanda).



Foto: Divulgação/Secult

A banda Os Eloquentes foi um dos contemplados pelo edital

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
 hildebertopoesia@gmail.com

Essa aventura solitária

Sou um estranho viajante da leitura. Minha geografia literária é vária e vasta.

Ora estou nas montanhas da Grécia antiga, escutando, atento, Sócrates discutindo com Górgias, orientando Platão e esmiuçando, para os diversos discípulos, os passos sinuosos de sua dialética, centrada na ironia e na maiêutica. Anoto tudo nesse formidável romance dramático que é *Os diálogos*. Faz tempo que os leio. Para mim, constituem uma *Bíblia* ao mesmo tempo laica e sagrada. Seus conceitos não se fecham no âmbito lógico do conhecimento pré-moldado, uma vez que se deixam abrir, em espiral, para os vales da imaginação, da intuição, da fantasia criadora, como liames mágicos que me conecta com os fluidos da sabedoria.

Ora me tranco num mosteiro da Idade Média, só para mergulhar, entre silencioso e suplicante, na tempestade melódica da *Divina comédia*. Ter lido Dante foi uma glória na minha vida. Ali, no meu sentir, no meu entender, reside o suprasumo da linguagem poética. Goethe dizia que a poesia é a linguagem do invisível. Pois bem: Dante torna real esse princípio teórico, trazendo, para a cena de seus tercetos de fogo, os avessos ocultos da miséria humana, seus erros e demônios, seu imperecível desamparo, sem deixar de tocar, contudo, com seu ritmo e imagens, a luz sublime das aventuras celestiais.

Ora me atrai a subjetividade da Renascença, e passo longas horas lendo e relendo meu amado Montaigne. *Os Ensaaios* constitui, para mim, uma cartilha fecunda de ensinamentos. Quando me detenho em certos assuntos, por exemplo, livros, mulher, guerra, doença, amor, arte, poesia, morte, descubro, pela lógica vertical do ceticismo, nuances semânticas que nenhuma ciência consegue me dar. Nele, a razão tem limites. A experiência diária e íntima é fonte de saber. Montaigne é tão grande como as distâncias do universo. E melhor: escreve simples e fácil, com a clareza meridiana e iluminada do homem renascentista.

Ora faço parada no século 19. Volto aos russos, que são maiores. Gogol, Tolstói, Tchekhov, Dostoiévski, só para referir os preferidos. Dostoiévski, não tenham dúvida, sempre foi o meu planeta. O remorso, o sentimento de culpa, o mal copulando com o bem, Deus e Diabo fundidos numa metáfora perfeita, saltam de suas páginas e me ajudam a conviver melhor com os meus pecados mortais, com as estepes dolorosas dos meus dias brancos. Flaubert, Baudelaire, Maupassant, os irmãos Goncourt respondem pela grandeza da França. Não devo esquecer, no desfiladeiro desse século, o meu Machado, e sua acidez, seu tédio, sua galhofa, sua melancolia, sua ironia e humor cáusticos e severos.

Ora frequento os modernos, os clássicos modernos, entre poetas e prosadores que também me fizeram a cabeça e inundaram meu coração de júbilo e espanto. Modernos e contemporâneos. Um Kafka, um Rilke, um Pessoa, um Borges, um Rosa, uma Clarice, um Bandeira, um Drummond, um Cortázar, um Gabriel, um Roth, um Lorca, um Coetzee, um Calvino, um Zé Lins, e mais e mais, na lista dos autores e autoras que convivem comigo.

Repito: sou um estranho viajante da leitura. Para mim, ler é respirar, é viver. Mais que viver, é existir. Por isto não consigo conceber o mundo, sem essa aventura solitária que os livros me oferecem.

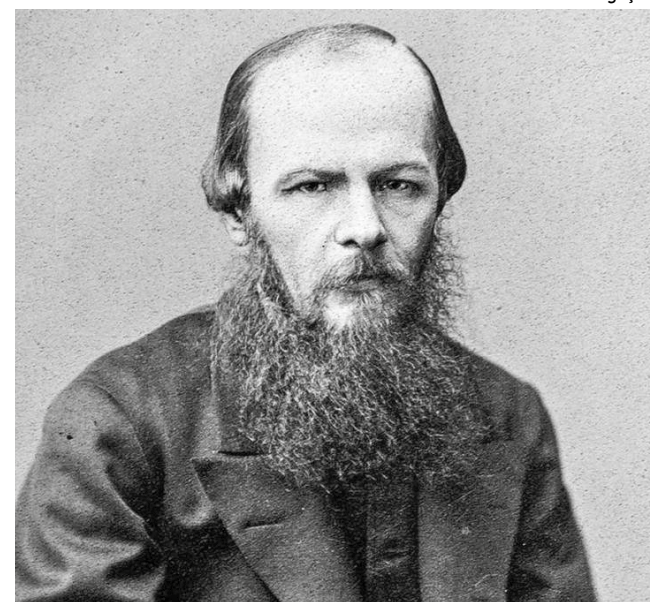


Foto: Divulgação

“Dostoiévski, não tenham dúvida, sempre foi o meu planeta”

LITERATURA

Mutarelli não consola ninguém

Escritor segue fiel a seu estilo em novo romance: Masuaki e/ou não deixe os cachorros latirem sozinhos

Eduardo Augusto
Especial para A União

Há algo de profundamente incômodo e ao mesmo tempo irresistivelmente cômico na literatura de Lourenço Mutarelli. Nascido em São Paulo, em 1964, o autor construiu, ao longo das últimas três décadas, uma obra que transita com desenvoltura entre os quadrinhos, o teatro, o cinema e o romance — e que tem como marca registrada um olhar oblíquo sobre o fracasso, a decadência e as pequenas e grandes humilhações de existir. Agora, com o lançamento de seu décimo romance, *Masuaki e/ou não deixe os cachorros latirem sozinhos* (Companhia das Letras), Mutarelli leva essa empreitada a um novo patamar de complexidade e ousadia.

Antes de chegar a esse novo título, Mutarelli já havia demonstrado uma rara capacidade de transitar entre linguagens e tonalidades. Nos anos 1990, publicou quadrinhos como *Transubstanciação* (1991) e a celebrada trilogia do detetive Diomedes — *O dobro de cinco*, *O rei do ponto* e *A soma de tudo I e II* —, nos quais o gênero policial servia de pretexto para explorar os subterrâneos de uma São Paulo noturna e degradada. Suas peças de teatro, reunidas em *O teatro de sombras* (2007), revelam um autor interessado na economia minimalista do gesto e na potência do vazio.

Foi, porém, com seus romances que Mutarelli alcançou maior projeção nacional. *O cheiro do ralo* (2002), adaptado para o cinema em 2007, já trazia aquele tom seco, cortante, entre o cômico e o asqueroso, que se tornaria sua marca. Seguiram-se *O natimorto* (2004, cinema em 2008), *A arte de produzir efeito sem causa* (2008, cinema em 2014), *O grifo de Abdera* (2015) e *O livro dos mortos* (2022). Cada um desses títulos aprofundava uma obsessão recorrente na

obra mutarelliana: a investigação dos abismos interiores de personagens à beira do colapso, narrada com uma precisão cirúrgica que não raro beira o insuportável, mas que nunca perde o senso de humor, ainda que um humor *noir*, seco, quase desértico.

Masuaki e/ou não deixe os cachorros latirem sozinhos começa com uma cena enganosa e simples. O protagonista chamado Masuaki, como reza o título, está acomodado no sofá, com um volume de *Little Nemo* no colo, a clássica história em quadrinhos de Winsor McCay, conhecida por seus cenários oníricos e arquiteturas impossíveis. A escolha da leitura não é casual: assim como os sonhos de Nemo, o romance de Mutarelli mergulha num território onde o real e o alucinatório confundem-se sem aviso prévio.

Masuaki conversa com Alice, que está na cozinha. Ele conta uma história de infância: uma festa, um amiguinho que precisa ir embora antes do bolo e a pergunta ingênua que lhe faz — “Você não está triste de ter que ir embora no melhor da festa?” —, seguida pela resposta devastadora do amigo: “Eu nem fui convidado”. Alice ri da cozinha, “como se fosse uma piada”. E nesse breve diálogo, que ocupa menos de meia página, já está contida quase toda a poética de Mutarelli: a lembrança que vem à tona sem aviso, a dor recalcada disfarçada de anedota, o riso que não sabe bem ao certo do que está rindo.

A cena prossegue. Masuaki e Alice comem juntos. Conversam. Preparam-se para dormir cedo, pois no dia seguinte há uma gravação importante: a banda Os Piliñra vai registrar “Vinhã dois caras andando numa estrada” num estúdio profissional. Masuaki está calmo, “até mesmo feliz”. É então que seu celular toca. Número desconhecido. Ele não atende.

Publicado pela Companhia das Letras, *Masuaki e/ou não deixe os cachorros latirem sozinhos* é descrito pela própria editora como uma narrativa que embaralha as fronteiras entre ficção, autobiografia e distopia. E, de fato, é impossível ler o livro sem sentir que algo ali respira a vida do autor, não como confissão, mas como matéria-prima transmutada em arte. O envelhecimento, o amor que persiste apesar de tudo, a solidão que não é barulhenta, mas sim essa coisa silenciosa que se instala nos intervalos entre uma fala e outra, os demônios que cada um carrega consigo, tudo isso aparece nessas páginas, mas nunca de forma direta ou programática. Mutarelli prefere o desvio, a cena oblíqua, o diálogo que parece não levar a lugar nenhum até, de repente, abrir um fosso sob os pés do leitor.

O subtítulo — *e/ou não deixe os cachorros latirem sozinhos* — é uma chave de acesso ao tom do livro. Há algo de instrução paradoxal, de conselho que não se completa, de equação aberta. Os cachorros latirão sozinhos ou não? É possível estar presente para o latido alheio quando mal se consegue ouvir os próprios pensamentos? E quem, afinal, é Masuaki? Um alter ego do escritor? Um personagem de ficção construído a partir de fragmentos de memória? Um delírio de si mesmo?

O romance não responde. Melhor: ele desvia da resposta como quem evita uma armadilha. Em vez de respostas, oferece aos leitores um universo povoado por lembranças que sangram umas nas outras, alucinações que se vestem de realidade, conversas que são, ao mesmo tempo, afeto e abismo. É um livro melancólico, sim, mas também hilário — justamente porque o riso, em Mutarelli, nunca é puro: ele carrega consigo o soluço, o desespero contido, a percepção de que estamos todos, no fundo, contando piadas so-

bre festas para as quais não fomos convidados.

Neste momento em que a literatura brasileira contemporânea assiste a uma proliferação de vozes narrativas que buscam, cada uma a seu modo, dar conta da fragmentação da experiência das redes sociais ao *burnout* emocional, da crise do trabalho à solidão pós-pandêmica, a obra de Mutarelli destaca-se por uma qualidade rara: ela não tenta consolar. Não há saída redentora nem catarse fácil nessas páginas. O que há, em vez disso, é uma inteligência narrativa afiada como bisturi, capaz de dissecar o ridículo e o sublime de uma mesma frase.

Masuaki e/ou não deixe os cachorros latirem sozinhos é um livro para q u e m

não tem medo de se perder. Para quem entende que a literatura, no seu melhor, não é um espelho que devolve uma imagem nítida, mas sim um sonho do qual acordamos sem saber exatamente onde estamos e rindo, ou quase rindo, da estranheza de estar vivos.



Foto: Divulgação

Lourenço Mutarelli desvia de respostas e traz o riso, mas carregando junto o soluço

Em Cartaz



Cinema

Programação de 30 de abril a 6 de maio, nos cinemas de João Pessoa, Campina Grande, Patos, Guarabira e Remígio.

* Até o fechamento desta edição, o Cine Vieira, em São Bento, não havia divulgado sua programação.

ESTREIAS

CHEIRO DE DIESEL. Brasil, 2026. Dir.: Gizele Martins e Natasha Neri. Documentário. Vozes das comunidades do Rio de Janeiro relatam os traumas das ocupações das favelas pelas Forças Armadas. 1h22. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: qua., 6/5: 18h40; seg., 11/5: 16h; sex., 15/5: 16h; dom., 17/5: 15h; ter., 19/5: 18h10; sáb., 23/5: 17h; sex., 29/5: 16h.

A CRONOLOGIA DA ÁGUA (*The Chronology of Water*). EUA/França/Letônia, 2025. Dir.: Kristen Stewart. Elenco: Imogen Poots, Thora Birch, Jim Belushi. Drama. Aspirante a nadadora olímpica tem vida de violência, abusos e drogas, mas supera tudo com a ajuda da escrita. 2h08. 18 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: qua., 6/5: 20h10; sex., 8/5: 19h30; seg., 11/5: 20h; qua., 20/5: 19h50; sáb., 23/5: 19h; ter., 26/5: 15h30; dom., 31/5: 19h10.

O DIABO VESTE PRADA 2 (*The Devil Wears Prada 2*). EUA, 2026. Dir.: David Frankel. Elenco: Meryl Streep, Anne Hathaway, Emily Blunt, Stanley Tucci, Justin Theroux, Kenneth Branagh, Lucy Liu, Lady Gaga. Comédia. Editora de revista de moda enfrenta dificuldades com o meio e a ascensão de antiga subalterna, agora adversária. 1h59. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 21h40. CENTERPLEX MAG 3 (Atmos): dub.: 16h; leg.: 18h30, 21h. CENTERPLEX MAG 4: leg.: 15h; dub.: 17h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 18h15, 21h. CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 15h, 17h45, 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 7: leg.: 13h45, 16h30, 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (macro-XE): dub.: 14h, 16h45, 19h30, 22h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 13h15, 16h, 18h45, 21h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 19h15, 22h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.:

15h30, 18h15, 21h. CINESERCLA TAMBIA 4: dub.: 15h50, 20h30; leg.: 18h10. CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 15h20, 17h40, 20h. CINESERCLA TAMBIA 6 (laser): dub.: 14h, 16h20, 18h40, 21h. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 15h20, 17h40, 20h. CINESERCLA PARTAGE 2 (laser): dub.: 14h, 16h20, 18h40, 21h. CINESERCLA PARTAGE 3: leg.: 15h50, 18h10, 20h30. Patos: CINE GUEDES 1: dub.: 20h45. CINE GUEDES 2: dom., seg. e qua.: dub.: 14h30, 16h50, 19h05, 21h20; ter.: dub.: 14h30, 16h50, 19h05; leg.: 21h20. PATOS MULTIPLEX 1: dub.: dom.: 15h35, 18h20, 19h25, 21h; seg. a qua.: 15h35, 18h20, 19h30, 21h. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dom.: dub.: 15h50; leg.: 20h40; seg. a qua.: dub.: 20h40. CINEMAXXI CIDADE LUZ 3: dub.: dom.: 13h50, 16h20, 18h50, 21h20; seg. a qua.: 16h20, 18h50, 21h20. Remígio: CINE RT: dub.: dom. e ter.: 14h, 18h20, 20h30; seg. e qua.: 14h, 16h10, 20h30.

PAI, MÃE, IRMÃ, IRMÃO (*Father, Mother, Sister, Brother*). EUA/Reino Unido/Itália/França/Irlanda/Alemanha, 2025. Dir.: Jim Jarmusch. Elenco: Tom Waits, Adam Driver, Mayim Bialik, Charlotte Rampling, Cate Blanchett, Vicky Krieps. Comédia/drama. Irmãos se reencontram após anos e reavaliam os relacionamentos com os pais distantes. 1h50. 14 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: ter., 5/5: 16h; sáb., 9/5: 15h; qua., 13/5: 16h; dom., 17/5: 17h; qui., 21/5: 18h40; sáb., 23/5: 15h; sex., 29/5: 20h10.

O RISO E A FACA. França/Portugal/Brasil/Romênia, 2025. Dir.: Pedro Pinho. Elenco: Sérgio Coração, Cleo Diára, Jonathan Guilherme. Drama. Engenheiro ambiental na África constrói laços íntimos, mas frágeis, com dois moradores locais. 3h31. 18 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: qua., 6/5: 15h; ter., 12/5: 15h; sáb., 16/5: 19h; seg., 18/5: 15h; qui., 21/5: 15h; seg., 25/5: 15h.

THAT TIME I GOT REINCARNATED AS A SLIME: O FILME – LÁGRIMAS DO MAR AZUL-CELESTE (*Gekijou-ban tenshi shitara slime datta ken: soukai no namida-hen*). Japão, 2026. Dir.: Yasuhito Kikuchi e Austin Sisk. Aventura/animação. Homem que reencarnou em outro mundo como um slime é convidado para a ilha privada de uma imperatriz. 1h44. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: 15h30.

ZICO, O SAMURAI DE QUINTINO. Brasil, 2026. Dir.: João Wainer. Documentário. A trajetória de Zico, ídolo do Flamengo nos

anos 1980 e 1990 e que revolucionou no Japão. 1h47. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 13h. Patos: CINE GUEDES 1: 18h45. PATOS MULTIPLEX 3: dom.: 16h40; seg. a qua.: 17h10. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: 18h25.

ESPECIAL

SUPER XUXÁ CONTRA BAIXO ASTRAL. Brasil, 1988. Dir.: Anna Penido. Elenco: Xuxa Meneghel, Guilherme Karam, Jonas Torres. Infantil/aventura/comédia. Apresentadora de TV enfrenta uma entidade maligna subterrânea que está farta de sua bondade. 1h26. Livre.

João Pessoa: ESPAÇO CINEMA PASSEIO: dom.: 16h, 19h.

REAPRESENTAÇÃO

BETTY BLUE (*37°2 le Matin*). França, 1986. Dir.: Jean-Jacques Beineix. Elenco: Jean-Hugues Anglade, Béatrice Dalle, Gérard Darmon. Drama/romance. Aspirante a roteirista tenta apoiar a namorada enquanto ela sucumbe à loucura. 1h59. 18 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: ter., 5/5: 20h; sáb., 9/5: 19h; qui., 14/5: 16h; seg., 18/5: 20h20; sex., 22/5: 18h20; qua., 27/5: 16h; dom., 31/5: 17h.

SUSPIRIA (*Suspiria*). Itália, 1977. Dir.: Dario Argento. Elenco: Jessica Harper, Stefania Casini, Flávio Bucci, Alida Valli. Terror. Aluna americana de balé na Alemanha percebe que a escola é uma fachada para algo sinistro e mortal. 1h39. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: ter., 5/5: 18h10; sex., 8/5: 16h; seg., 11/5: 18h10; qui., 14/5: 18h10; dom., 17/5: 19h; sex., 22/5: 20h30; seg., 25/5: 20h20; qui., 28/5: 20h; sáb., 30/5: 17h.

CONTINUAÇÃO

DEVORADORES DE ESTRELAS (*Project Hail Mary*). EUA, 2026. Dir.: Phil Lord e Christopher Miller. Elenco: Ryan Gosling, Sandra Hüller, James Ortiz (voz). Ficção científica/suspense. Astronauta tenta impedir o Sol de ser destruído e recebe a ajuda de um ser alienígena. 2h36. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: 20h45.

O DRAMA (*The Drama*). EUA, 2026. Dir.: Kristoffer Borgli. Elenco: Zendaya, Robert Pattinson, Alana Haim. Drama/romance. Às

vésperas do casamento, casal apaixonado é abalado por revelações. 1h46. 16 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: leg.: 18h.

MICHAEL (*Michael*). Reino Unido/ EUA, 2026. Dir.: Antoine Fuqua. Elenco: Jaafar Jackson, Julianne Valdi, Colman Domingo, Nia Long, Miles Teller. Drama. Michael Jackson se sobressai no grupo de música que forma com os irmãos e se torna um dos maiores astros pop da história. 2h07. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 15h15; leg.: 18h, 20h45. CENTERPLEX MAG 2: leg.: 19h. CENTERPLEX MAG 4: dub.: dub.: 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: leg.: 15h10, 18h, 21h10. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 13h, 15h50, 18h40, 21h40. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 14h15, 17h15, 20h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): leg.: 14h15, 17h10, 20h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 15h15, 18h, 20h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 13h30, 16h15, 19h, 21h45. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: dom.: 14h, 18h20, 20h40; seg. a qua.: 18h20, 20h40. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 16h20, 20h45. CINESERCLA PARTAGE 5: dom.: dub.: 14h, 18h20; leg.: 20h40; seg. a qua.: dub.: 18h20; leg.: 20h40. Patos: CINE GUEDES 1: dub.: 16h20. CINE GUEDES 3: dub.: 15h, 18h30, 21h. PATOS MULTIPLEX 4: dub.: 15h, 17h40, 20h25. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 2: dub.: dom.: 13h25, 16h, 18h30, 21h10; seg. a qua.: 15h40, 18h30, 21h10. Remígio: CINE RT: dub.: dom. e ter.: 16h10; seg. e qua.: 18h20.

UM PAI EM APUROS. Brasil, 2026. Dir.: Carolina Durão. Elenco: Rafael Infante, Dani Calabresa, Xande Valois, Babu Santana. Comédia. Pai se vê em problemas para gerenciar os filhos depois que a mãe sai de férias. 1h42. 12 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 1: 12h45.

SUPER MARIO GALAXY: O FILME (*The Super Mario Galaxy Movie*). Japão/EUA, 2026. Dir.: Aaron Horvath e Michael Jelenic. Comédia/aventura/animação. A dupla de encanadores Mario e Luigi enfrentam uma dupla que conspira para dominar o mundo. 1h38. Livre.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 14h45, 17h. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 13h20, 15h40. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 14h20, 18h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 14h15, 16h45. Campina Grande: CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 14h20, 18h45. CINESERCLA PARTAGE 5: dub.: 16h20. Patos:

CINE GUEDES 1: dub.: 14h25. PATOS MULTIPLEX 3: dub.: dom.: 14h30; seg. a qua.: 14h50. Guarabira: CINEMAXXI CIDADE LUZ 1: dub.: sex. a dom.: 13h40; seg. a qua.: 15h30.

VELHOS BANDIDOS. Brasil, 2026. Dir.: Cláudio Torres. Elenco: Fernando Montenegro, Ary Fontoura, Vladimir Richta, Bruna Marqueline, Lázaro Ramos, Reginaldo Faria, Vera Fischer, Toni Tornado, Nathalia Thimberg. Comédia/policial. Casal idoso se junta a jovens parceiros para um audacioso roubo a banco. 1h33. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 12h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 13h.

Teatro

HOJE

CHARLIE E A FANTÁSTICA FÁBRICA DE CHOCOLATE. Do Cara Dupla Coletivo de Teatro. Baseado no livro de Roald Dahl.

João Pessoa: TEATRO EDNALDO DO EGYPTO (Av. Maria Rosa, nº 284, Manaíra). Sábado e domingo, de 2 a 24/5, 16h e 18h. Ingressos: R\$ 30 (via Pix), antecipados pelo whatsapp (83) 9.8625.5220.

Música

HOJE

POLYANA RESENDE. Show da cantora de samba no evento Armazém Cultural.

João Pessoa: FUNDAÇÃO CASA DE JOSÉ AMÉRICO (Av. Cabo Branco, nº 3336, Cabo Branco). Domingo, 3/5, 17h. Entrada franca.

AMANHÃ

SANHUA Samba Clube. Roda de samba de artistas paraibanos, com clássicos do gênero e músicas autorais.

João Pessoa: VILA DO PORTO (Praça São Frei Pedro Gonçalves, nº 8, Varadouro). Segunda, 4/5, 21h30. Ingressos: de R\$ 20 (meia/1º lote) a R\$ 50 (inteira/2º lote), na Shotgun.

MEMÓRIA PARAIBANA

Prefeito contrariou regime militar

Hugo Saraiva editou documento que denunciava arbitrariedades cometidas pela ditadura em Itabaiana, no Agreste

Eliz Santos
elzsantos17@gmail.com

Na manhã em que o Brasil acordava sob o impacto do Golpe Militar de 1964, uma pequena cidade do Agreste da Paraíba decidiu não se calar. Em Itabaiana, o então prefeito Hugo Saraiva, eleito no ano anterior, contrariou o clima de medo que se espalhava pelo país e posicionou-se contra a ruptura democrática — um gesto que custaria caro a ele e a seus aliados, como o secretário Arnaud Costa, alvo de perseguições do regime.

Logo após a deposição do presidente João Goulart, Saraiva adotou uma postura firme e incomum para o período: recusou-se a apoiar o golpe e buscou agir institucionalmente contra os abusos. Ele solicitou a seu secretário Arnaud Costa a redação de um documento oficial, no qual intercedia em favor de moradores presos e denunciava as arbitrariedades cometidas pelos militares, em defesa da legalidade democrática.

O episódio, pouco conhecido fora do município, é resgatado pelo escritor Fábio Mozart, filho de Arnaud Costa e testemunha indireta das consequências daquele período. Segundo ele, a reconstrução da história baseia-se principalmente na memória de quem viveu os acontecimentos. “[Dá-se] através de depoimentos do próprio Arnaud Costa e de outras pessoas de sua geração”, diz Fábio Mozart.

Enquanto parte da sociedade cedia à pressão ou colaborava com o regime, a gestão municipal tomou caminho oposto. “A bancada do partido na Câmara de Vereadores era do PSD anti-golpe”, destaca Mozart, ao explicar que havia um núcleo político de resistência no município.

À época presidente da Câmara, o major Nonato recusou uma ordem de militares para colocar em votação a cassação do prefeito. Armados, integrantes do Exército chegaram a invadir o plenário, mas foram confrontados pelo vereador, que exigiu a retirada dos oficiais, em um dos momentos mais tensos da crise institucional local.



Foto: Rep./Associação Cultural Memória Viva - Memorial Itabaianense

Por defender a legalidade democrática, gestor foi vítima de perseguição e, para evitar cassação e suspensão de direitos, acabou renunciando ao cargo

Apesar disso, a pressão aumentava. Em meio a denúncias e perseguições — muitas vezes, incentivadas por adversários políticos locais —, o cerco ao prefeito intensificou-se. Para evitar a cassação e a suspensão dos direitos políticos, Hugo Saraiva acabou renunciando ao cargo.

Fábio Mozart relembra que seu pai precisou deixar a cidade para escapar do regime. “Nos primeiros momentos da repressão, após 1968, ele teve que fugir para a Zona Rural. O Exército esteve na nossa casa algumas vezes”, conta.

Segundo o escritor, Arnaud Costa e outros políticos refugiaram-se em cidades do interior de Pernambuco. “Ele e outros se esconderam em Salgadinho”, recorda. Mesmo sob risco, Arnaud Costa manteve sua atuação em defesa de perseguidos políticos. “Depois, foi testemunha de defesa de muitos militantes de Itabaiana que enfrentaram inquéritos militares”, evidencia Fábio Mozart.

Resistência

O Litoral Norte e o Sertão do estado também foram palco de reações ao golpe — ainda que pontuais e duramente reprimidas.

Em Rio Tinto, o prefeito e líder sindical Antônio Fernandes de Andrade, conhecido como “Bolinha”, protagonizou uma das ações mais

ousadas do período.

Conforme o historiador Paulo Giovani Antonino, Bolinha liderou operários e camponeses em uma tentativa de barrar o avanço militar. “O prefeito de Rio Tinto tentou uma reação: tomou a fábrica de tecidos, paralisando suas atividades e isolou pontos estratégicos da cida-

de com arame farpado antes de ser reprimido e preso”, relata.

O movimento foi rapidamente sufocado pela Polícia Militar. Bolinha chegou a fugir, mas acabou se entregando e permaneceu preso por meses. Assim como Hugo Saraiva, perdeu o mandato.

Outro caso citado pelo

historiador ocorreu em Sousa, onde o então prefeito Antônio Mariz fez um discurso público contra o golpe e acabou preso. Os episódios reforçam que, embora minoritária, a resistência no interior existiu e manifestou-se de diferentes formas — institucional, política e até operária.

Repressão atingiu sociedade e instituições

A reação ao Golpe de 1964 na Paraíba foi marcada por divisões e contrastes. De acordo com Paulo Giovani Antonino, enquanto alguns setores opuseram-se, outros apoiaram o novo regime.

“Houve segmentos que resistiram e foram punidos com torturas e cassações, enquanto outros apoiaram a ditadura, como a Igreja Católica, na figura do arcebispo Dom Mário de Miranda Villas Boas, e a Assembleia Legislativa, por meio de seu presidente, Clóvis Bezerra”, pontua.

Conforme o historiador, até mesmo lideranças políticas que inicialmente demonstraram hesitação acabaram aderindo ao regime, como o então governador Pedro Gondim.

A repressão política também se traduziu em cassações em larga escala na Paraíba. Levantamentos sobre o período indicam que cerca de 35 detentores de cargos eletivos — entre deputados federais, estaduais, prefeitos e vereadores — tiveram seus mandatos interrompidos pelo regime. Entre eles, o vereador Antônio Augusto de Arroxelas, em João Pessoa, além de lideranças como o ex-prefeito de Campina Grande Ronaldo Cunha Lima e o próprio Pedro Gondim, que chegou a

apoiar o regime, mas acabou cassado posteriormente, quando exercia mandato de deputado federal.

O regime também atingiu outras instituições: houve afastamento de magistrados, intensificação da censura à imprensa e perseguição a jornalistas e agentes do setor cultural. No meio acadêmico, mais de uma centena de estudantes foi afastada de instituições como a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e a antiga Furne, enquanto sindicatos sofreram intervenções, com dirigentes destituídos e presos.

Cicatrizes

As consequências para quem se opôs ao regime foram severas. Prisões, torturas e assassinatos marcaram o período, especialmente entre lideranças políticas e camponesas.

Dados históricos indicam que, ao menos, 14 paraibanos morreram ou desapareceram durante a Ditadura Militar, e cerca de 125 pessoas foram submetidas à tortura. Parte dessas práticas ocorreu em espaços clandestinos, como uma propriedade em Campina Grande conhecida como “Granja do Terror”.

“A ditadura no estado caracterizou-se por forte repressão, com mortos,

desaparecidos, torturados e intervenções em diferentes setores da sociedade”, destaca Paulo Giovani Antonino.

O historiador cita os casos de João Alfredo, conhecido como “Nêgo Fuba”, e Pedro Inácio de Araújo, o “Pedro Fazendeiro”. “Eles foram presos, liberados pelo Exército e assassinados em seguida. São considerados desaparecidos políticos até hoje”, diz.

Além desses, outros episódios evidenciam a violência do período, como a repressão a grupos que tentaram organizar resistência armada, a exemplo do movimento conhecido como “Guerrilha de Catolé do Rocha”, cujos participantes foram presos.

Esses episódios revelam que o caso de Itabaiana não foi isolado, mas parte de um cenário mais amplo de tensões, resistências e repressões no interior da Paraíba. Ao refletir sobre isso, Fábio Mozart chama atenção para a fragilidade das instituições democráticas. “A democracia pode ser mais frágil do que parece. Os líderes que enfrentaram a ditadura não tiveram apoio do povo, muito pela desinformação e pelo terrorismo de Estado”, avalia.

Apesar da relevância dos episódios, a resistência no interior ainda ocupa es-

paço limitado na memória histórica. Para Paulo Giovani Antonino, isso se deve ao foco tradicional dos estudos nos grandes centros. “Durante muito tempo, a historiografia privilegiou regiões como o Sudeste. Só mais recentemente surgem pesquisas voltadas ao interior, ainda de forma incipiente”, explica.

Segundo o historiador, novas produções acadêmicas começam a ampliar esse olhar. “Já existem trabalhos que destacam o impacto da ditadura em pequenos municípios, inclusive na Paraíba, mas ainda há uma lacuna a ser preenchida para dar visibilidade a esses atores e suas histórias”, conclui.

Para Fábio Mozart, a principal lição permanece atual: “A democracia não é um estado permanente, mas um processo que exige vigilância, compromisso e participação contínua”.

■ Consequências para quem se opôs aos militares foram severas: prisões, torturas e assassinatos



Foto: Enoque Bernando Santos/Arquivo pessoal

Hugo Saraiva foi eleito em 1963, um ano antes do golpe

LEGISLATIVO

PEC garante verba mínima para a assistência social

Recurso viabiliza acompanhamento de famílias, idosos e vítimas de violência

Da Redação
com Agência Câmara

Aprovada pela Câmara dos Deputados na última semana, a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) nº 383/2017 transforma a assistência social em uma política de Estado. O texto obriga a União, as unidades da Federação, o Distrito Federal e os municípios a destinarem 1% de suas receitas (dinheiro arrecadado) para o Sistema Único de Assistência Social (Suas). Com a medida, a assistência social ganha proteção máxima na lei e garantia de recursos todos os anos.

Haverá um período de adaptação de quatro anos para que o orçamento se ajuste gradualmente. Em 2027, os entes devem vincular 0,3% da receita corrente líquida (RCL); em 2028, 0,5%; e em 2029, 0,75%. A aplicação de 1% ocorrerá a partir de 2030. "Foi mantida e garantida a implantação gradual. Vida longa ao Suas! Que a gente possa construir, cada vez mais, um Brasil menos desigual e mais justo através de quem trabalha na ponta", declarou o relator da PEC, André Figueiredo (PDT-CE).

Presidente da Câmara dos Deputados, o paraibano Hugo Motta (Republicanos) afirmou que a aprovação da proposta representa um momento histórico para o Brasil. "Se eu, enquanto presidente, não tivesse votado nenhuma matéria importante, me daria por satisfeito com a votação desta emenda constitucional", celebrou.

Motta destacou que a Câmara, independentemente de questão partidária, demonstrou compromisso com o Sistema Único de Assistência Social. "Só as pessoas que mais precisam podem dimensionar o que este aumento do investimento na assistência representará no cuidado, na atenção às famílias que vivem em situação de vulnerabilidade social, que necessitam da mão do Estado para amparar quando mais precisam", disse.

Regras

A emenda aprovada retirou do texto a possibilidade



Foto: Tânia Régio/Agência Brasil

Com aprovação do projeto, setor ganha proteção máxima e transforma-se em política de Estado

de a União utilizar 2% do dinheiro vinculado à assistência social para gestão e execução de ações e serviços da área. Com base no relatório de avaliação de receitas e despesas primárias do primeiro bimestre deste ano, a RCL da União projetada para 2026 equivale a R\$ 1,65 trilhão. Se essa projeção for mantida para 2027, isso resultará em R\$ 4,95 bilhões (0,3%) no próximo ano para a área.

Segundo a PEC, a aplicação mínima das receitas correntes líquidas dos estados, do Distrito Federal e dos municípios deverá ser feita adicionalmente aos valores recebidos da União. Para calcular essa RCL, deve-se deduzir as transferências destinadas à assistência social recebidas da União e, no caso dos municípios, também as recebidas dos Estados.

Desde a Emenda Constitucional nº 42/2003, é permitido aos estados e ao Distrito Federal vincular a programas de apoio à inclusão e promoção social até 0,5% de sua receita tributária líquida, mas esses recursos não podem ser utilizados para o pagamento de despesas com pessoal e encargos sociais, do serviço da dívida ou de qualquer outra despesa corrente não vinculada diretamente aos investimentos ou ações apoiados.

A PEC nº 383/2017 impe-

do (tanto de Estados e municípios quanto da União) seja utilizado para pagar o Bolsa Família, outros programas de transferência de renda, o Benefício de Prestação Continuada (BPC) ou auxílios temporários para reduzir a vulnerabilidade socioeconômica de famílias em situação de pobreza ou extrema pobreza.

Conforme a emenda aprovada, os recursos poderão ser utilizados para custear ações de proteção social definidas na forma da lei federal do Suas (Lei nº 8.742/1993), observada a Lei Orçamentária Anual (LOA).

Proteções sociais são aquelas relacionadas à acolhida e à escuta qualificada para identificar inicialmente situações de risco e serviços especializados para pessoas em situação de rua. O Centro de Referência Especializado de Assistência Social (Creas), por exemplo, cuida de casos de média e alta complexidade, como os de violência física, psicológica, sexual, negligência ou abandono. Entidades filantrópicas sem fins lucrativos também podem atuar por meio de convênios, se habilitadas.

Outras ações definidas na lei são o Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (Paif), de acompanhamento familiar, apoio, orientação e prevenção de rupturas de vínculos; o Serviço de Convivência e For-

talecimento de Vínculos (SCFV), constituído por atividades em grupo, incluindo crianças, jovens e idosos, para estimular a socialização e a cidadania; e o Serviço de Proteção Social Básica no Domicílio, composto de atendimento para idosos e pessoas com deficiência que tenham dificuldades de locomoção. Essa última assistência é realizada pelo Centro de Referência de Assistência Social (Cras).

Justiça social

Durante debate em plenário, a deputada Benedita da Silva (PT-RJ) ressaltou a importância de haver um sistema organizado para atender a população. "Estão de parabéns todos os que estão votando a favor. Este é um sistema no qual o governo, qualquer que seja, deverá cumprir as políticas públicas para a assistência social no Brasil", afirmou a parlamentar, que é assistente social de formação.

A deputada Rosângela Gomes (Republicanos-RJ) afirmou que garantir 1% da RCL é dignidade e justiça social para a população que mais precisa, a ser atendida pelos Cras e Creas. "Só quem já passou necessidade na vida sabe o que é depender de um auxílio, como eu já passei muita fome, dormi na marquise. E, na minha época, não tinha nenhum tipo de programa ou benefício para me acolher", frisou.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Microcrônicas (42)

As academias de Letras do interior costumam ser vistas com desdém por quem valoriza apenas os grandes centros culturais, vide recente comentário de um "imortal" paraibano nas redes sociais.

No entanto, essa visão ignora o papel essencial que essas instituições desempenham na preservação da memória, no incentivo à escrita e na formação de novos leitores e autores. Longe de serem inúteis, elas funcionam como espaços de resistência cultural, onde vozes locais encontram expressão e identidade.

Em cidades menores, onde o acesso a grandes eventos literários é limitado, essas academias mantêm viva a chama da literatura, promovendo encontros, debates e publicações que fortalecem o tecido cultural da comunidade, como é exemplo a Academia Solanense de Letras.

O atirador que tentou invadir o jantar dos correspondentes da Casa Branca tinha um rifle e um carregador. Disparou 45 tiros, só acertou numa garrafa de Pitu e num prato de caranguejo.

Nos Estados Unidos, todo mundo tem arma, mas ninguém acerta o alvo.

"É só no Brasil que tem isso? Pobre acha que é classe média, classe média acha que é rico, rico acha que é americano e evangélico acha que é israelense" (Flávia Maynarte).

Projetos iniciados, um amontoado de ideias não desenvolvidas, várias metas não definidas e uma dúvida que paira: devo me levar a sério?

"Há 10 anos, eu era vulgar, vazia e feliz. Hoje, sou apenas vazia" (Madame Preciosa em crise de muita idade).

Estou produzindo coletânea de poetas ruins, começando por mim. Vai se chamar Eu e outros zé ruelas. Casos em que o soneto ficou pior do que a emenda. Quem se habilita?

Enfim, farei parte dessa confraria dos poetas ruins que tanto material oferecem às traças e aos sebos, quando não servem, os tais livrinhos e livrões, de calço para móveis velhos. Inspiro-me em histórias de fracasso de autores de versos chinfrins que não interessam a ninguém.

Sem jamais ter alcançado a criatividade consistente dos verdadeiros poetas, contento-me em ser um poeta menor, débil e obscuro. Mas ninguém tira de mim a glória de ter publicado o livro de poemas com o título mais longo. Não é pouca coisa para um quase nada.

Em suma, minha poesia ruim é muito boa. Compre meu livro e guarde do autor o que ele tem de melhor, que é a consciência de sua imperfeabilidade. (Esta palavra não existe na língua portuguesa, portanto não use a expressão, a menos que esteja redigindo poesia ruim).

"Quem não usar IA vai ficar para trás". Beleza, então me deixe com meu jeito analógico de ser, fazendo minhas coisas com a dignidade dos anciãos, porque cada um sabe o que faz ou o que copia.

Espero que a galera da IA seja tolerante comigo. Falhei miseravelmente como homem tecnológico digital. Sou muito burrinho para me encaixar nessa aventura extraordinária no universo da inteligência artificial.

Se eu não aderir de forma alguma à IA, vocês ainda vão gostar de mim?

Até agora me recuso a pedir que o ChatGPT resuma o livro para mim, explique a aula de português, escolha o filme que verei, responda às minhas perguntas íntimas, faça cafuné e me bote para dormir.

"Cansei de afrontar a ordem das coisas e as leis da natureza. Vou aderir à inteligência artificial", disse aquele poeta vazio de poeticidade.

Regra de Transição

Haverá um período de adaptação de quatro anos para que o orçamento se ajuste gradualmente

Em 2027, o primeiro degrau já garantirá cerca de **R\$ 4,95 bilhões** para a área da assistência social

Onde o dinheiro pode ser usado

O recurso carimbado pela PEC tem um destino certo: manter a estrutura de atendimento funcionando

✓

Ele **DEVE** custear o Cras (que faz o acompanhamento de famílias, idosos e jovens) e o Creas (que atende casos graves, como vítimas de violência, negligência ou abandono)

✗

O dinheiro **NÃO** pode pagar o Bolsa Família ou o Benefício de Prestação Continuada (BPC)

O foco é garantir que as portas dos centros de atendimento continuem abertas para quem precisa

Alívio para as prefeituras

Atualmente, as prefeituras carregam o maior peso financeiro para manter a assistência social

Com a nova regra, a responsabilidade será dividida

Infográfico: Reprodução/Câmara dos Deputados

CÂNCER DE PELE

Pesquisa aponta novo tratamento

Composto desenvolvido na Unicamp mostrou-se eficaz em pacientes com carcinoma de células escamosas cutâneo

Tote Nunes
Jornal da Unicamp

O câncer de pele não melanoma não é o tipo mais letal nem o mais agressivo, mas é o de maior incidência no Brasil e traz consigo alto potencial estigmatizante. Tumor que atinge regiões expostas ao sol — como o rosto, orelhas, boca, braços, pernas e pescoço — é geralmente tratado com o que os médicos chamam de “ressecção cirúrgica”, a remoção de uma parte ou da totalidade do órgão ou tecido atingido, num procedimento que pode deixar cicatrizes ou resultar em mutilação.

“Muitas vezes, o paciente perde partes do nariz, das orelhas, ou fica com cicatrizes profundas na boca ou em outras partes do corpo, o que provoca uma pressão social muito grande”, diz o químico Pedro Paulo Corbi, coordenador do Laboratório de Pesquisas em Química Bioinorgânica e Medicinal (LQBM) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Há 12 anos, Corbi trabalha no desenvolvimento de uma molécula que, agora, após colaboração com a médica oncologista Carmen Silvia Passos Lima — coordenadora do Serviço de Oncologia Clínica do Hospital de Clínicas (HC) da Unicamp e do Laboratório de Genética do Câncer (Lageca) da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp — e com a farmacêutica Gisele Goulart, pesquisadora do Lageca, tem se mostrado altamente promissor no tratamento desse tipo de enfermidade.

A pesquisa chegou a um composto inovador, nascido da mistura de um complexo de prata combinado com um anti-inflamatório. Começou a ser testado em humanos no início deste ano e tem trazido perspectivas alentadoras para pacientes que necessitam de tratamento.

O carcinoma de células escamosas cutâneo (CCEC) é o segundo mais prevalente entre os cânceres humanos em todo o mundo. Tem origem nas células principais que compõem a epiderme, a camada mais externa da nossa pele, e ocorre devido a vários fatores, com destaque para a exposição aos raios UV — os raios solares.

O tratamento do CCEC de pequenas dimensões baseia-se na ressecção do tumor por cirurgia. Contudo, pacientes com CCEC avançado são frequentemente inelutáveis para cirurgia curativa ou radioterapia, já que estas podem causar anormalidades funcionais, desfiguração e problemas psicológicos. Esses pacientes são tratados com quimioterapia com cisplatina, que oferece benefícios clínicos modestos e toxicidade potencialmente grave.

Foi pensando numa solução alternativa que Corbi e Lima avaliaram novas moléculas contra o tumor que pudessem ter uso direto na pele, para evitar toxicidades. O objetivo inicial era apenas diminuir o tamanho da lesão. Com isso, o cirurgião teria uma área menor a ser retirada e, assim, poderia reduzir as sequelas.

O estudo que mais avançou avaliou os efeitos de um complexo de prata com o anti-inflamatório nimesulida — um composto que vem sendo chamado de “AgNMS”. Corbi explica que a prata tem sido utilizada para o tratamento de condições humanas desde a Antiguidade. Embora o uso do metal tenha sido empírico por muito tempo, hoje as aplicações racionais na medicina estão intimamente relacionadas à sua atividade antibacteriana. Mais recentemente, a literatura mostrou o potencial de complexos de prata em inibir células de câncer *in vitro*.

A farmacêutica Tuany Zambroti Candido, doutoranda do Lageca que atuou sob supervisão dos pesquisadores Carmen Lima, Ana Lucia Tasca Góis Ruiz e João Ernesto de Carvalho, deu continuidade ao estudo no Lageca e no Laboratório de Fitoquímica, Farmacologia e Toxicologia Experimental (LaFTEX) da Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF) da Unicamp, conta Carmen Lima.

O AgNMS foi testado em experimentos *in vitro* com várias linhagens de câncer, incluindo o CCEC, e em células de pele saudáveis. Observou-se que o AgNMS inibiu a proliferação do CCEC, mas não a das células saudáveis, o que indicou a seletividade de ação do composto.

Candido também conduziu experimentos *in vivo* em

camundongos com CCEC tratados com a molécula acoplada a uma membrana de celulose bacteriana e um adesivo, produzidos pelos farmacêuticos Wilton Rogério Lustrí e Silmara Cristina Lazarini Frajácomo, pesquisadores da Universidade de Araraquara (Uniará). Foi observado que o AgNMS reduziu os tumores ou causou seu desaparecimento, sem efeitos tóxicos para os animais. O grupo concluiu que, juntas, a NMS e a Ag podem se tornar uma alternativa na luta contra o CCEC.

Corbi e Lima veem o futuro do experimento com otimismo. “A meta inicial era apenas reduzir o tumor, mas agora podemos ter como perspectiva a remissão total”, afirmam.

Imunoterápicos como o cemiplimabe já são indicados para o tratamento de pacientes com CCEC, diz Lima, mas seu custo elevado impede o uso para pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS) do Brasil. “Para nós, o cenário ideal é buscar uma solução que evite a cirurgia, a quimioterapia e a imunoterapia”, dizem Corbi e Lima.

“O AgNMS em membrana bacteriana e adesivo é absolutamente inovador para o CCEC, e, por essa razão, há cerca de cinco anos, conseguimos duas patentes — uma nacional e uma internacional”, conta Lima. O estudo só não prosseguiu, diz ela, por falta de investimento. “A indústria não quer arcar com os custos do estudo clínico de fase I e de fase II. Eles querem o negócio pronto”, explica.

Etapas

O estudo do AgNMS passou pela etapa da pesquisa básica de desenvolvimento, que consiste na síntese da molécula; pela fase pré-clínica, que são os experimentos em células e animais, e agora está em avaliação na fase clínica, com experimentos em humanos, que consta das fases I e II.

O estudo de fase I tem como objetivo verificar se, em doses crescentes, o AgNMS causa toxicidade ao paciente, de modo a determinar a dose adequada a ser usada no estudo de fase II. A primeira fase teve início neste ano, com a aplicação do composto em três pacientes com CCEC



Acima, a farmacêutica Gisele Goulart e o químico Pedro Paulo Corbi, que trabalham juntos na pesquisa



atendidos no Hospital de Clínicas da Unicamp, em cooperação com as médicas dermatologistas Aparecida Machado de Moraes e Renata Ferreira Magalhães, do Serviço de Dermatologia do HC da Unicamp.

Os pesquisadores contam que o AgNMS não foi aplicado como um creme comum, mas, sim, na forma de um dispositivo constituído por uma membrana de celulose bacteriana e um adesivo, a mesma utilizada no estudo em animais. Essa membrana funciona como um reservatório que libera o medicamento de forma controlada e contínua por várias horas. Além disso, também pode ter uma ação antibacteriana, já que protege a ferida de infecções durante o tratamento.

“Os resultados até agora foram promissores, com redução do tumor nos pacientes avaliados e ausência de toxicidade. Precisamos agora testar em um segundo grupo de pacientes, ainda na fase I do estudo, com dose maior do AgNMS, para verificar qual dose será menos tóxica para tratar os pacientes da fase II”, disse Gisele Goulart.

Um grupo de 20 a 30 pacientes com CCEC do HC da Unicamp fará parte do estudo de fase II, a ser desenvol-

vido ao longo do ano. Serão tratados com o AgNMS — em dose definida no estudo de fase I — em adesivo com membrana de celulose bacteriana.

Se reduções parciais ou totais do tumor forem observadas, o complexo poderá chegar ao mercado, após avaliação e aprovação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).

De acordo com Corbi, o avanço da pesquisa é decorrente direta da interação das pesquisas básica, pré-clínica e clínica no Centro de Inovação Teranóstica em Câncer, o CancerThera, que tem o apoio financeiro da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e sede na Unicamp. O Centro reuniu toda uma cadeia de pesquisa para o desenvolvimento de fármacos e radiofármacos a serem utilizados no diagnóstico e no tratamento de câncer.

Com o objetivo de criar tratamentos inovadores, o CancerThera reúne especialistas em áreas da medicina, química, física, biologia, farmácia, matemática, entre outras, mantendo colaborações com instituições nacionais e estrangeiras.

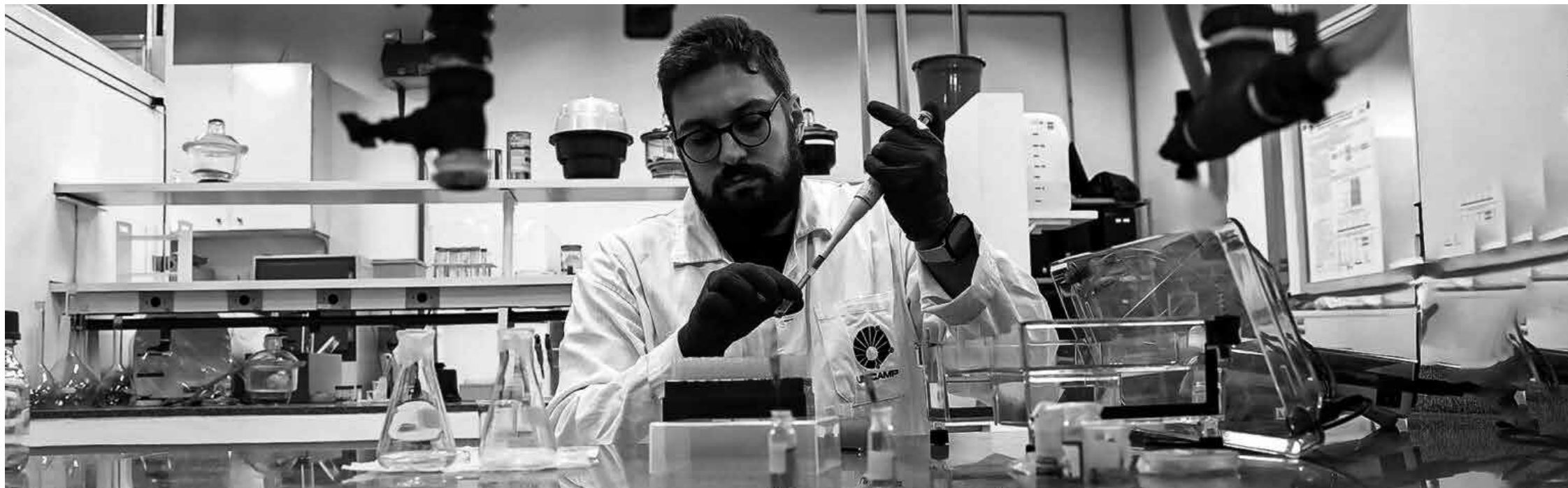
Lima lembra que inúmeros pesquisadores e exper-

imentos, ao longo de uma década, foram necessários para obter um tratamento potencial para pacientes com CCEC, o que, segundo ela, revela a dedicação de pesquisadores brasileiros. Há ainda que se considerar, afirma, que os estudos em células e animais foram conduzidos com o apoio financeiro da Fapesp, e os estudos em humanos só foram retomados com apoio do CancerThera da Fapesp. “Foi a grande chance de darmos sequência ao estudo AgNMS em CCEC, reforçando a importância da agência de fomento para a pesquisa em inovação no Estado de São Paulo”, reforçou.

“

Os resultados até agora foram promissores, com redução do tumor nos pacientes e ausência de toxicidade

Gisele Goulart



O AgNMS foi testado em experimentos *in vitro* com várias linhagens de câncer, e os pesquisadores observaram que o composto inibiu a proliferação do CCE, mas não a das células saudáveis

FORA DA PARAÍBA

Editais somam mais de 360 vagas

Seleções abrem oportunidades para diferentes níveis de escolaridade, com salários que chegam a R\$ 8 mil

Priscila Perez
 priscilaperezcomunicacao@gmail.com

Nem sempre a grande chance de ingressar no serviço público está logo ali, ao alcance de poucos quilômetros. Mas, mesmo fora da Paraíba, os editais desta semana seguem dentro de um horizonte possível para muita gente. Entram nesse grupo os concursos do Conselho Regional dos Representantes Comerciais no Estado do Piauí (Core-PI), da Prefeitura de Porto Calvo, em Alagoas, e do Conselho Regional de Corretores de Imóveis da 9ª Região (Creci-BA), na Bahia. Juntos, eles oferecem salários que vão de R\$ 1,6 mil a R\$ 8 mil, com oportunidades em áreas como educação, saúde, fiscalização e administração.

Vagas em Teresina

Com sede em Teresina, o Conselho Regional dos Representantes Comerciais no Estado do Piauí (Core-PI) lançou um novo concurso público para o preenchimento de 160 vagas, entre imediatas e formação de cadastro reserva, em cargos de níveis médio e superior. As oportunidades são para assistente administrativo, fiscal, assistente jurídico e contador, todas com lotação na capital piauiense e jornada semanal de 40 horas. Já a remuneração varia de R\$ 3,9 mil a R\$ 6,5 mil, com acréscimo de benefícios.

Para participar do certame, o candidato tem até o dia 20 de maio para efetuar sua inscrição pelo site do Instituto Quadrix. A taxa cobrada



Porto Calvo tem o edital mais robusto, com 189 vagas imediatas para cargos de níveis fundamental, médio, técnico e superior

Foto: Divulgação/Prefeitura de Porto Calvo

é de R\$ 75 para os cargos de nível médio e de R\$ 90 para os de nível superior. Quanto às etapas de avaliação, o concurso contará com prova objetiva para todos os cargos e prova discursiva para as funções de nível superior, ambas previstas para 21 de junho, em Teresina. Pelo cronograma, os resultados devem sair em meados de agosto, embora o edital ainda não traga a data de homologação.

Diversidade

Mas é no município alagoano de Porto Calvo, localizado a 100 km de Maceió, que está o edital mais robusto da semana. A prefeitura local abriu 189 vagas imediatas para cargos de níveis fundamental, médio, técnico e superior, com destaque para a área da educação, que reúne 48 oportunidades para professores de diferentes discipli-

nas. Também há vagas para guardas-civis, agentes administrativos, motoristas, agentes comunitários de saúde, além de cargos de nível superior nas áreas de saúde, assistência social, engenharia, contabilidade e fiscalização. No nível fundamental, por sua vez, o edital ainda contempla funções como auxiliar de serviços gerais, gari, merendeira e cozeiro.

A jornada de trabalho varia de 20 a 40 horas semanais, a depender do cargo, enquanto os salários vão de R\$ 1,6 mil a R\$ 8 mil — a maior remuneração entre os três editais. Se você está determinado a cruzar fronteiras, inscreva-se pelo site do Instituto de Apoio à Gestão e Educação (Igeduc) até 25 de junho e siga as instruções do edital. A taxas foram fixadas em R\$ 81 para cargos de nível fundamental, R\$ 104,33

para níveis médio e técnico, R\$ 109,20 para o cargo de guarda municipal e R\$ 121 para nível superior.

Já a estrutura da seleção é mais extensa. Haverá prova objetiva para todos os cargos, avaliação de títulos para nível superior, análise de comprovante de residência para agente comunitário de saúde e, no caso de guarda municipal e agente de trânsito, etapas como teste físico, avaliação psicológica, análise de saúde e investigação social. De acordo

com o edital, a primeira etapa da avaliação ocorrerá em 1º de novembro, nas cidades de Porto Calvo e Maceió.

Creci-BA

Na Bahia, por sua vez, o Conselho Regional de Corretores de Imóveis da 9ª Região (Creci-BA) também abriu um novo concurso público com 15 vagas imediatas, além de cadastro reserva, para funções administrativa e de fiscalização. Para o cargo de profissional de suporte téc-

nico (PST) — assistente administrativo, de nível médio, há vagas efetivas para Porto Seguro, Salvador, Teixeira de Freitas e Luís Eduardo Magalhães. Já no nível superior, a função ofertada é a de profissional analista superior (PAS) — agente fiscal, com duas vagas imediatas em Salvador, além de cadastro de reserva. A jornada é de 40 horas semanais, com remuneração base de R\$ 1,9 mil para nível médio e de R\$ 3,5 mil para nível superior, isso sem falar em benefícios como vale-alimentação, plano de saúde e vale-transporte.

O período de inscrição segue até 20 de maio, pelo site do Instituto Quadrix, com taxas de R\$ 60 para nível médio e R\$ 65 para nível superior. Sobre a avaliação, a seleção será feita por meio de provas objetivas, para todos os cargos, e discursiva, para os de nível superior, a serem aplicadas no dia 28 de junho. As fases do concurso ocorrerão nas cidades de Alagoinhas, Barreiras, Feira de Santana, Ilhéus, Itabuna, Juazeiro, Luís Eduardo Magalhães, Porto Seguro, Salvador, Santo Antônio de Jesus, Teixeira de Freitas e Vitória da Conquista.



Use o QR Code para acessar o edital do Core-PI



Use o QR Code para acessar o edital da Prefeitura



Use o QR Code para acessar o edital do Creci-BA

Professor de Letras ensina para a sociedade como ler o mundo

É muito comum imaginar que Letras começa e termina na correção de uma vírgula. A área também passa pela gramática, claro, mas não está limitada a ela. Trata de leitura, escrita, interpretação, cultura e pensamento crítico. Foi esse universo tão múltiplo que atraiu o professor Sérgio Rodrigues, do Instituto Federal da Paraíba (IFPB) — Campus Cabedelo, e o fez abandonar, aos poucos, o caminho do Direito para mergulhar na docência. Hoje, depois de 37 anos de sala de aula, ele defende que o profissional segue indispensável, porque atua em um contexto no qual nenhuma tecnologia substitui o olhar humano: na capacidade de dar sentido ao mundo por meio da linguagem. “A possibilidade de ‘desaparecer’ não existe”, reflete.

Antes de se tornar professor de português, Sérgio tinha outra profissão em mente: queria ser advogado criminalista, uma carreira que também exige leitura e interpretação de texto. Mas foi justamente o interesse pela linguagem que o fez mudar de rota. Enquanto cursava Direito na Universidade Federal do Ceará (UFC), percebeu a importância de falar bem e construir argumentos com clareza, mas não havia



Foto: Arquivo pessoal

Sérgio Rodrigues: de advogado a professor de Letras

no curso uma formação mais voltada à Língua Portuguesa. Essa inquietação o levou a ingressar no curso de Letras, cursando as duas graduações ao mesmo tempo por um certo período, até começar a dar aulas em escolas menores. Foi assim que, pouco a pouco, ressignificou por completo seu projeto de vida. “Eu queria ser um excelente advogado criminalista, fazer discursos eloquentes que pudessem conquistar o júri. Mas acabei me apaixonando pelo curso de Letras”, lembra.

Versatilidade

A história dele, além de curiosa, ajuda a desmontar uma ideia, ainda comum, sobre a profissão: a de que o curso de Letras existe somente para formar professores. Segundo Sérgio, a docência continua sendo um dos caminhos mais prováveis, até por conta da licenciatura, mas a formação vai além da sala de aula. Ela, aliás, seria, como gosta de dizer, “o chão da fábrica”, o núcleo mais visível da profissão, justamente pela sua contribuição no

desenvolvimento da leitura, da escrita e da interpretação. É algo muito orgânico, como ele bem define. “Embora o ensino seja uma das áreas mais tradicionais de Letras, o curso também abrange estudos linguísticos, culturais, discursivos e literários, entre outras coisas”, observa. Nesse sentido, entram na equação habilidades ligadas à produção textual, à interpretação crítica e à mediação comunicativa. Na prática, isso significa que ele pode atuar, também, com revisão, tradução, assessoria linguística, pesquisa acadêmica, mercado editorial, produção de conteúdo, comunicação corporativa, mídias digitais e projetos culturais.

Essa versatilidade profissional também aparece na própria trajetória do professor. Com as mudanças no ensino trazidas pelo Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), Sérgio precisou reinventar-se novamente, deixando a marca de professor de Literatura para assumir uma atuação mais abrangente. Hoje, ele identifica-se como professor de Língua Portuguesa, porque transita entre gramática, linguística e literatura, além de atuar ativamente com produção textual. Como detalha, ensi-

nar a escrever não é tão simples quanto parece, pois exige acompanhar processos e versões, apontar caminhos e ajudar o estudante a transformar pensamento em texto. Por isso, na visão dele, o profissional de Letras mais preparado não é aquele que apenas domina regras gramaticais, mas quem consegue formar leitores e escritores mais críticos. “Regras gramaticais não são tão importantes como fazer com que o aluno ou adolescente tenha uma capacidade crítica”, afirma.

Desafios da carreira

Para além da dimensão escolar que, por si só, já é bastante desafiadora, o profissional de Letras também precisa lidar com desafios mais mundanos, como excesso de informação, discursos fragmentados, inteligência artificial (IA) e novas formas de comunicação. Por isso, de acordo com Sérgio, não basta dominar a língua — é preciso desenvolver pensamento crítico, comunicação eficaz, argumentação, letramento digital e capacidade de adaptação a diferentes contextos. Para o especialista em Linguística e Literatura, além de doutor em Ciências Humanas, o mundo de hoje deman-

da um maior entendimento sobre as tecnologias digitais e seus múltiplos canais. Apesar disso, nem a inteligência artificial soa como sentença de morte. Segundo ele, a IA pode até redimensionar algumas práticas, acelerar tarefas e exigir novas competências, mas não elimina a necessidade desse profissional. Porque, como ele faz questão de destacar, linguagem não é apenas código; é contexto, cultura e memória.

Oportunidade

Para quem deseja seguir pelo caminho da docência, o concurso da Prefeitura de Porto Calvo, em Alagoas, pode representar uma porta de entrada interessante para o serviço público. O edital prevê vagas para professor do 6º ao 9º ano de Língua Portuguesa e exige licenciatura completa em Letras no momento da posse. Mais do que ministrar aulas, a função envolve planejar, avaliar e registrar atividades de aprendizagem, participar de formações continuadas, reuniões pedagógicas e conselhos de classe, além de desenvolver estratégias didático-pedagógicas voltadas à inclusão e ao atendimento de estudantes com baixo rendimento escolar. Para mais informações, acesse o edital.

Selic

Fixado em 29 de abril de 2026

14,50%

Sálário mínimo

R\$ 1.621

Dólar \$ Comercial

-0,99%

R\$ 4,952

Euro € Comercial

-0,48%

R\$ 5,811

Libra £ Esterlina

-0,03%

R\$ 6,770

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Março/2026 0,88

Fevereiro/2026 0,7

Janeiro/2026 0,33

Dezembro/2025 0,33

Novembro/2025 0,18

Ibovespa

187.317,64 pt

+1,39%

GESTÃO EMPRESARIAL

Crises corporativas expõem falhas e afetam reputação

Exemplos recentes mostram efeitos diretos sobre imagem e resultados

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Crises empresariais raramente começam como escândalos. Em geral, surgem de problemas internos que, ao ganharem visibilidade, passam a ameaçar reputação, resultados e a própria continuidade dos negócios. A sucessão de episódios envolvendo o Banco Master dá uma dimensão de como se desenvolve uma crise empresarial. Na esfera pública, o caso passou de uma desconfiança do mercado a um escândalo de quase 185 mil publicações na imprensa e nas redes sociais.

Essa avalanche expôs um movimento já conhecido por quem acompanha o ambiente corporativo: ela transborda, ganha linguagem pública e passa a ser tratada como crise de imagem. E esse pode ser o fim de uma empresa, independentemente de seu tamanho. Para a jornalista e especialista em Comunicação Corporativa Camila Esposte, um estudo da Cortex Intelligence sobre o Banco Master demonstra bem como se atingiu um ponto de ruptura. “O NPS [Net Promoter Score, trata-se de uma métrica de lealdade e satisfação do cliente] do Banco Master, que é um indicador para medir a saúde da reputação, caiu 46 pontos percentuais. E isso tudo sem nenhuma reação ou contrapartida narrativa da empresa. Isso mostra que a crise operacional ou financeira vira crise de imagem, não só pelo evento em si, mas também por essa ausência de gestão da narrativa”.

Outro caso recente que ilustra os efeitos de uma gestão de crise falha é lembrado por Julianne Freitas, consultora em estratégia organizacional. Ela cita o caso do Boeing 737 Max, que começou como um problema técnico. Dois acidentes fatais expuseram falhas no sistema da aeronave e na comunicação da empresa. O desdobramento foi além do campo operacional.

“Houve falta de transparência sobre o sistema, sobre a prioridade de custo e prazo e falhas de governança”, afirma. A consequência foi a paralisação de aviões em diversos países, prejuízos bilionários e um desgaste de confiança que ultrapassou o setor da aviação e tornou-se uma crise global de reputação.

Quando a questão não se trata de uma empresa que se estrutura em relações e operações criminosas, a linha que separa o surgimento de um problema cotidiano de uma crise nem sempre é visível. “Um problema vira crise quando ultrapassa a capacidade de resposta interna e começa a ameaçar algo que a empresa não pode repor facilmente, que é a reputação, a confiança, a licença para operar e o valor de mercado”, aponta Camila Esposte.



Foto: Freepik

Comunicação adequada é fundamental para reduzir danos em momentos de crise

Essa leitura também aparece na perspectiva da gestão. Para Julianne Freitas, a dificuldade muitas vezes está justamente em identificar o momento em que o problema deixa de ser pontual. “Um ponto de virada é quando aquilo começa a ameaçar a sobrevivência da empresa, quando impacta o caixa, gera risco jurídico, afeta pessoas ou compromete a operação”, afirma.

Ela destaca que, na prática, a crise costuma se formar de maneira gradual, a partir de sinais ignorados no dia a dia. “E esse é o ponto mais perigoso, porque não é a crise em si, mas a nossa capacidade de reconhecer-la”, completa. O derretimento da reputação das empresas nos episódios do Banco Master, da Boeing ou de qualquer outra empresa no mercado possui em geral uma lição em comum: crises não permanecem compartimentadas.

“A partir do momento que isso chega ao público, esse controle se torna muito mais limitado, porque entra em cena um fato que a empresa não domina, que é a percepção das pessoas. A crise de reputação, na minha avaliação, é uma das mais sensíveis e difíceis de gerenciar. Porque, quando a confiança é abalada, a recuperação não é imediata”.

Esse deslocamento para o campo da imagem também altera o ritmo das decisões e expõe um padrão recorrente de erros. Segundo Camila Esposte, o primeiro deles costuma ser o silêncio mal calculado. “Não existe vácuo em comunicação. Então o conteúdo que preenche esse vácuo raramente vai ser neutro ou positivo”. Enquanto a empresa demora a se posicionar, a narrativa passa a ser construída por outros atores. Quando finalmente há uma resposta, costuma surgir um segundo problema: comunicados genéricos, que evitam o tema central e recorrem a clichês.

O resultado é o agravamento da desconfiança e a ampliação da crise. Julianne Freitas chama atenção para o peso do fator humano nas decisões em momentos de crise. Segundo ela, o erro

mais comum é o imediatismo e a tomada de decisões por impulso. Outro erro apontado pela especialista é adotar soluções externas sem considerar o próprio contexto. “Existem várias soluções possíveis, mas isso não significa que todas sejam adequadas à realidade da empresa”.

Ambas as profissionais são unânimes em um ponto: as crises podem ser evitadas. Ainda que estruturas robustas não estejam disponíveis para todos os negócios, há um conjunto de medidas consideradas básicas. Camila menciona o mapeamento prévio de riscos reputacionais e a definição de protocolos de resposta. Julianne organiza essa preparação em três pilares: financeiro, jurídico e contábil. O controle de caixa garante fôlego. O suporte jurídico orienta decisões mais seguras. A contabilidade evita conflitos com reguladores. Há ainda um elemento frequentemente deixado em segundo plano: a comunicação. “O marketing deve existir não apenas para momentos favoráveis, mas também precisa estar preparado para atuar numa situa-

ção de crise. A área de comunicação não pode ser chamada só para executar, só para resolver. Ela precisa ter assento no planejamento estratégico”, afirma.

No Brasil, o exemplo de uma gestão de crise exitosa apontada por Camila Esposte vem das Lojas Americanas. Após a fraude contábil de R\$ 40 bilhões da empresa em 2023, o que se seguiu foi uma lógica distinta, mas igualmente reveladora. A empresa adotou uma estratégia baseada na exposição contínua de informações, negociação direta com credores e acompanhamento público do processo.

O plano de recuperação judicial foi aprovado com adesão quase integral, e a companhia voltou a operar com lucro. Para Camila Esposte, o diferencial está na condução consistente da narrativa ao longo do tempo, alinhada às ações concretas dos gestores dessas crises. “A reputação não é reconstruída com silêncio, nem com nota genérica. Ela se constrói com ação concreta, e a comunicação é a pontinha do iceberg que acompanha essa ação”, conclui.



Foto: Camila Esposte/Atuação Pessoal

“Um problema vira crise quando ultrapassa a capacidade de resposta interna e começa a ameaçar algo que não se pode repor facilmente, que é a reputação

Camila Esposte



Foto: Julianne Freitas/Atuação Pessoal

“A crise de reputação é uma das mais difíceis de gerenciar. Porque, quando a confiança é abalada, a recuperação não é imediata

Julianne Freitas

Economia em Desenvolvimento

Amadeu Fonseca
amadeu.economista@gmail.com | Colaborador

Escala 6x1: e a Paraíba?

O fim da escala 6x1 ganhou força no debate público e legislativo. Na Paraíba, a discussão passa sobretudo por comércio, serviços, construção civil e pequenos negócios. A pergunta central é se o país consegue reduzir jornada, preservar renda, manter empresas viáveis e aumentar produtividade.

A pauta tem justo apelo social. Para milhões de trabalhadores, a escala 6x1 significa viver com apenas um dia para descansar, conviver com a família e recuperar energia. O apoio tem uma condição clara: renda. Pesquisa de opinião recente mostra que 73% apoiam o fim da escala sem redução salarial, mas esse apoio cai para 28% com corte de remuneração.

A mudança envolve custos visíveis e ocultos. Reduzir jornada mantendo salário pode elevar o custo da hora trabalhada e pressionar empresas com margens apertadas. Por outro lado, manter trabalhadores exaustos também tem custo: rotatividade, absenteísmo e queda de produtividade. Nem todo custo aparece na folha.

Essa transição ocorreria em ambiente de custos elevados. A carga tributária bruta atingiu 32,40% do PIB em 2025, enquanto a Selic segue em 14,50% ao ano, encarecendo crédito e investimentos. A pressão internacional sobre petróleo, combustíveis e logística também pressiona custos. Esse conjunto de fatores reduz o espaço de quem precisa reorganizar processos e absorver os efeitos da nova jornada.

A experiência internacional mostra que jornadas menores podem funcionar, mas não de forma

automática. Onde houve bons resultados, a mudança veio com reorganização produtiva: redesenho de processos, digitalização, automação e tecnologia. No Brasil, isso pode acelerar o uso de sistemas de gestão, autoatendimento e inteligência artificial.

Na Paraíba, a discussão tem impacto direto sobre a base produtiva local. O estado possui 324,5 mil empresas ativas,

das quais 149,4 mil não são MEI. Desse universo, 86,8% pertencem ao comércio ou aos serviços; com a construção civil, o percentual chega a 93,6%. No mercado formal, serviços, comércio e construção concentram 82,2% dos trabalhadores formais.

A adaptação não será igual para todos. Redes varejistas, farmácias, restaurantes, clínicas, hotéis, pequenas lojas, entre outras empresas, lidam com funcionamento presencial, fins de semana e escalas.

Os dados do Our World in Data reforçam o ponto central. Em 2023, o Brasil registrou 1.994 horas anuais por trabalhador e gerou cerca de US\$ 20 por hora trabalhada. O Chile trabalha quase o mesmo número de horas, cerca de 1.950 ao ano, mas supera US\$ 32 por hora. Alemanha, França e Estados Unidos trabalham menos horas e superam US\$ 77 por hora trabalhada.

A redução da jornada precisa caminhar com produtividade e transição definida. Isso passa por tecnologia, gestão, qualificação, infraestrutura, simplificação do ambiente de negócios e alinhamento entre trabalhadores e empresas. Em um país de crédito caro, elevada carga tributária e baixa produtividade, o risco é transferir o custo para empresas frágeis, trabalhadores vulneráveis e consumidores.

Portanto, a resposta não está apenas em reduzir ou manter a jornada. Está em criar condições para que empresas e trabalhadores produzam mais valor com menos horas, sem comprometer renda, empregos e sobrevivência empresarial.

COMPARAÇÃO ANUAL

Faturamento das *bets* aumenta 44,4%

Em janeiro deste ano, empresas de apostas receberam R\$ 2,2 bilhões, ante R\$ 1,5 bilhão no mesmo mês de 2025

Francisco Carlos de Assis
Estadão Conteúdo

As empresas de apostas *on-line* faturaram R\$ 2,2 bilhões em janeiro, crescimento de 44,4% ante janeiro de 2025, a segunda maior alta já registrada pela Pesquisa Conjuntural do Setor de Serviços (PCSS), realizada pela Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo (FecomercioSP), a qual teve acesso a Broadcast, sistema de notícias em tempo real do Grupo Estado.

Os dados do estudo, de acordo com a entidade, evidenciam a velocidade da expansão das apostas na economia digital. Em janeiro de 2025, as empresas de apostas *on-line* registravam faturamento de R\$ 1,5 bilhão. De acordo com a FecomercioSP, mais do que um nicho específico, o segmento consolidou-se como um mercado relevante, com reflexos econômicos, regulatórios e sociais crescentes. Diante disso, a partir deste ano, a entidade passa a fazer um acompanhamento da atividade dentro da PCSS, permitindo uma leitura mais precisa do crescimento e dos possíveis efeitos sobre o varejo e os serviços tradicionais.

Banco Central

O estudo da FecomercioSP cita estimativas do Banco Central, com base em transações via Pix, mostrando que os fluxos mensais direcionados às plataformas de apostas oscilaram de

■ Mais de 25 milhões de CPFs únicos apostaram em empresas regulares, segundo o Ministério da Fazenda

R\$ 18 bilhões a R\$ 21 bilhões ao longo de 2024. Embora esses valores representem o volume financeiro bruto — e não a receita líquida do setor —, evidenciam a elevada capacidade de absorção da renda familiar.

Dados da Secretaria de Prêmios e Apostas (SPA) do Ministério da Fazenda apontam que, no ano passado, houve 25,2 milhões de Cadastros de Pessoas Físicas (CPF) únicos apostando nas plataformas autorizadas, com 100,8 milhões de contas ativas nas marcas/*bets*. No mesmo período, o Gross Gaming Revenue (GGR) do mercado regulado somou R\$ 36,96 bilhões, com R\$ 4,53 bilhões em destinações legais.

Na avaliação da FecomercioSP, os números apontam para duas tendências principais: por um lado, o segmento está ampliando as receitas do setor de serviços e movimentando plataformas digitais. Por outro, pode estar levando ao deslocamento de renda, pressionando o orçamento das famílias e reduzindo a demanda por bens e serviços

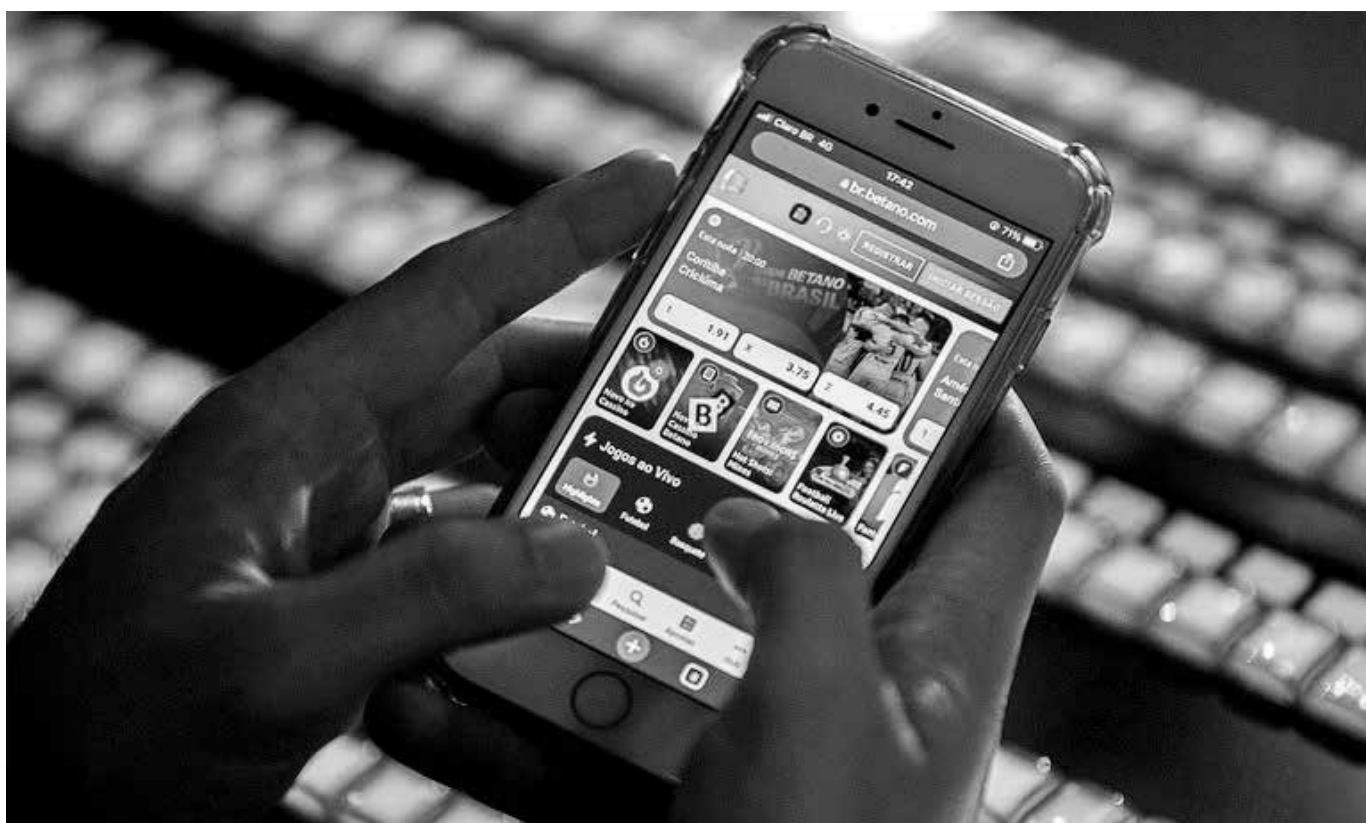


Foto: Jocelson Alves/Agência Brasil

Dados divulgados pela FecomercioSP evidenciam o crescimento acelerado do nicho de jogos de azar na economia digital

em segmentos mais tradicionais, especialmente frente a juros elevados, crédito restrito e endividamento alto.

“Além desses efeitos econômicos, a expansão do segmento ocorre em paralelo a entraves relevantes. Parte das operações ainda se dá por meio de plataformas não regulamentadas, muitas vezes sediadas no exterior, o que amplia os riscos ao consumidor. Nesses casos, não há garantias adequadas de proteção de dados, mecanismos eficazes de resolução de conflitos ou segurança na recuperação de valores”, alerta a pesquisa da FecomercioSP.

A atuação irregular, diz a entidade, também dificulta a fiscalização estatal, compromete a arrecadação e amplia

perigos associados à lavagem de dinheiro e à evasão regulatória. Por isso, o marco regulatório tem avançado no país.

As apostas de cota fixa passaram a exigir autorização prévia da SPA e, desde janeiro de 2025, apenas empresas autorizadas podem operar nacionalmente. Entre as exigências, destaca-se a utilização do domínio “bet.br”, medida que contribui para diferenciar operadores regulares de plataformas ilegais. Como parte do esforço de fiscalização, o governo federal já promoveu o bloqueio de milhares de sites irregulares, reforçando a atuação no controle do mercado.

Como pontua a FecomercioSP, a Agenda Regulatória da SPA 2025-2026 tam-

bém prevê aprimoramento do ambiente regulatório, com foco no fortalecimento da fiscalização, na revisão do regime sancionador e na ampliação de instrumentos de proteção ao consumidor, incluindo mecanismos de impedimento de apostadores e atendimento a familiares em situação de dependência (ludopatia)

Paralelamente, continua a FecomercioSP, medidas específicas voltadas para a redução de riscos sociais e financeiros têm sido adotadas, como o Sistema Centralizado de Autoexclusão, que permite ao usuário bloquear voluntariamente seu acesso às apostas. Além disso, há iniciativas de educação financeira conduzidas em parceria com a

Secretaria Nacional do Consumidor (Senacon), o Ministério da Justiça e Segurança Pública e a Universidade de Brasília (UnB), com foco na prevenção do endividamento e no uso responsável.

“Além desses avanços institucionais, há evidências cada vez mais consistentes de que as apostas digitais estão associadas a endividamento, ansiedade, depressão e ruptura de vínculos familiares. Nesse contexto, o Ministério da Saúde lançou um guia nacional voltado para a conscientização e o enfrentamento desses impactos, enfatizando que o tema extrapola a dimensão econômica e demanda uma abordagem integrada de política pública”, avalia a entidade.

Gastos afetam consumo e ampliam endividamento das famílias

Gilberto Costa
Agência Brasil

De janeiro de 2023 a março de 2026, a inadimplência do consumidor causada pelas *bets* retirou R\$ 143 bilhões do comércio varejista. O montante equivale ao volume de vendas nos períodos de Natal de 2024 e 2025.

O crescimento do gasto dos brasileiros com as plataformas eletrônicas nesse período foi superior a R\$ 30 bilhões por mês. O dito “entretimento” comprometeu a disponibilidade de renda para manter o pagamento em dia das dívidas e podem ter levado 270 mil

famílias a situação de inadimplência severa — incapacidade de pagar marcada por atrasos de 90 dias ou mais.

As estimativas são da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). Para a entidade empresarial, “as *bets* não representam apenas entretenimento; configuram-se como um risco sistêmico para a saúde financeira das famílias, drenando recursos que seriam destinados ao comércio varejista e ao consumo produtivo”.

A confederação avalia que inadimplência decorrente de gastos com as *bets* tem impacto sobre o consumo e sobre vendas do comércio varejista. De acordo com o economista-chefe da CNC, Fabio Bentes, “a tendência” é que, em situação de aperto financeiro das famílias, gastos não essenciais e até essenciais sejam “sacrificados”.

Sem celular novo

“Podem deixar de trocar de celular ou podem deixar de comprar uma peça de vestuário por causa de agravamento da sua dívida”, exemplifica Bentes, que apresentou, na última semana, em Brasília, análise econométrica (estatística e matemática) em dados apurados pela própria CNC e colhidos

do Banco Central.

Conforme a avaliação da confederação, os impactos das *bets* sobre o endividamento — que interfere na capacidade de consumo — é variável conforme o grupo demográfico. “Homens, famílias de baixa renda [até cinco salários mínimos], pessoas mais velhas (35 anos ou mais) e aquelas com maior escolaridade (segundo grau ou mais) apresentam maior vulnerabilidade aos efeitos das apostas”.

Os gastos com as apostas em plataformas eletrônicas podem até afligir famílias com renda superior, que, segundo a CNC, “desviam recursos para as *bets* e deixam de honrar compromissos”, o que acarreta atrasos e também inadimplência.

“As *bets* afetam principalmente as famílias

mais vulneráveis, aumentando seu endividamento global; enquanto, para os mais ricos, funcionam como substituto de outras formas de endividamento, embora também gerem inadimplência”, descreve apresentação da entidade.

Limites ao mercado

O presidente do Sistema CNC-Sesc-Senac, José Roberto Tadros, defende a implementação de políticas públicas regulatórias para as plataformas e de proteção a consumidores.

Em nota à imprensa, ele afirmou que as apostas *on-line* estão comprometendo a renda das famílias brasileiras. “O impacto já deixou de ser pontual e se tornou macroeconômico. Precisamos discutir os limites desse mercado, especialmente no que diz respeito à publicidade e à proteção das famílias brasileiras”.

De acordo com a CNC, oito em cada 10 famílias (80,4%) estão endividadas no Brasil. O indicador é próximo aos 78% verificado no fim de 2022. De 2019 até aquele ano, a proporção de famílias endividadas cresceu quase 20 pontos percentuais.

Notificação

O Instituto Brasileiro de Jogo Responsável (IBJR), que representa as plataformas de aposta eletrônica que operam legalmente no Brasil,

enviou notificação formal à CNC cobrando “transparência metodológica” e “acesso integral” às bases de dados que a entidade usa para avaliar o impacto das *bets* no endividamento das famílias.

Para o IBJR, outras edições do estudo partiram de “premissa completamente desalinhada com os dados oficiais”. Conforme o instituto, “as conclusões divulgadas pela CNC são alarmistas e contrariam frontalmente as métricas oficiais”.

A Associação Nacional de Jogos e Loterias (ANJL) também disse que os números apresentados pela CNC “não condizem com os dados oficiais do governo e do setor”.

Segundo a associação, a CNC desconsidera “a natureza multifatorial do endividamento dos brasileiros”.

Impacto

CNC estima que a inadimplência causada pelas *bets* retirou R\$ 143 bilhões do comércio varejista no período de janeiro de 2023 até março deste ano

Homens estão entre os mais vulneráveis aos efeitos negativos



Foto: Jocelson Alves/Agência Brasil

PÓS GRADUAÇÃO

PB é estado com maior média em oferta no NE

Estado ofereceu 62 mil bolsas por 100 mil habitantes no ano de 2024

Ihuska Cavalcante
Ascom Secties

A Paraíba vem se consolidando como um dos principais polos de pesquisa científica do Nordeste. Em 2024, o estado registrou uma média de 62,29 bolsas de pós-graduação por 100 mil habitantes, a melhor taxa entre os estados nordestinos. Além disso, apresentou uma média de 50,90 mestres e doutores titulados por 100 mil habitantes, a segunda maior da região, atrás apenas do Rio Grande do Norte, que registrou 57,91 titulados. Os números são com base no Sistema de Informações Georreferenciadas da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Os indicadores refletem o impacto dos investimentos do Governo da Paraíba, realizados por meio da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior (Secties), em parceria com a Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq). Nos últimos anos, os investimentos já somam R\$ 155,7 milhões destinados à pós-graduação e à iniciação científica de 2021 a 2025.

Para o secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, Cláudio Furtado, os investimentos realizados nos últimos anos criaram uma base sólida para que a Paraíba alcançasse resultados expressivos na formação científica. “Esse desempenho é fruto de uma política continuada, que vem desde 2019, com investimentos permanentes na área de ciência, tecnologia e inovação. O Governo da Paraíba tem construído um colchão de investimentos que ultrapassa R\$ 700 milhões e que tem sido essencial para que o estado alcance níveis cada vez mais elevados de excelência”, afirmou.

Em números absolutos, foram 2.565 bolsas, distribuídas entre modalidades como mestrado, doutorado pleno, pós-

doutorado, professor visitante e iniciação à extensão. Já nas titulações, a Paraíba registrou 2.096 em 2024, sendo 1.537 mestres e 559 doutores.

De acordo com Cláudio Furtado, os dados demonstram o resultado de uma política contínua de fortalecimento da ciência e da pós-graduação na Paraíba. “Esses números mostram que a formação de mestres e doutores na Paraíba vem alcançando um patamar muito efetivo. Isso é resultado de investimentos contínuos e de programas estruturantes, que fortalecem o sistema de ensino, a

pós-graduação e o desenvolvimento da pesquisa no estado”, destacou.

Parcerias e investimentos

Além da base regular de bolsas, a Fapesq executa programas em parceria com agências nacionais de fomento, como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Essas cooperações ampliam a capacidade de investimento do estado e fortalecem áreas estratégicas para a pesquisa, a inovação e a formação avançada.

Em parceria com a Capes, a Fapesq executa o Programa de Desenvolvimento da Pós-Graduação (PDPG), voltado ao fortalecimento de áreas estratégicas. Os editais lançados contemplam bolsas de mestrado, doutorado e pós-doutorado, além de recursos de custeio, ampliando a capacidade de pesquisa e formação avançada nas instituições paraibanas. Em cooperação com o CNPq, a Fapesq também executa o Programa de Desenvolvimento Científico e Tecnológico Regional (PDCTR) e o Programa de Apoio à Fixação de Jovens Doutores no Brasil.

Universidades públicas

A Universidade Federal da Paraíba (UFPB) lidera o volume de concessões, com 1.532 bolsas, o que representa aproximadamente 59,7% do total estadual. A instituição reuniu 732 bolsas de doutorado ple-

no, 753 de mestrado, 43 de pós-doutorado e quatro de professor visitante.

Já a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) aparece em seguida, com 736 bolsas, sendo 349 de doutorado pleno, 337 de mestrado, 39 de pós-doutorado, três de professor visitante e oito de iniciação à extensão. A instituição responde por cerca de 28,7% das bolsas da Paraíba.

Enquanto isso, a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) contabilizou 276 bolsas, com 91 de doutorado pleno, 163 de mestrado, 19 de pós-doutorado e três de professor visitante, representando aproximadamente 10,8% do total estadual.

Também aparecem na distribuição o Centro Universitário de João Pessoa (Unipê), com 13 bolsas, o Instituto Federal da Paraíba (IFPB), com sete bolsas, e a Faculdade São Paulo (Fasp) com uma bolsa de iniciação à extensão.

Para o secretário, a presença das instituições de Ensino Superior nesse resultado demonstra a importância de fortalecer a rede de pesquisa e pós-graduação no estado. “Quando o Estado investe em ciência e tecnologia, ele fortalece as universidades, amplia a formação de pesquisadores e cria condições para que a Paraíba produza mais conhecimento. Esses dados comprovam que os investimentos realizados têm impacto direto na formação de mestres e doutores e no desenvolvimento da pesquisa”, ressaltou Cláudio Furtado.



Fotos: Mateus de Medeiros

Os investimentos já criaram uma base sólida, segundo o secretário Cláudio Furtado



Bolsistas vivem experiências constantes em laboratórios

Poeira Estelar

Cláudio Furtado
claudiofurtado@secties.pb.gov.br

Pegadas do passado, caminhos para o futuro

A primeira vez que fui ao Vale dos Dinossauros, em Sousa, foi ainda nos anos 1970. Eu era um menino quando visitei o local. Estava acompanhado de alguns primos e, para uma criança, aquela foi uma experiência fantástica. Naquele mundo infantil, em que a imaginação se misturava às imagens dos filmes de dinossauros da época, ainda sem a qualidade visual que o cinema alcançaria depois, tudo parecia gigantesco. Na minha cabeça, surgiam tiranossauros, grandes herbívoros e tantas outras criaturas pré-históricas. Como toda criança, eu viajava naquela ideia de estar diante de algo imenso, misterioso e muito antigo.

Foi também nessa época que vi, pela primeira vez, o professor Giuseppe Leonard, uma figura já bastante conhecida em Sousa e que começava a ganhar presença nas rodas da cidade. Mais tarde, com mais conhecimento sobre o tema, compreendi a dimensão do trabalho científico desenvolvido por ele e a importância daquele território para a paleontologia.

Depois de muito tempo, veio a criação da área do Monumento Natural Vale dos Dinossauros. A cidade de Sousa incorporou essa identidade. Os dinossauros passaram a aparecer em nomes de espaços, ambientes e referências locais. Mas eu sempre tive a impressão de que ainda faltava um empoderamento maior.

Com o tempo, fui entendendo que aquele não era apenas um lugar simbólico para Sousa. Era, e continua sendo, um dos sítios mais importantes para a paleontologia no mundo, com registros de diversas espécies e um valor científico extraordinário. Ali, no Sertão da Paraíba, existe um patrimônio que une história natural, ciência, memória e desenvolvimento.

Mais recentemente, o Governo do Estado decidiu investir no Complexo Científico do Sertão, e um dos seus atores principais é justamente o Vale dos Dinossauros. A partir disso, o monumento passou a receber um trabalho mais estruturado de requalificação. Foi criada uma pós-graduação em Paleontologia, com o objetivo de formar pessoas da própria região e desenvolver capital humano qualificado. Esse processo contou com uma participação muito importante de pesquisadores da UFRJ. Além disso, houve a realização do Congresso Internacional de Paleontologia, um divisor de águas para a região.

A Secties, juntamente com a Sudema, também vem ampliando as possibilidades de visitação, pesquisa, educação e turismo científico. Há ainda ações voltadas ao uso de tecnologias imersivas, para que as pessoas possam vivenciar melhor a experiência de contato com esse patrimônio. Pegadas estão sendo impressas em impressoras 3D, permitindo novas formas de estudo, exposição e interação com o público. Um dos próximos investimentos envolve a realização de um curso com artistas especializados na produção de réplicas.

O cenário de hoje é muito diferente daquele que encontrei quando criança. Toda essa área pode estimular atividades públicas e privadas que tenham como tema central o Vale dos Dinossauros, fortalecendo a economia local e dando ao patrimônio paleontológico a dimensão que ele merece.

Essas ações e investimentos já somam mais de R\$ 3,7 milhões e são de fundamental importância para consolidar a região do Vale dos Dinossauros e, no futuro, avançar na construção de um geoparque. Um projeto capaz de mobilizar toda uma cadeia econômica baseada nos pilares da ciência, da tecnologia e da produção de conhecimento no Sertão paraibano.

O desafio é transformar esse patrimônio em desenvolvimento para todas as cidades que ancoram o Complexo Científico do Sertão. É fazer com que a ciência dialogue com a memória, com o turismo, com a educação e com as oportunidades para as novas gerações.

Hoje, quando olho para aquelas pegadas que vi ainda criança, compreendo melhor o seu significado. São marcas deixadas por seres do passado, mas que podem levar o Vale do Rio do Peixe para o futuro.

Cláudio Furtado, secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba é professor e doutor em Física da UFPB.

Colunista colaborador

BIODEGRADÁVEL

Plástico feito de caroços decompõe-se em até 24 meses

Professora acredita que tecnologia pode tornar plásticos biodegradáveis mais acessíveis

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

Ele está presente nas embalagens de comida que pedimos para entrega, nos utensílios descartáveis de festas de aniversário, nas sacolas de compras. É praticamente impossível imaginar a vida sem o uso de plástico. O problema é que, nos exemplos citados, os itens plásticos são usados apenas por alguns minutos ou horas antes de irem parar no lixo, onde demoram cerca de 100 anos para se decompor. Pensando nisso, pesquisadoras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) trabalham no desenvolvimento de plásticos biodegradáveis que levam apenas de 18 a 24 meses para se desintegrarem na natureza.

Além de menos poluente, o material também tem a vantagem de ser oriundo de reaproveitamento, já que os plásticos em questão são feitos a partir do amido extraído dos caroços de manga, abacate e jaca. A matéria-prima vem de resíduos de fábricas com as quais o laboratório firmou parceria.

A professora e pesquisadora Antônia Lucia de Souza contou que a ideia do projeto surgiu principalmente da preocupação com o meio ambiente. “Nós iniciamos essa pesquisa faz aproximadamente dois anos, e a gente foi motivado, porque tem uma colega nossa, aqui da UFPB, que lidera o projeto chamado ‘Mares sem plástico’. Esse projeto é internacional, é muito importante e vê a situação do descarte de plásticos, principalmente nos meios aquáticos e marinhos, e nós somos o mesmo grupo de pesquisa”, explicou.

Ela detalhou que o grupo de pesquisa em questão integra o Instituto Nacional de

“

Já existem, inclusive, empresas que produzem plásticos a partir de amido de milho

Antônia Lucia de Souza

Ciência e Tecnologia em Ciências Moleculares (INCT-Ci-Mol), um projeto muito grande do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). “Mas faltava essa parte do desenvolvimento de plásticos biodegradáveis. Então, como o meu grupo sempre trabalhou com produtos naturais e com aproveitamento de resíduos, nasceu essa pesquisa de aproveitar resíduos para obtenção de plástico”, contou.

“Mas nós não descobrimos a roda. Já existem, inclusive, empresas que produzem plásticos a partir de amido, usando principalmente o amido de milho. Porque, quando se usa o aproveitamento de resíduo para obtenção de amido, você passa por uma etapa a mais, que é pegar a matéria-prima, tratar até chegar a esse formato de amido, para poder ser utilizado na obtenção dos plásticos. No México, por exemplo, há uma produção bem significativa de plástico a partir do caroço do abacate, porque eles consomem muito abacate”, completou.

A grande questão, conforme explicou a professora,

é que a produção desse bioplástico sai mais cara do que a dos plásticos convencionais, derivados de petróleo. “Mas, em compensação, a gente tem uma propriedade muito importante para o meio ambiente, que é a biodegradabilidade. Esse plástico leva em média de 18 a 24 meses para se degradar completamente no meio ambiente. E o mais importante: o carbono que está envolvido neste plástico já existe, que ele vem de um resíduo. Então o que a gente está fazendo com isso é uma economia circular”, afirmou.

A professora acredita que, assim como os carros elétricos têm ganhado competitividade em relação aos veículos movidos por combustíveis fósseis, a tecnologia pode evoluir para que os plásticos biodegradá-

veis também se tornem mais acessíveis.

Ela esclareceu que o objetivo principal no desenvolvimento desse produto é evitar o acúmulo de plástico no meio ambiente. Para isso, o plástico biodegradável seria utilizado para substituir produtos de uso corriqueiro, como sacolas, utensílios e embalagens descartáveis e até mesmo hastes flexíveis, como cotonetes. É o tipo de plástico que rapidamente é descartado e que, por isso mesmo, não precisa durar tanto.

Manga é a fruta mais promissora

Para fazer o plástico biodegradável, primeiro a equipe extrai o amido do caroço da fruta, seja manga, abacate ou jaca. Esse amido é misturado com água e um plastificante, que, no caso, é o glicerol, um subproduto do biodiesel. Na tentativa de usar a maior parte de ingredientes naturais possível, são usados corantes obtidos de flores, cultivadas na própria universidade, para tornar o plástico colorido. Além da versão transparente, há também o plástico roxo ou vermelho. Após isso, o material é posto para secar em placas de Petri.

Embora todos os resíduos testados tenham funcionado, é o caroço de manga que se torna mais promissor, segundo a pesquisadora. “O abaca-

te tem um problema, porque ele oxida e a gente tem que fazer um branqueamento e não consome tanto. Jaca é uma fruta subvalorizada, é sazonal. Nós temos manga o ano todo, e o caroço é uma parte substancial da fruta. Petrolina produz manga, na Paraíba se produz manga. A gente produz e utiliza muito na indústria para obtenção de polpa e gera aquele resíduo”, disse. Ela lembrou que, dentro do grupo, também existe uma pesquisa que utiliza fibra de coco.

“Queremos produzir plásticos com propriedades e aplicações diversas. Então, a gente trabalha essas propriedades mecânicas do plástico, se ele vai rasgar, se vai ser mais flexível, para que ele vai ser útil? Ele vai na sa-

cola, na embalagem de alimento ou na embalagem que não é de alimento. A gente faz esses testes”, contou Antônia Lucia.

O próximo passo seria usar uma extrusora, que é uma máquina industrial que permite produzir peças grandes de plástico, como rolos. “Quando for na extrusora, a gente vai ter que testar as condições. Isso leva um tempo de pesquisa para tirar esse formato que tem aqui e colocar o formato lá, porque aí a temperatura vai mudar, a pressão vai mudar, todas as outras condições vão mudar”, afirmou Antônia Lucia.

Ela destacou que, para isso, a pesquisa precisa de incentivos financeiros. “Quem investe em pesquisa no Brasil são os governos Federal e estaduais. Mas precisamos que o setor privado também invista em pesquisa. A gente não pode deixar só para os governos, porque nós temos muitas necessidades com a

nossa população. Só que é bem difícil, ainda temos muita dificuldade de aproximar a universidade do setor privado. Mas precisamos encontrar esse caminho para que tenhamos esse investimento privado e não fiquemos só à espera do investimento do dinheiro público”, opinou a pesquisadora, lembrando que os frutos da pesquisa têm potencial para beneficiar também a iniciativa privada.

Entre as pesquisas desenvolvidas pelo grupo, duas já têm depósitos de patente. “Nós fizemos uma patente em que aproveitamos a celulose extraída da casca do feijão e da casca do milho, e nós obtivemos filmes, não a partir do amido, mas a partir da celulose. Nós temos essa patente e temos também uma patente com a obtenção de plástico funcionalizado, usando a pectina do maracujá funcionalizado com suco de caju em pó. Porque a gente queria um plástico que tivesse atividade antimicrobiana. Nós fizemos um teste com embalagem de pão de forma e ele aumenta a vida do alimento. Nós temos essas duas patentes e estamos aguardando a manifestação de empresas”.

■ Além de menos poluente, o material também tem a vantagem de ser oriundo de reaproveitamento

Usando corantes obtidos de flores, cultivadas na própria universidade, além da versão transparente, pesquisa também produz o plástico roxo ou vermelho



Para fazer o produto, primeiro a equipe extrai o amido do caroço das frutas, que depois é misturado com água e um plastificante, um subproduto do biodiesel



BADMINTON

Modalidade em expansão na Paraíba

Raquete e peteca são indispensáveis para a prática da modalidade, que vem crescendo no estado

Crescimento já atrai competições importantes como a Copa Norte/Nordeste e o Pan-Americano Júnior, que acontecerão nos meses de junho e julho

Camilla Barbosa
acamillabarbosa@gmail.com

O badminton paraibano vive uma expansão gradual, revelando talentos (sobretudo no interior do estado), sediando eventos nacionais e internacionais e ampliando sua presença em competições, com resultados cada vez mais frequentes nos pódios. Buscando traçar um panorama atual local, o jornal **A União** conversou com o presidente da Federação de Badminton do Estado da Paraíba (FebaPB) e com a professora Priscilla Soares, que vivem esse esporte na prática.

Com 10 clubes filiados, a FebaPB rege a modalidade em nível estadual. Seu atual presidente e fundador, Franklin Keill, é um dos responsáveis por expandir o conhecimento sobre essa prática esportiva, que chegou à Paraíba em 2007, ano em que a entidade foi fundada. Ele lista alguns dos motivos que influenciaram a ampliação em nível local.

“Primeiro, a criação da federação, em 2007. Eu trabalhava no Clube Cabo Branco, aí achei interessante o badminton e abri a federação naquele ano, inclusive com o Clube Cabo Branco sendo um dos clubes fundadores. A partir dali, a gente passou longos três anos indo nas escolas, levando uma raquete e uma peteca, demonstrando mesmo o badminton. Na época, ninguém conhecia direito, não era muito falado, mas o crescimento se deu quando o Comitê Olímpico Brasileiro o incluiu nos Jogos Escolares e da Juventude; foi aí que deu uma grande ênfase, porque o estado foi obrigado também a colocar o badminton e o parabadminton como modalidades esportivas escolares”, relembra ele.

Para ele, o trabalho que a federação local tem desempenhado junto a técnicos, professores e atletas também contribui para a melhoria da qualidade técnica da modalidade no cenário estadual.

“A nossa federação, hoje, é exemplo para outras federações. Mantemos as normativas vigentes da Confederação Brasileira, porque não é só você ter uma federação e fazer seus campeonatos, tem que ter uma organização desde a base e manter atletas por muito tempo jo-

gando badminton. A gente tem conseguido que os clubes se filiem, e isso alavanca o esporte e traz bastantes atletas para jogar a modalidade, e os resultados que esses técnicos, esses professores, conseguiram ao longo dos anos são ótimos. Por exemplo, tem uma técnica lá em Patos, que é Priscilla Soares, que se especializou na modalidade de badminton, e, graças a isso, Patos teve uma época que foi hegemonia. Então são equipes muito fortes, porque trabalham desde a base”, sublinha Keill.

Base

A atenção à base é também uma das estratégias para buscar o protagonismo paraibano nesse esporte em longo prazo. Os resultados nas edições de 2025 dos Jogos Escolares Brasileiros, dos Jogos da Juventude e das Paralimpíadas Escolares asseguram isso: a Paraíba conquistou 11 medalhas, ao todo, nos três eventos.

“A gente tem muitos atletas que jogam badminton a nível escolar, dentro do estado. Semana passada, em Guarabira, fomos realizar a regional dos Jogos Escolares, e lá, ao todo, tinha quase 60 meninos inscritos, tanto masculino quanto feminino, categoria A e categoria B. Isso fortalece, porque eles são de escolas públicas, não têm clube, então, com a descoberta desse nicho de adolescentes que jogam dentro das escolas, os clubes conseguem captar esses atletas e ter uma formação melhor, porque eles treinam quase todos os dias. Com esse fortalecimento, eles também participam do Campeonato Paraibano e aí vão aumentando de nível. Os atletas que já vêm da base, chegam até a categoria principal com grandes chances de conquistar mais coisas do que conquistaram hoje, dentro do estado”, aponta o dirigente.

Competições

Toda a comunidade estadual li-

gada ao badminton tem aguardado um importante evento internacional, programado para os dias 19 a 26 de julho. Trata-se do 33º Campeonato Pan-Americano Júnior de Badminton, que será realizado no Ginásio Ronaldo e contará com representantes de alto nível de quase 20 países.

“Ele tem uma particularidade, porque o pessoal que joga nele se classifica em outras categorias previamente, estão na corrida do ranking olímpico. Então esse evento acontecendo aqui é bom porque tanto as equipes daqui [de João Pessoa] quanto as equipes do interior conseguem visualizar o alto nível do badminton. A expectativa é de ser bem interessante, porque vêm países aí com atletas de Olimpíadas, de alto rendimento mesmo, então a galera fica superanimada para ver o evento”, afirma Keill.

Para além do Pan-Americano, outras competições integram o calendário anual da modalidade no estado. A Copa Norte/Nordeste, por exemplo, será realizada de 4 a 7 de junho, na Vila Olímpica Parahyba, com participação prevista de 250 atletas de seis estados que fazem a Regional 6: Paraíba, Per-

Foto: Arquivo pessoal

Priscilla Soares diz ser uma apaixonada pelo badminton e tem um papel importante na expansão da modalidade



nambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Amapá. Além de classificar para o Top 16, que é um campeonato nacional, ela também será válida pela segunda etapa do Campeonato Paraibano.

Ensino e paixão esportiva

“Sou uma apaixonada pelo badminton”, declara Priscilla Soares. Guiada por esse amor à modalidade, a professora da AABB Patos tem mudado o cenário da prática esportiva no município, sendo uma das personagens mais importantes no processo de expansão desse esporte no Sertão paraibano há mais de 10 anos.

“Eu comecei a trabalhar com badminton nas escolas, e a gente viu a necessidade de estar se inserindo em clubes para poder estar participando de campeonatos maiores, sabe? Então eu comecei a trabalhar na AABB em 2018. Aí, a partir disso, a gente começou a inserir o badminton entre as modalidades do clube. Eu, como treinadora da equipe, comecei a treinar os meninos, porque na AABB temos vários projetos sociais, vários programas, e um deles chama-se ‘AABB Comunidade’. Dentro dele, a gente consegue captar os talentos para a modalidade, e, a partir disso, participamos sempre das competições. Mesmo antes de estar trabalhando na AABB, eu já participava dessas competições com outras equipes, só que a AABB nos deu melhores condições de trabalho”, explica a professora.

“A gente sempre trabalhou com essa parte social. Eu já tinha meus atletas, a gente continuou treinando e continuou trabalhando, buscando novos talentos. E a gente participa das competições. Nunca deixamos de participar de nenhuma das etapas. Campeonato Paraibano, em toda Paraíba, a gente sempre rodou nesses campeonatos”.

No momento, a preparação da equipe comandada por Priscilla visa à Copa Norte/Nordeste. “A gente sempre classifica atletas para o Top 16, que é o objetivo dessa etapa. Então o badminton vem sendo um transformador social para essas crianças que são do projeto. A gente vem sempre nessa batalha, tentando levá-las para as competições, Jogos Escolares, e eu posso dizer que é uma das competições mais importantes também para a gente”, aponta a patoense.

Segundo a treinadora, o projeto de que faz parte conta, atualmente, com 40 atletas filiados à FebaPB. Para ela, a aderência massiva sertaneja é fruto da visibilidade e fortalecimento que a modalidade tem alcançado em cidades interioranas, da especialização de treinadores e dos investimentos recebidos.

“Aqui no Sertão e Alto Sertão, tem crescido bastante mesmo a modalidade. A gente tem o clube da SDU, que fica no Alto Sertão. Tem várias cidades que estão unidas nessa equipe — pessoal de Sousa, Cajazeiras—, tem crescido muito, mas eu vejo que isso é muito uma questão de visibilidade que eles estão tendo, sabe? Eu acredito que a pessoa que hoje apoia eles está conseguindo ter uma visão importante de estar massificando cada vez mais o badminton. Eu também vejo muito a questão do professor, do interesse dos professores aqui, que são muito esforçados, muito dedicados mesmo. Eu tiro por mim, né? Há mais de 10 anos com a modalidade, muitos cursos expressivos eu tenho hoje. Acho que, a nível Nordeste, poucas pessoas têm os cursos que eu tenho, então é mais a questão de procurar mesmo, se qualificar, procurar as oportunidades”, acrescenta.

“É muito forte o quanto a AABB nos ajuda, sabe? Por meio de projetos da Lei de Incentivo ao Esporte, a gente consegue colher muitos frutos com relação à estrutura material. Então eles nos dão muito essa oportunidade de estar crescendo dentro do clube, dentro da modalidade, por meio desses projetos. Emendas impositivas também têm ajudado, mas isso tudo porque existe uma regulamentação com a documentação que é exigida”, finaliza a professora.

BRASIL 2027

Câmara aprova a Lei Geral da Copa

Projeto beneficia o futebol feminino, prevê ações que premiam ex-atletas e abre caminho para reparação histórica

A Câmara dos Deputados aprovou, no início desta semana, o Projeto de Lei nº 1.315/2026, que estabelece a Lei Geral da Copa do Mundo Feminina da Fifa 2027, que será realizada no Brasil. A proposta, de autoria do Ministério do Esporte (MEsp), foi aprovada por ampla maioria e agora segue para apreciação do Senado Federal. Se aprovado, o texto será encaminhado à sanção presidencial.

Com relatoria da deputada Gleisi Hoffmann, o projeto recebeu prioridade na tramitação e consolida as regras que regerão direitos comerciais, operacionais e institucionais do torneio, além de trazer inovações importantes, com destaque para o reconhecimento financeiro às pioneiras do futebol feminino brasileiro.

A iniciativa não é inédita. Ela se inspira no previsto na Lei Geral da Copa Masculina Fifa 2014, que premiou 51 ex-jogadores e sucessores legais dos campeões mundiais de 1958, 1962 e 1970.

O ministro do Esporte, Paulo Henrique Cordeiro, destacou a importância da aprovação e reconheceu o papel do Parlamento na construção do texto.

“Meu reconhecimento público à deputada Gleisi Hoffmann pela relatoria da Lei Geral da Copa do Mundo Feminina de 2027, aprovada no plenário da Câmara. Graças à prioridade e ao compromisso com o tema, conseguimos avançar com rapidez e garantir uma conquista fundamental para o Brasil. Assim agradeço todas as deputadas e deputados que entenderam sua importância, se posicionando favoráveis. Tenham certeza que será um marco na história do país. Seguimos trabalhando para fazer da Copa de 2027 um belíssimo evento para o esporte e para todas as mulheres do país. E já avisa todo mundo: ano que vem, a Copa do Mundo é no Brasil!”, comemorou Paulo Henrique.

A proposta aprovada regulamentará direitos e deveres da União e da Fifa para a realização do torneio, consolidando aspectos comerciais, de mídia, in-



Foto: Henrique Barrios/MEsp

Seleção Brasileira de futebol feminino em ação no jogo contra o Canadá, na vitória por 1 a 0, no Torneio Fifa Series, disputado na Arena Pantanal

fraestrutura e organização, ao mesmo tempo que incorpora medidas de valorização do futebol feminino e de sua trajetória histórica no país.

Um dos pontos centrais do projeto é a autorização para o pagamento de um prêmio de R\$ 500 mil a cada jogadora que participou do Torneio Experimental da Fifa, realizado na China, em 1988, e da primeira Copa do Mundo Feminina, em 1991. Ao todo, cerca de 30 ex-atletas poderão ser contempladas.

“Se em 2014 o Brasil reconheceu 51 campeões que levaram o Brasil ao topo do futebol mundial, agora damos um passo além ao valorizar quem ajudou a construir esse caminho, mesmo sem visibilidade, apoio ou reconhecimento. Esse prêmio às pioneiras do futebol feminino é um gesto de justiça histórica e de compromisso com a igualdade e reafirma-

que o esporte brasileiro também se constrói com memória, inclusão e respeito às mulheres que abriram portas para as novas gerações”, completou Paulo Henrique.

Prêmio
Projeto autoriza o pagamento de R\$ 500 mil a cada atleta que participou de um torneio experimental na China, em 1988

A medida representa um reconhecimento inédito às mulheres que ajudaram a construir o futebol feminino brasileiro em

um período marcado por restrições e invisibilidade. A relatora Gleisi Hoffmann ressaltou o caráter de justiça histórica da medida.

Segundo ela, o Estado brasileiro, que no passado proibiu a prática de futebol por mulheres por mais de quatro décadas, tem agora o dever de promover ações de reparação e incentivo ao esporte feminino.

“Se foi o Estado, em tempos de ditaduras, que proibiu o esporte por tanto tempo e gerou as dificuldades que vemos agora, nada mais justo do que promover, na democracia, as medidas de reparação”, afirmou. Caso alguma das atletas já tenha falecido, o valor poderá ser destinado a seus herdeiros legais.

Direitos comerciais

O texto aprovado estabelece regras de exclusividade para

a Fifa e seus parceiros comerciais, incluindo direitos sobre imagens, marcas, sons e propriedades intelectuais relacionadas à competição. Ao mesmo tempo, garante ao Governo do Brasil o uso de seus próprios símbolos e campanhas institucionais, desde que sem exploração comercial.

Também foram regulamentadas as condições para uso de imagens por emissoras não detentoras dos direitos de transmissão, que poderão exibir trechos limitados em até 30 segundos por evento e até 3% do tempo de partida e exclusivamente para fins jornalísticos, sem associação comercial.

A proposta ainda disciplina a produção e distribuição de conteúdos audiovisuais, prevendo que a Fifa disponibilize material editado dos principais momentos das partidas em até seis horas após os eventos.

Propaganda

Dentre os pontos que geraram debate, está a autorização para a propaganda de bebidas alcoólicas durante transmissões e eventos oficiais da Copa, inclusive fora do horário restrito atualmente previsto na legislação brasileira. A permissão se estende também a plataformas digitais, seguindo entendimento já consolidado pelo Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (Conar).

O texto também permite a venda de bebidas alcoólicas nos estádios e locais oficiais do evento, desde que respeitadas as normas sanitárias vigentes. Além disso, a Lei Geral da Copa incorpora regras sobre comércio nos locais de evento, proteção de marcas, patentes e acesso a imagens, garantindo segurança jurídica para a realização do torneio. A relatora destacou que a realização da Copa do Mundo Feminina no Brasil representa uma oportunidade estratégica para ampliar a visibilidade do futebol feminino, fortalecer a formação de atletas e consolidar políticas públicas voltadas ao esporte.

Outro dispositivo relevante do projeto permite a decretação de feriados nacionais em dias de jogos da Seleção Brasileira. Estados, o Distrito Federal e municípios também poderão instituir feriados ou pontos facultativos em dias de eventos em seus territórios. No campo educacional, os calendários escolares deverão ser ajustados para que as férias do primeiro semestre de 2027 coincidam com o período da competição, garantindo maior participação da população. Com a aprovação na Câmara, o projeto avança agora para o Senado Federal, etapa final antes da sanção presidencial. A expectativa do governo é consolidar um marco legal que não apenas viabilize a realização da Copa, mas também deixe um legado duradouro para o esporte e para a igualdade de gênero no Brasil.



Foto: Acervo Museu do Futebol

As jogadoras da primeira Seleção Brasileira de futebol feminino durante o aquecimento, antes da disputa do torneio internacional, na China, em 1988

RECORDE

CR7 já marcou gols em cinco Copas

Ele atuou nos Mundiais de 2006 (Alemanha), 2010 (África do Sul), 2014 (Brasil), 2018 (Rússia) e 2022 (Catar)

Aos 41 anos, Cristiano Ronaldo é um veterano, mas a idade não é empecilho para que o astro português se mostre ainda forte e artilheiro por seu clube e pelo seu país. Até agora, ele já marcou oito gols na Copa do Mundo da Fifa por Portugal, em 2006, 2010, 2014, 2018 e 2022, um recorde. Seleções que sofreram gols de Cristiano Ronaldo: Espanha (três gols); Gana (dois gols); RI do Irã, RPD da Coreia e Marrocos (um gol cada uma). Sem dúvida, o melhor desempenho de Ronaldo na Copa do Mundo aconteceu contra a vizinha Espanha, na partida de estreia da Seleção das Quinas em 2018, na Rússia.

Primeiro, ele sofreu um pênalti e converteu a cobrança em apenas quatro minutos para abrir o placar. Diego Costa empatou para La Roja prontamente. Mas Ronaldo, então, restabeleceu a vantagem pouco antes do intervalo, com um chute rasteiro para superar David de Gea.

Dois gols rápidos da Espanha viraram o jogo de cabeça para baixo logo após o intervalo, mas o camisa 7 português não se deu por vencido. A apenas dois minutos do fim do tempo regulamentar, ele acertou uma excepcional cobrança de falta sobre a barreira espanhola e definiu um dos empates mais marcantes da história do Mundial.

Quatro anos depois, em 2022, a história foi feita no Estádio 974, do Catar, onde Ronaldo se tornou o primeiro jogador a marcar em cinco Copas do Mundo da Fifa entre os homens, convertendo um pênalti contra Gana.

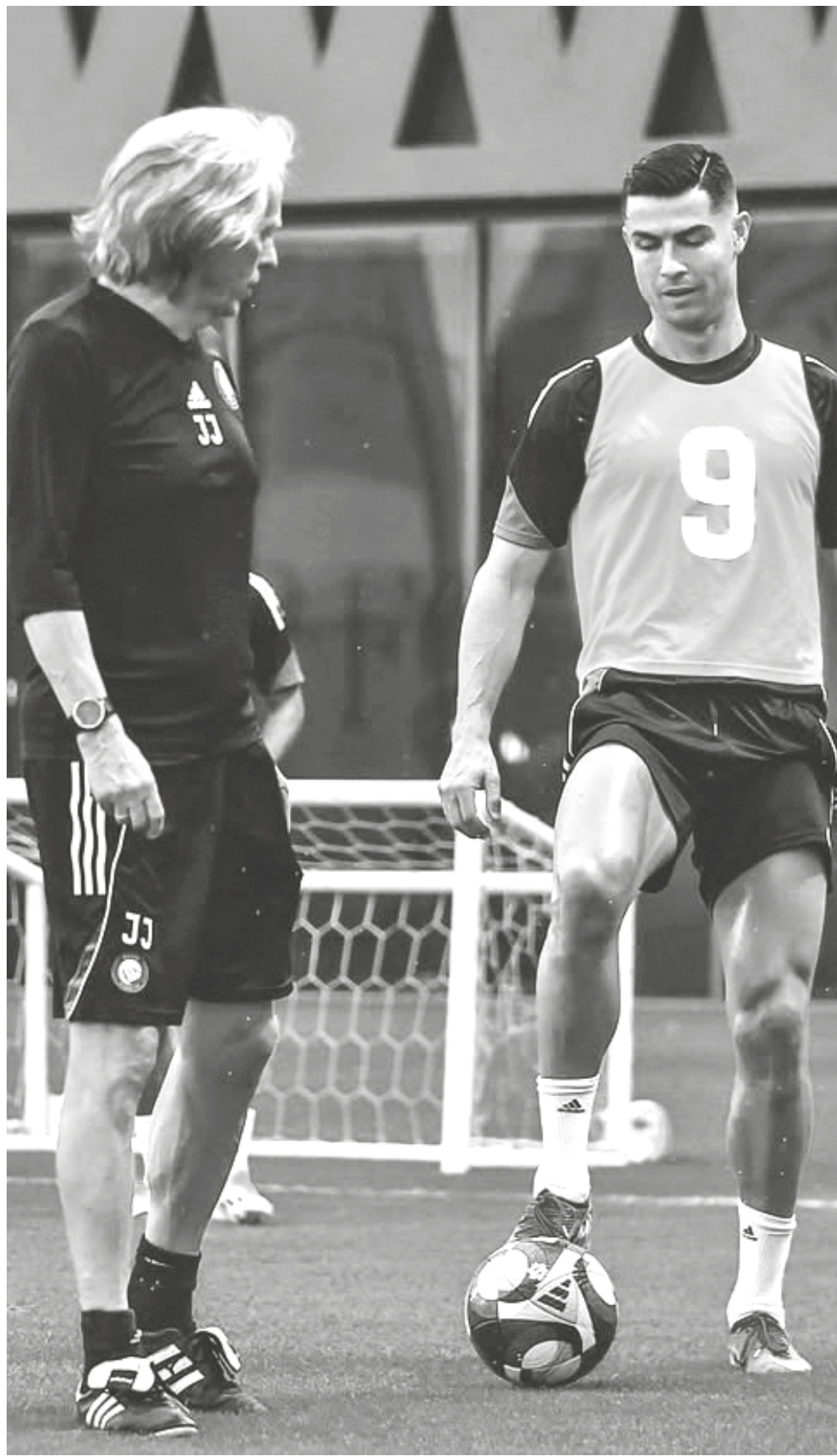


Foto: Reprodução/Instagram @alnassr

O técnico Jorge Jesus com o atacante português durante treinamento do Al Nassr

Pedro Alves

pedroalvesjp@yahoo.com.br

SAF sem rumo

Não é porque um diretoria dá pouco tempo de trabalho a um técnico, acumulando algumas demissões em um curto espaço de tempo, que dá para necessariamente dizer que o trabalho está sem rumo. Ainda que esse seja um bom indicativo para uma conclusão que assevere a ausência de um caminho claro. A SAF do Botafogo-PB, no entanto, não faz um analista, que se propõe a um olhar sobre o seu trabalho no futebol, reduzir o debate a isso.

Lisca foi o sexto treinador demitido pelo tal novo modelo de gestão, que, nesse tema, me parece um tanto velho. Para além disso, Lisca representa, em termos econômicos, a sexta rescisão contratual que vai gerar ônus financeiro, após o encerramento de vínculo forçado pelo empregador. Marcelo Fernandes, que chegou no decorrer da semana, é o sétimo técnico contratado. Tudo isso em pouco mais de um ano desde que a SAF desembarcou em João Pessoa.

Mas, vamos ser justos. Pasmem! A demissão de Lisca, nesse momento, para mim, é um acerto. O que parece uma contradição do autor carece mesmo de explicação na defesa de que não é esse o caso. É que o ambiente no clube era péssimo, como já cheguei a mencionar em meu Twitter e em pelo menos um texto do meu blog. Lisca recebeu a chave do clube — e nisso reside o que avalio ser um grande problema de gestão, que, como sugere o título da coluna, não tem rumo — e mandou ver com a carta alva que lhe foi dada.

Brigou com Deus e o mundo no CT. Pediu cabeças. Afastou dirigentes do dia a dia. Inclusive o primo do dono, Marco Félix, que é diretor administrativo da SAF e simplesmente passou a trabalhar apenas na sede burocrática, fora da Maravilha, a pedido do temporário mandatário do clube, Lisca. E tudo foi acatado pelo dono da SAF, Fillipe Félix. Se cismava com alguém, a pessoa era ferozmente criticada e jogada aos leões pelo técnico gaúcho. Sobrou até para um dos cingrafistas da TV Belo. Lisca fez a Maravilha ter um dia a dia intranquilo, recheado de saídas, gerando diversos incômodos, inclusive no grupo de jogadores. São vários os episódios que não cabem aqui e que, provavelmente, serão objetos de alguma produção no blog.

Assim, um sucesso esportivo na Série C diante de um ambiente tão pesado era bem improvável. Félix percebeu e corrigiu o rumo, demitindo o técnico, Acontece que não se limita a tantas mudanças de treinador em pouco tempo, com movimentos de dar um respaldo enorme dentro do departamento, como foi dado a Lisca — contratando e demitindo quem ele quisesse, para dias depois tirar o técnico e, possivelmente, com a temporada em curso, fazer novas mil intervenções —, o que faz desse trabalho da SAF, ainda curto, é verdade, uma viagem que não parece ter destino.

Poucos departamentos melhoraram em relação ao Botafogo-PB de Breno Moraes, por exemplo. Para quem foi agredido verbalmente pelo dirigente citado, talvez não fosse necessário deixar claro que o paralelo não visa a uma defesa do Belo de Breno, também tão cheio de problemas e caminhos tortuosos. De todo modo, comparações são inevitáveis. E constatações após análises também. No Belo SAF, já entrou coordenador de comunicação e já saiu coordenador de comunicação. O mesmo ocorreu no marketing. Não há continuidade em quase nenhum departamento. O de futebol, além do que já foi aqui descrito, ainda conta com outros problemas.

O Botafogo-PB SAF não tem um auxiliar permanente. Não tem um técnico de categoria de base. Até porque não tem base. O Belo não tem, hoje, ninguém para treinar interinamente a equipe em qualquer que seja a transição. Tanto que quem deu o treino da última terça-feira foi o preparador físico Lucas.

A comissão de Marcelo Fernandes chegou na quarta, dia do jogo contra o Flu-PI. A lógica era ver o jogo dos camarotes, enquanto alguém que já acompanhava o time comandava o grupo em campo. Para na quinta elenco e nova comissão se conhecerem. Não deu nem para ter essa opção lógica. O auxiliar, Marcelo Copertino, chegou no dia que já foi para a beira do gramado. Que ideia de clube é essa, em que o departamento de futebol é fraturado e o trabalho de base ainda inexistente?

É do jogo mudar de treinador. Ainda que seja um modelo que eu acho fraco. Agora não ter base, não ter profissionais fixos, viver de demitir quando o técnico manda, trazer apenas pessoas ligadas ao treinador da vez, para depois mudar tudo quando o técnico cai, é anarquia total. O "pior" é que, em um nível de Série C e de Paraíba, as tais correções de rumos, mesmo feitas sem ideias, apenas por tentativa e erro eternamente, ainda podem resultar em título estadual, como aconteceu. E até no acesso. Mas tem um teto. Ainda me

RECONHECIMENTO

"Cristiano, a vida é um voo solo. Cada um faz a sua própria jornada. E que bela jornada você está tendo! Eu te admiro muito, adoro te ver jogar, e isso não é segredo para ninguém. Parabéns por quebrar o meu recorde de gols em partidas oficiais. A minha única lamentação é não poder te dar um abraço".

■ Pelé

"Tenho muito respeito e admiração por Cristiano Ronaldo e pela carreira que ele fez e continua fazendo. Ele continua competindo no mais alto nível. A competição com ele era dentro de campo, cada um de nós queria fazer o melhor pelo seu time. Tudo ficava em campo. Fora de campo, somos dois caras normais. Não somos amigos porque não passamos tempo juntos, mas sempre nos tratamos com muito respeito".

■ Lionel Messi

"Ele tem magia nas chuteiras. A primeira coisa que você percebe é que ele é incrivelmente rápido e muito, muito potente para alguém tão jovem. Tem um ótimo controle de bola, e sua técnica é excelente. Acredita que pode fazer qualquer coisa com a bola, e essa confiança o torna realmente muito especial".

■ Eusébio

"Não tenho dúvidas, respeitando muito o Eusébio e os outros jogadores que passaram pela Seleção, que Ronaldo é um símbolo de Portugal. Pelos gols que já marcou por Portugal e pelos clubes, é um jogador que vai deixar uma grande marca no futebol".

■ Pepe

"Tenho a maior admiração por ele, porque acho que ele é um exemplo. É uma pessoa que leva o nome de Portugal para todo o lado. O exemplo, os records, a fome que ele tem de querer ser sempre melhor e ganhar, e ser competitivo. São só palavras boas em relação ao que é a sua história no futebol".

■ Luís Figo

"Quando você joga com Cristiano Ronaldo no seu time, já começa ganhando de 1 a 0".

■ Zinedine Zidane

"Eu vi Maradona jogar algumas vezes, e nunca vi Pelé. Mas Cristiano é incrível. O homem é o melhor. Cristiano é uma máquina de gols. É um jogador inacreditável. Ele é como Zidane: nunca vai haver outro Cristiano Ronaldo".

■ José Mourinho

"Cristiano é único pelo talento e profissionalismo. Ele é extraordinariamente consistente, um profissional fora de série".

■ Carlo Ancelotti



Atacante tem o reconhecimento de grandes nomes do futebol

Foto: Reprodução/Instagram @ccentral_cr7

BRASILEIRO

Belo joga contra o Paysandu em Belém



Sem vencer há dois jogos, o Botafogo busca reabilitação na Série C, depois de ser eliminado da Copa do Nordeste

Treze joga fora de seus domínios, contra o Decisão-PE, enquanto o Sousa recebe o Laguna-RN no Marizão

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

O Botafogo visita, hoje, às 19h, no Estádio Curuzú, em Belém (PA), o Paysandu, pela quinta rodada do Campeonato Brasileiro Série C. Será a primeira partida de Marcelo Fernandes no comando do Belo. O treinador alvinegro não estreou no jogo da Copa do Nordeste, empate em 1 a 1, diante do Fluminense-PI, na última quarta-feira (29), por estar suspenso. Eliminado do Regional, o time pessoense só joga a Terceira Divisão neste ano. O enfrentamento contra o Paysandu promete ser mais um capítulo equilibrado de um confronto que tem se mostrado bastante disputado ao longo dos anos.

O histórico recente revela jogos decididos nos detalhes, com alternância de resultados e placares apertados. Desde 2014, foram 12 jogos, todos pela Série C. O retrospecto registra quatro vitórias para o Botafogo, cinco triunfos para o Paysandu e três empates. No encontro mais recente, em 2023, o Papão levou a melhor, atuando como visitante: 3 a 2. Marcelo Fernandes inicia, hoje, sua trajetória na competição que é o pesadelo do torcedor botafoguense. São 13 anos consecutivos disputando a Série C, período em que clube e torcida acumulam mais traumas do que momentos felizes. O ano de 2026, que parecia apresentar novos tempos na Maravilha do Contorno, agora é uma incógnita.

A conquista do Campeonato Paraibano depois de sete anos não ameniza a agonia das arquibancadas pelo futebol apresentado nas primeiras rodadas. O novo treinador chega com *status* de atual campeão da competição e encontra situação melhor que na Ponte Preta, a qual colocou na Série B, para implantar seu trabalho.

A Macaca alcançou o acesso com problemas financeiros, além de atraso no pagamento dos salários de jogadores. No Belo, Marcelo encontra um ambiente melhor, mas com um torcedor traumatizado. Na campanha atual da Série C, o Botafogo soma seis pontos, com duas vitórias e duas derrotas.

Na Terceira Divisão, o Paysandu vem de uma vitória expressiva (4 a 1) contra o Itabaiana, em Sergipe. A equipe está invicta no Campeonato Brasileiro, tendo duas vitórias e dois empates. Em 2026, conquistou o 51º título do Campeonato Paraense. O clube bicolor é o maior detentor de troféus do torneio local. Outro feito importante na atual temporada é ter chegado à quinta fase da Copa do Brasil, em que perdeu o primeiro jogo para o Vasco por 2 a 0.

Decisão-PE x Treze

O Treze joga, hoje, fora de casa, contra o Decisão-PE, às 16h. O time de Adriano Souza tem sete pontos e busca se consolidar no topo da tabela de classificação do Grupo A8. O Galo vem de empate (1 a 1) contra o Serra Branca. Na cidade de

Goiana (PE), o Alvinegro vai atrás da primeira vitória como visitante no torneio. Longe do Amigão, perdeu por 5 a 4 para o Lagarto-SE. A equipe de Campina Grande tem duas vitórias, uma derrota e um empate quando se contabilizam os quatro jogos realizados até aqui.

A principal aposta do Galo da Borborema para somar os primeiros pontos fora de casa é em seu setor ofensivo. Dentre os 96 times da competição, distribuídos nos 16 grupos, nenhuma outra agremiação balançou as redes mais que o Treze nas quatro primeiras rodadas. Ao todo, foram 11 gols marcados.

O técnico Adriano Souza conta também com a dupla Gustavo Petrocelli, volante, e Jean Carlo, meio-campo. Os dois, somados, marcaram seis gols na Quarta Divisão, três cada um. Com o ataque funcionando, as críticas se concentram na defesa. Depois da estreia, em que venceu o Retrô por 3 a 0, nos três jogos seguintes, o time foi vazado. Um dado negativo é o fato de ter tomado cinco gols numa mesma partida, ainda na segunda rodada. Somente o Humaitá-AC, lanterna do Grupo A2, sofreu o mesmo número de tentos num mesmo confronto.

O setor é tema recorrente nas coletivas. A resposta é padrão: "Vamos corrigir os erros, mas manteremos nossa essência ofensiva". Na Série D, os quatro primeiros da chave avançam para o mata-mata. Enquanto o Galo está no G4, o Deci-

são-PE, que é um dos 21 clubes que estrearam no torneio em 2026 após a ampliação, é o lanterna da chave. O rival do Treze nesta tarde soma quatro pontos, tendo uma vitória, duas derrotas e um empate. Apesar da posição, vem de triunfo na sua última partida (3 a 2 contra o Retrô).

Sousa

Eliminado da Copa do Nordeste, o Dino, agora, concentra todas as atenções na Série D. O time vem de duas derrotas seguidas e está fora do G4 do Grupo A8.

A equipe de Aldeone Abrantes tem mais seis jogos para mudar os rumos da temporada. Diante do seu torcedor, hoje, às 16h, contra o Laguna-RN, pela quinta rodada, já tem a oportunidade de dar uma resposta contra os maus resultados recentes. Um triunfo será importante para quebrar uma sequência de quatro partidas sem vitória: Juazeirense, empate; Central, derrota; ABC, derrota; e CRB, derrota. O rival potiguar é o lanterna da chave e ainda não ganhou na competição, tendo um empate e três derrotas. Na rodada passada, o Sousa perdeu por 1 a 0 para o ABC, dentro do Marizão. Novamente na praça esportiva, o clube sertanejo tem a oportunidade de retornar ao caminho das vitórias e entrar no G4, isso acontece caso o Maguary-PE perca seu jogo, fora de casa, contra o América-RN. Até aqui, em quatro rodadas, o Dino tem apenas três pontos, um triunfo e três derrotas. No Grupo A8, ocupa a quinta posição.

Jogos de hoje

BRASILEIRÃO

16h

Flamengo x Vasco

São Paulo x Bahia

18h30

Internacional x Fluminense

Chapecoense x Bragantino

20h30

Mirassol x Corinthians

SÉRIE B

16h

São Bernardo x Ponte Preta

Operário-PR x Londrina

18h

Sport x Ceará

18h30

Atlético-GO x Juventude

20h30

América-MG x CRB

Avai x Novorizontino

SÉRIE C

17h

Ferroviária x Anápolis

Volta Redonda x Brusque

Amazonas x Caxias

19h

Maringá x Itabaiana

Paysandu x Botafogo

BRASILEIRÃO

Clássico dos Milhões é o destaque da rodada de hoje

Da Redação

Cinco jogos hoje dão continuidade à 14ª rodada do Brasileiro. Às 16h, Flamengo e Vasco fazem mais uma edição do Clássico dos Milhões; enquanto isso, o São Paulo recebe o Bahia. Já às 18h30, Chapecoense e Bragantino medem forças, no mesmo horário em que Internacional e Fluminense vão a campo. O último confronto da noite será Mirassol x Corinthians, às 20h30.

Flamengo x Vasco

O clássico carioca no Maracanã será transmitido pela TV Globo, ge tv e Premiere. De acordo com o site de estatísticas futebolísticas, essa é a 354ª vez que as duas equipes enfrentam-se, sendo que o Rubro-Negro possui considerável vanta-

gem: são 142 vitórias, contra 105 triunfos do Vasco e um total de 107 empates.

O clube da Gávea esbanja uma sequência de quatro vitórias no Brasileiro, buscando a quinta para encostar cada vez mais no líder Palmeiras. No início da rodada, seis pontos separavam os dois times, sendo que o Rubro-Negro tem um jogo a menos. O Vasco foi derrotado pelo Corinthians (1 a 0), no último domingo (26), e iniciou a rodada na 10ª posição, com 16 pontos.

São Paulo x Bahia

O confronto entre os times paulista e baiano será realizado no Estádio Cícero de Souza Marques, em Bragança Paulista (em virtude da agenda de eventos no Morumbi, que teve apresentação do cantor The Weeknd nos últimos dias),

e contará com transmissão da TV Globo e Premiere. O confronto colocará frente a frente duas equipes que brigam por uma vaga no G4. No torneio nacional, o São Paulo, que tem 23 pontos, vem de vitória conquistada diante do Mirassol (1 a 0); o Bahia acumula 21 pontos

e vem de empate (2 a 2 com o Santos), no último sábado (25).

Internacional x Fluminense

A partida no Estádio Beira-Rio, em Porto Alegre, terá transmissão via SporTV e Premiere. O Colorado chega ao confronto buscando a vitória



Flamengo e Vasco em jogo do Campeonato Carioca 2026

para reverter o atributo de atual pior mandante da competição nacional: dos sete embates em casa que tiveram até aqui no Brasileiro, os comandados de Paulo Pezzolano ganharam apenas um. Do outro lado, o Fluminense, atual terceiro colocado na tabela, com 26 pontos, quer ampliar sua sequência de duas vitórias no Brasileiro.

Chapecoense x Bragantino

A Arena Condá será o palco do quinto confronto da história entre Chapecoense e Red Bull Bragantino, em partida com transmissão do Premiere. No retrospecto do duelo, vantagem paulista: são duas vitórias do Massa Bruta, além de um empate e um triunfo da Chape.

A equipe mandante ocupa atualmente a lanterna do cer-

tame, com apenas oito pontos somados em 12 partidas. Sem vencer desde a rodada de estreia, quando bateu o Santos por 4 a 2, a Chapecoense tem no jogo de hoje uma oportunidade crucial para reagir na competição e iniciar a recuperação na tabela.

Mirassol x Corinthians

O enfrentamento entre times paulistas que encerra a rodada será transmitido pela Record, CazéTV e Premiere. Com nove pontos somados em 12 partidas, o time do interior paulista busca uma vitória para se afastar das últimas posições e iniciar reação na tabela. Do outro lado, o Timão, que soma 15 pontos em 13 jogos, tenta vencer para se aproximar da parte de cima da classificação e ganhar fôlego na disputa.

Almanaque

Há mais de 30 anos, Félix Medeiros é um dos responsáveis pela criação e manutenção de instrumentos clássicos de corda da Orquestra Sinfônica da Paraíba (OSPB); abaixo, à dir., Félix em ação na oficina



Foto: Carlos Rodrigo

Nos entalhes da arte

Verdadeiros artesões e moldadores da música, apresentamos um vislumbre do vasto universo da lutheria

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

A música passa todo dia pelas mãos de Félix Medeiros, ainda que ele não saiba tocar nenhum instrumento. Sua profissão é antiga, apesar de pouco conhecida nos dias de hoje: *luthier*. Há mais de 30 anos, ele é um dos responsáveis pela criação e manutenção de instrumentos clássicos de corda da Orquestra Sinfônica da Paraíba (OSPB). Quando começou na Oficina Escola de Lutheria Professora Isabel Buriti, que fica localizada num dos *boxes* da Fundação Espaço Cultural José Lins do Rêgo, em João Pessoa, eram apenas dois artesões da música, com os quais Félix aprendeu as primeiras lições.

“O *luthier* é o que regula o instrumento. Se chega algum instrumento com som baixo ou não muito limpo, a gente regula e faz toda a manutenção. Ajusta o cavalete, a altura, a pestana, deixa tudo regulado para que a pessoa que vai tocar se sinta melhor no desempenho. E o *luthier* confecciona também, faz todos os instrumentos, tanto viola clássica quanto violoncelo, contrabaixo e violino”, explica o profissional.

Não existe um tempo predefinido para concluir um instrumento. Um violino, segundo Félix, pode ser finalizado em um mês, ao passo que o violão tende a ser mais rápido, e se for feito em série, isto é, cortando todas as peças para depois colá-las, pode-se fazer até cinco peças no mesmo período. O segredo da *lutheria* (ou *lutheria*) está no modo como o artesão trabalha a madeira, atentando

do para suas características e para as medidas, a fim de tirar dela uma melhor qualidade de som.

“Qualquer que seja o instrumento, tem que haver um equilíbrio, senão as notas saem do lugar. No violino, se botar o cavalete, que é a peça de madeira colada no tampo para fixar as cordas, mais para frente, vai ter que fechar mais os dedos para poder tirar as notas certas; se colocar mais para trás, vai ter que abrir mais os dedos; e se não souber dosar a barra harmônica, que é aquela ripa de madeira colada no tampo superior, do lado das cordas graves, o instrumento prende o som e fica o como uma rabeca. Então, tudo é um equilíbrio”, pontua.

De pinho a pau-brasil

Quem conhece tudo sobre madeiras na Oficina Escola de Lutheria é José Lima, mamanguapense que se criou em João Pessoa e já na adolescência trabalhava como marceneiro. Hoje, acumula mais de 40 anos de experiência como *luthier*, ofício que aprendeu com o irmão, depois que este retornou de uma temporada de três anos de estudos no Rio de Janeiro. Na arte de fazer instrumentos, José interessou-se pela acústica das madeiras e tem pesquisado sobre como os diferentes tipos interferem na sonorização.

Ele explica que as madeiras mais cônicas, como o pinho, servem para fabricação do tampo, enquanto as madeiras mais pesadas ou duras, são utilizadas para fazer a caixa dos instrumentos. As mais valorizadas costumam ser importadas da Europa, como o ébano e o abeto. “Os instrumentos de

qualidade tem algumas características fundamentais, e a primeira delas é a qualidade da madeira. Tem que ser bonita e já esteja seca há, no mínimo, cinco anos. O formato do desenho da madeira também é muito importante. Para o arco do violino, por exemplo, a madeira que melhor responde à sonorização é o pau-brasil”, ressalta o especialista.

Um *luthier* precisa entender de *designer*, acústica, elétrica e mecânica, mas José Lima ressalta que para iniciar é preciso ter vontade de aprender e algumas noções básicas de como manusear as ferramentas. Os instrumentos feitos por um *luthier* ganham valor pela qualidade que apresentam, criando um determinado padrão que consolidam seu nome, como uma assinatura sonora. O *luthier* italiano, Antonio Stradivari, por exemplo, que viveu nos séculos 17 e 18, continua sendo referência na arte de construção de instrumentos, tendo seu nome associado ao ápice das técnicas de *lutheria* pela qualidade excepcional, *design* e sonoridade dos instrumentos feitos em sua oficina.

Os músicos profissionais costumam recorrer a um *luthier* em busca de um personalizado, pois os instrumentos industrializados costumam ser recomendados para os que estão em aprendizado. Há quem busque um instrumento com som mais agudo, outro mais suave, outro mais agressivo, cabendo ao artesão da música dosar os materiais para chegar ao resultado esperado. Félix Medeiros relata que já recebeu pedidos de músicos que queriam um violino com som de viola, e conseguiu atender à solicitação.

“Quando eu faço um instrumento, é como se fosse uma criança. Quando você escuta, é como se fosse um filho seu, você fica satisfeito e, às vezes, fico até emocionado. Mas essa é uma profissão que está se acabando, apesar de ainda existirem al-

guns *luthiers* em João Pessoa. Aqui não somos muito reconhecidos. E se você cobrar um valor, o pessoal já fica com cara feia. Por isso, eu deixei de fazer serviços particulares. Dá um trabalho danado e as pessoas não dão o devido valor”, desabafa Félix.

Jovens *luthiers*

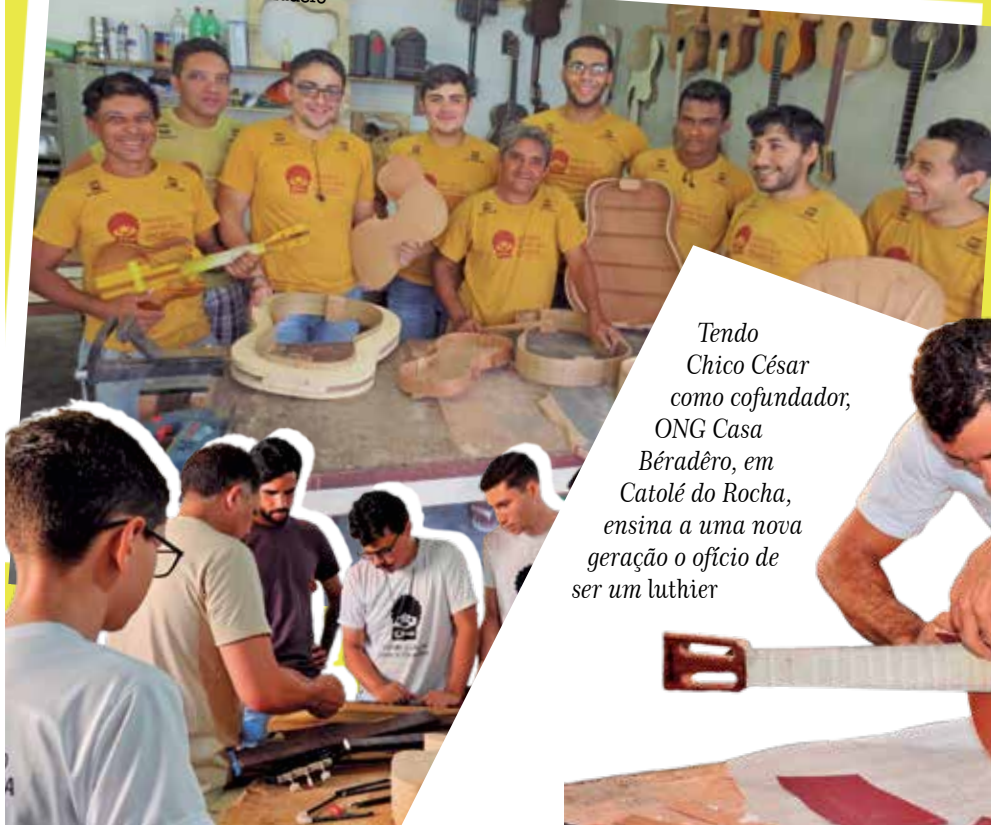
Uma das iniciativas que luta para que a profissão não morra vem de Catolé do Rocha, no Alto Sertão paraibano. A Oficina de Iniciação à Lutheria, promovida pela Casa Béradêro, ONG fundada pelo cantor e compositor Chico César e pela sua primeira professora de música, a irmã Iracy Barbosa, capacita jovens na prática da criação e restauração de instrumentos de cordas. A instituição possui uma orquestra e a *lutheria* contribui para essa iniciativa, restaurando ou confeccionando instrumentos de cordas como cavaquinho, *ukulele*, violão, guitarra, contrabaixo elétrico, violino e viola.

“A oficina começou em 2004, depois que a gente recebeu vários instrumentos para o projeto e não tinha quem consertar. Eu comecei sozinho a tentar fazer alguns reparos, mas passei a pesquisar onde existia um *luthier*. Foi então que pensamos em trazer professores de Olinda (PE), João Pessoa e Campina Grande para ministrar as aulas”, conta Luciano Silvestre, *luthier* responsável pelo acompanhamento dos jovens iniciantes.

Os alunos aprendem sobre regulação básica, troca de cordas, ajustes de escala, substituição de cavalete e outros cuidados essenciais aos instrumentos. Sob a orientação de Luciano Silvestre, eles começam por desenhar a planta do instrumento, transferem as medidas para a madeira, realizam os cortes, as colagens e o envernizamento, de modo que cada um dê forma a três violões elétricos. Geralmente, a turma é formada por 10 jovens.

“Há um interesse muito grande do pessoal em fazer o curso e a gente sempre tem que abrir mais vagas, dando a opção para eles trazerem o próprio material, porque o instituto só dispõe de uma certa quantidade. Hoje, nossa *lutheria* tem trabalhado mais com a reforma e restauração de instrumentos. Como aqui é uma cidade pequena e longe da capital, tem muitos músicos da região que nos procuram para reformar, alinhar ou fazer ajustes. Eu me sinto muito feliz em transmitir o que aprendi”, destaca o *luthier*.

Fotos: Arquivo Casa do Béradêro



Tendo Chico César como cofundador, ONG Casa Béradêro, em Catolé do Rocha, ensina a uma nova geração o ofício de ser um *luthier*



Fotos: Carlos Rodrigo

Ferreira Lima

Radialista marcou a história da comunicação no Alto Sertão da PB

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Dentre as muitas figuras da radiofonia paraibana, o cearense Ferreira Lima, com sua voz potente, marcou a história da comunicação no Alto Sertão paraibano. Imprimindo identidade, credibilidade e emoção à notícia transmitida pelas ondas hertzianas, ele construiu uma trajetória profissional sólida como jornalista, predador e repórter, inclusive com colaborações para o jornalismo impresso.

Nascido em 16 de setembro de 1941, em Juazeiro do Norte (CE), o terceiro filho do casal Severino Ferreira Lima e Maria Ramalho Lima, dedicou-se, desde cedo, ao trabalho como auxiliar de marcenaria para ajudar no sustento familiar. Não chegou a realizar os estudos secundários, mas como era empenhado, o jovem rapaz começou a realizar concertos em rádios e outros equipamentos eletrônicos, após um curso de eletrotécnica.

A voz grave e a boa entonação, no entanto, não passou despercebida e o levou para a comunicação sonora. Com 22 anos, já trabalhava na divulgação de comerciais em carro de som, em pequenas empresas de publicidade volante, assim como no Serviço de Alto-falantes Cicerópolis (Saci) e de breves passagens pelas rádios Progresso e Iracema, ainda em sua terra natal.

Quem relata essas informações e a migração para a Paraíba é o filho único do radialista, o advogado José Ferreira Lima Júnior, que também é cearense,

mas transferiu-se ainda criança, com o pai e a mãe, para Cajazeiras, no Sertão paraibano: “O diretor da Difusora Rádio de Cajazeiras procurava radialistas para seus programas nas cidades vizinhas. Alguém indicou que ele procurasse um Juazeiro do Norte, pois havia muitos radialistas por lá. Então, ele tomou conhecimento do meu pai, que trabalhava fazendo divulgação com o serviço de som. Houve o convite e ele veio para Cajazeiras, conversou com a direção da rádio e aceitou, passando a morar em definitivo por aqui”.

Na emissora, considerada pioneira do Sertão do estado, o radialista era responsável pelos noticiários veiculados ao longo da programação. Pela manhã, comandava também uma espécie de revista eletrônica chamada *Rádio Variedades*, reunindo relatos de fatos do cotidiano, informações sobre o tempo e curiosidades. Ferreira Lima fazia a pesquisa, a redação dos textos e também apresentava o programa.

“Na época, a rádio era o principal meio de comunicação e a voz dele marcava, porque era uma voz grave, uma voz forte. E como ele lia muito bem e se exprimia com muita atenção, tinham pessoas que vinham até de outras cidades para conhecer a pessoa dele”, conta o fi-



Cearense radicado na Paraíba imprimiu identidade e credibilidade à notícia transmitida pela Difusora Rádio de Cajazeiras, pioneira no Sertão do estado

angelicalucio@gmail.com

Angélica Lúcio

Jornalismo e tragédia no pensamento de Alain de Botton

Recentemente, eu trouxe aqui uma reflexão sobre os limites éticos do jornalismo diante da dor alheia. Retomo ao tema das tragédias, pois a fronteira entre o dever de informar e o espetáculo de horror é tênue. Buscando aprofundar o debate, revisei o livro *Notícias: manual do usuário*, de Alain de Botton.

No capítulo “Desastre”, o autor suíço afirma que as pessoas podem “contar com o noticiário para mergulhar no caldeirão do horror humano”. Para o filósofo, porém, uma reação digna seria desviar o olhar e insistir que mortes e traumas dessa natureza, como suicídio, envenenamento, estupro e assassinato a tiros são “tristes demais e de caráter muito privado para serem submetidos ao exame de estranhos”.

Botton levou-me a pensar que acompanhar o noticiário sobre tragédias, com relatos escabrosos que afetam a vida de homens e mulheres de todo o planeta, não deve ser visto como algo simples. “Não é difícil caracterizar como inútil e de mau gosto o interesse do público por histórias horríveis. Mas, por baixo da banalidade superficial, deveríamos reconhecer que, muitas vezes, estamos tentando — de maneira confusa e desarticulada — chegar a algo importante”.

Para o filósofo, o orgulho nesse tipo de história nem sempre se resume à busca, apenas, por entretenimento ou distração. “Talvez saíamos em busca desses relatos bárbaros para controlar melhor nosso eu mais civilizado — e em particular para

nutrir nossas reservas sempre efêmeras de paciência, autocontrole, perdão e empatia”, defende. E propõe que o foco se direcione para a forma como o relato é feito:

“Em vez de sermos moralistas e investirmos contra nosso fascínio por eventos hediondos, o desafio deveria passar pelo



Filósofo suíço em seu livro *Notícias: um manual do usuário*: “Em vez de sermos moralistas e investirmos contra nosso fascínio por eventos hediondos, o desafio deveria passar pelo ajuste da forma como eles são relatados”

ajuste da forma como eles são relatados”. Botton sugere que as calamidades devem ser apresentadas de modo diferente, de “maneira a nos estimular ao máximo a não fazer as coisas que nossas partes mais caóticas — em circunstâncias extremas — ficariam interessadas em explorar”.

Conforme o filósofo, “a probabilidade de que simpatizemos com alguém que mata o cônjuge ou os filhos depende em grande medida da forma como a história é contada: que informações recebemos a respeito dessa pessoa, a maneira como nos apresentam as motivações, bem como o grau de percepção e complexidade com que sua psique é exposta”.

Segundo Alain de Botton, ao relatar uma tragédia, o noticiário tende a apresentar os comportamentos mais terríveis como sendo exclusivos de determinada pessoa. Mas “estamos todos a um passo da catástrofe”, alerta.

Boa parte do noticiário, lembra o pensador suíço, “é um relato sobre pessoas de toda a parte do mundo, em todo tipo de situação, fazendo as coisas de forma muito errada. Elas não conseguem dominar as emoções, conter as obsessões, distinguir o certo do errado e se comportar corretamente enquanto ainda há tempo”, pontua o autor. E reforça: “Não devemos desperdiçar seus fracassos”.

Para ele, tanto o exemplo de figuras inspiradoras quanto as ações daqueles cujo comportamento deve nos assustar e horroizar têm algo a nos ensinar. “As tragédias não devem apenas nos ajudar a sermos bons, mas nos estimular a sermos gentis”.

No fim, Botton demonstra que o noticiário de tragédias também possui uma função social. Afinal, precisamos que as notícias não apenas choquem, mas que nos ensinem, de fato, a ser humanos.

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

Os novos caminhos da MPB

Boa música como a “boa” literatura quase sempre se eternizam no subconsciente eletivo e afetivo daqueles que cultivam o saudável costume de se darem ao hábito de praticá-la.

Não é necessário dizer-se que músicas e obras literárias vão se perpetuando há mais de centenas de anos, senão há mais tempo. As emoções que nos são transmitidas por Mozart, Beethoven, Bach, List, Chopin, Shuman, os Strauss, Schubert e dezenas de outros compositores ditos “clássicos”, como a leitura de obras consagradas na literatura universal ou nacional, passada ou mais recente, fazem-nos “caminhar” por caminhos ou mares “nunca dantes navegados”... É ouvir ou ler para crer!...

Concentrando-nos no aspecto musical, essas considerações nos vêm a propósito dos caminhos e das perspectivas que estão a espreitar a MPB, especificamente, a música dita popular. Tanto que tem sido comum ouvir-se a afirmativa, já quase um aforismo, de que “já não se fazem músicas como antigamente”. Se observarmos, atentamente, o que tem surgido no nosso universo musical, fica fácil observar o que se afirma: mesmo os melhores e maiores astros e estrelas, compositores e intérpretes têm se tornado omissos, quando se fala de criação das chamadas músicas que viraram hits...

E entre o que se ouve ou o que se faz, atualmente, têm se proliferado os repetitivos “piseiros”, as músicas de “sofrência”, capitaneados pelos salseiros e funks-bregas, cujas letras, via de regra, fazem a apologia a usos e costumes desregrados de uma sociedade que se vai deixando corromper, fazendo a louvação da “ostentação” e, algumas vezes, até a apologia que contradizem



Cenários e palcos em que se apresentam os astros e as estrelas da atualidade buscam levar o grande público a delírios ofegantes

hábitos e costumes mais civilizados, se é que me entendem!...

E o que não dizer dos cenários e palcos em que se apresentam os astros e as estrelas de hoje?... Nos “astros”, sobressaem mais suas posturas machistas de ostentação, enquanto as “estrelas”, com raras exceções, chamam mais atenção pelas minúsculas vestimentas e pelas obscenidades expostas a qualquer preço...

Tudo, segundo penso, busca levar a massa, o público, a delírios ofegantes, em que o que vale mais é o prazer momentâneo das apresentações ao vivo do que qualquer mensagem que as “músicas” nos possam transmitir.

Acredito até que os veículos públicos de divulgação ajudam a “fazer a cabeça” dos que são responsáveis pela condução de tais espetáculos, fazendo com que, aos poucos, o

povo vá se acostumando com o que vale é “balançar o esqueleto”.

Vejo tudo isso com enorme apreensão e tristeza, o que vai me tomando uma espécie de dinossaurio musical, mas, assim mesmo, vou “tocando em frente”, buscando na boa música um lenitivo acolhedor de minhas mais belas recordações vinculadas ao que ainda se chama “boa música...”

Vejo tudo isso com enorme apreensão e tristeza, o que vai me tomando uma espécie de dinossaurio musical, mas, assim mesmo, vou “tocando em frente”, buscando na boa música um lenitivo acolhedor de minhas mais belas recordações vinculadas ao que ainda se chama “boa música...”

Vejo tudo isso com enorme apreensão e tristeza, o que vai me tomando uma espécie de dinossaurio musical, mas, assim mesmo, vou “tocando em frente”, buscando na boa música um lenitivo acolhedor de minhas mais belas recordações vinculadas ao que ainda se chama “boa música...”

Vejo tudo isso com enorme apreensão e tristeza, o que vai me tomando uma espécie de dinossaurio musical, mas, assim mesmo, vou “tocando em frente”, buscando na boa música um lenitivo acolhedor de minhas mais belas recordações vinculadas ao que ainda se chama “boa música...”

Vejo tudo isso com enorme apreensão e tristeza, o que vai me tomando uma espécie de dinossaurio musical, mas, assim mesmo, vou “tocando em frente”, buscando na boa música um lenitivo acolhedor de minhas mais belas recordações vinculadas ao que ainda se chama “boa música...”

Vejo tudo isso com enorme apreensão e tristeza, o que vai me tomando uma espécie de dinossaurio musical, mas, assim mesmo, vou “tocando em frente”, buscando na boa música um lenitivo acolhedor de minhas mais belas recordações vinculadas ao que ainda se chama “boa música...”

Vejo tudo isso com enorme apreensão e tristeza, o que vai me tomando uma espécie de dinossaurio musical, mas, assim mesmo, vou “tocando em frente”, buscando na boa música um lenitivo acolhedor de minhas mais belas recordações vinculadas ao que ainda se chama “boa música...”

Vejo tudo isso com enorme apreensão e tristeza, o que vai me tomando uma espécie de dinossaurio musical, mas, assim mesmo, vou “tocando em frente”, buscando na boa música um lenitivo acolhedor de minhas mais belas recordações vinculadas ao que ainda se chama “boa música...”

Vejo tudo isso com enorme apreensão e tristeza, o que vai me tomando uma espécie de dinossaurio musical, mas, assim mesmo, vou “tocando em frente”, buscando na boa música um lenitivo acolhedor de minhas mais belas recordações vinculadas ao que ainda se chama “boa música...”

Vejo tudo isso com enorme apreensão e tristeza, o que vai me tomando uma espécie de dinossaurio musical, mas, assim mesmo, vou “tocando em frente”, buscando na boa música um lenitivo acolhedor de minhas mais belas recordações vinculadas ao que ainda se chama “boa música...”

Vejo tudo isso com enorme apreensão e tristeza, o que vai me tomando uma espécie de dinossaurio musical, mas, assim mesmo, vou “tocando em frente”, buscando na boa música um lenitivo acolhedor de minhas mais belas recordações vinculadas ao que ainda se chama “boa música...”

Vejo tudo isso com enorme apreensão e tristeza, o que vai me tomando uma espécie de dinossaurio musical, mas, assim mesmo, vou “tocando em frente”, buscando na boa música um lenitivo acolhedor de minhas mais belas recordações vinculadas ao que ainda se chama “boa música...”

Vejo tudo isso com enorme apreensão e tristeza, o que vai me tomando uma espécie de dinossaurio musical, mas, assim mesmo, vou “tocando em frente”, buscando na boa música um lenitivo acolhedor de minhas mais belas recordações vinculadas ao que ainda se chama “boa música...”

TECNOLOGIA

Escola é tão envolvente quanto um *videogame*?

Plataforma aplica elementos de jogos eletrônicos a uma rotina educacional

Agência Estado

Em um momento no qual crianças e adolescentes passam horas em plataformas como Roblox, Minecraft e redes sociais, a escola tradicional enfrenta um desafio crescente: manter a atenção dos alunos. Para uma nova geração de empreendedores, o problema não está apenas no conteúdo, mas na forma como ele é apresentado.

É nesse contexto que surge a Gamefik, *edtech* brasileira que aposta em transformar a experiência escolar em algo mais próximo da lógica dos jogos. A proposta é tornar o processo de aprendizado tão envolvente quanto um *game*, nas palavras dos fundadores.

“A escola passou a competir com empresas que investem bilhões para capturar a atenção dos jovens. Hoje, essa disputa é desigual”, afirma Marcelo Brenner, sócio-fundador da *startup*. “Nosso objetivo é tornar essa competição mais justa”.

A empresa desenvolveu uma plataforma que aplica elementos de jogos, como missões, recompensas e progresso, à rotina escolar. Na prática, alunos passam a cumprir atividades como se estivessem dentro de um sistema “gamificado”, acumulando pontos e evoluindo ao longo do processo.

A origem da Gamefik está longe dos grandes centros de inovação. Brenner e seus sócios começaram a empreender ainda jovens, ao criar uma escola de programação e robótica dentro de casa, em Belo Horizonte (MG).

Sem formação superior, os fundadores interromperam os estudos para empreender. O negócio cresceu e chegou a 19 unidades em quatro estados antes de ser vendido, em 2018. Foi a partir dessa experiência que nasceu a Gamefik, inicialmente como uma ferramenta interna para engajar os alunos.

“Os pais diziam que os filhos não queriam ir para outras atividades, mas não faltavam às nossas aulas. A gente percebeu que o diferencial estava na forma como engajávamos esses alunos”, afirma Brenner.

Mudança

A aposta da *startup* acompanha uma mudança mais ampla no setor educacional. Com o aumento das distrações digitais, escolas passaram a olhar o engajamento como um indicador estratégico, diretamente ligado ao desempenho e à permanência dos alunos.

Hoje, a Gamefik atende instituições de diferentes perfis, de escolas públicas a cursos extracurriculares. A plataforma soma mais de 350 mil usuários e já está presente em mais de mil escolas no Brasil. Dados da empresa indicam que 90% dos alunos apresentam maior engajamento com o uso da solução, enquanto 63% das escolas registraram aumento na retenção dos estudantes.

Apesar de ter surgido a partir da “gamificação”, a empresa vem reposicionando seu produto como uma plataforma de engajamento educacional. O movimento acompanha a

“**‘Gamificação’ virou um termo limitado para o que a gente faz hoje. O foco não é o jogo, mas o engajamento como base da aprendizagem**”

Marcelo Brenner

ampliação da solução, que passa a incluir recursos como apoio ao professor, comunicação com famílias e uso de inteligência artificial (IA) na criação de atividades.

“‘Gamificação’ virou um termo limitado para o que a gente faz hoje. O foco não é o jogo, mas o engajamento como base da aprendizagem”, afirma Brenner.

Crescimento

Diferentemente de muitas *startups* do setor, a Ga-

mefik cresceu sem aportes de fundos de investimento. A empresa foi financiada, principalmente, com recursos próprios dos seus fundadores.

Em 2025, a *edtech* registrou faturamento de R\$ 2,5 milhões e projeta alcançar entre R\$ 3 milhões e R\$ 4 milhões em 2026, impulsionada pela expansão da base de clientes e pela demanda por soluções educacionais mais interativas.

Para os fundadores da empresa, o avanço da tecnologia não deve ser visto como um obstáculo, mas como parte de uma solução para a educação.

“Nós não estamos competindo contra os *games*. Nós estamos aprendendo com eles”, afirma Marcelo Brenner.

A tese é que, em um ambiente cada vez mais disputado pela atenção e foco, o aprendizado precisa ser tão envolvente quanto qualquer outra experiência digital. Caso contrário, a escola tende a perder espaço na rotina das novas gerações.

Charada

Francelino Soares: francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: Crustáceo marinho (2) = siri + instrumento musical de boca (2) = gaita. **Solução:** garota espevitada (4) = sirigaita.

Charada de hoje: Um conselho para ti: toca em frente (2) e conduz (2) o teu importante documento (4).



Ilustração: Bruno Chiossi



Eita!!!!

Prêmio Grampo

Entre as premiações mais notáveis dos quadrinhos no Brasil, como o HQMix e o Troféu Angelo Agostini, o Prêmio Grampo é o “caçula”. Criado em 2016, pelo jornalista Ramon Vitral, pelo editor e quadrinista Lielson Zeni e pela professora e tradutora Maria Clara Carneiro, foi divulgado, no fim de semana passado, os destaques de 2025. Nessa 11ª edição da premiação, os três primeiros lugares (Grampo de Ouro, Prata e Bronze) foram para obras nacionais. Essa é a quarta vez que as três primeiras colocações ficam com títulos brasileiros (também aconteceu em 2016 e 2022). Entre os vencedores, um autor paraibano. A cada ano, o júri é composto por 20 profissionais que atuam no meio dos quadrinhos. Todos fazem um *ranking* das 10 HQs preferidas lançadas em 2025. A lista completa pode ser acessada nos sites *Balbúrdia* (balburdia.net) e *Vitralizado* (vitralizado.com). Confira a seguir os três trabalhos vencedores.

Algumas de suas verdades ainda moram em mim (Conrad)

A obra de Alexandre S. Lourenço recebeu o Grampo de Ouro, constando em oito das 20 listas dos jurados convidados, tendo acumulado 61 pontos na contagem dos votos. A coletânea reúne os trabalhos *Boxe e Durma bem, monstro*, além de trabalhos inéditos do autor carioca. “Não é um livro sobre forma, é um livro sobre relação pai e filho, em tantos níveis de doçura, culpa, terror, medo e amor, que é perder tudo ficar falando da estrutura vazia”, escreveu o jurado Lielson Zeni, no texto que anuncia a HQ como vencedora.

Boca de siri (Pitaya/Harper Collins Brasil)

A HQ do paraibano Paulo Moreira (imagem acima) teve 57 pontos e estava presente em nove listas, conquistando o Grampo de Prata. A trama é centrada na chegada de um caranguejo gigante em João Pessoa que quer impedir a obra de alargamento da orla. Para impedi-lo, a prefeitura manda o robô Parahybatron (pilotado por um recifense e patrocinado por uma empresa de apostas). O embate é acompanhado sob a perspectiva dos jovens Ygo, Vitória e Duda.

Dormindo entre cadáveres (Comix Zone)

A terceira posição, garantindo o Grampo de Bronze (com 43 pontos e presente em sete listas), foi do álbum baseado em fatos e feito a quatro mãos pelo português Luís Moreira Gonçalves e pelo carioca radicado em São Paulo Felipe Parucci. A obra é um relato pessoal de um então professor universitário lusitano de química, residente em São Paulo (o próprio roteirista, Gonçalves), que aceitou colaborar na linha frente contra o Covid-19 em Rondônia, no auge da crise sanitária que deixou mais de 700 mil mortos no país.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 - costela; 2 - perna no banco; 3 - remendo; 4 - chapéu; 5 - cauda do coelho; 6 - orelha do coelho; 7 - cauda do tuco; 8 - bico do tuco; 9 - dedo.

Tiras

O Conde

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Jafoi & Jaera

Jorge Rezende (argumento) e Tônio (arte)

